

ALEXANDRE DE ARAÚJO

EM DEFESA DO ESPÍRITO SANTO

2011

Direitos autorais reservados à Edições Ebenézer, 2011.

Gerência editorial: Rômulo Pereira Borges

Texto: Alexandre de Araújo

Revisão teológica: Davi Paes Silva, Joraí Pereira da Cruz, Marcelo de Araújo Silva e Rômulo Pereira Borges.

Revisão:

Diagramação:

Capa: Luzirlei Gomes de Azevedo

Impressão:

1ª edição

2011

Tiragem:

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Salvo indicação, todas as citações bíblicas foram feitas da *Nova Versão Internacional* © Copyright por International Bible Society, 2000.

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

ARAÚJO, Alexandre

Em defesa do Espírito Santo / Alexandre de Araújo. Almirante Tamandaré, PR: Edições Ebenézer, 2011.

ISBN

CDD-

Índice para catálogo sistemático:

1.

Edições Ebenézer

Caixa postal 87

Rua Frei Jacinto Govaski, 707 – Bairro Botiatuba

CEP 83501-970 – Almirante Tamandaré – PR

Telefone: 0 xx 41 3657-3349 – www.sete.edu.br

Impresso no Brasil / *Print in Brazil*

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – A história do debate sobre a divindade.....	5
Capítulo 2 – A revelação da Trindade de Deus no Antigo Testamento.....	15
Capítulo 3 – A revelação da Trindade de Deus no Novo Testamento.....	22
Capítulo 4 – Em defesa da plena Divindade de Cristo	38
Capítulo 5 – Quem é o Espírito Santo	51
Capítulo 6 – O espírito Santo nos escritos de Ellen G. White.....	62
Capítulo 7 – É bíblico o batismo em nome de Jesus?	76
Capítulo 8 – Explicações de algumas questões sobre a Divindade.....	84
Apêndice 1 – Quadro comparativo da trindade	100
Apêndice 2 – Nomes e títulos do Espírito Santo	104
Bibliografia	108

Introdução

A importância de estudarmos essa questão foi destacada por Jesus: “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” Jo 17.3. Para Ele o correto conhecimento de Deus envolve a salvação da pessoa. Contudo, apesar disto, enfrentamos algumas dificuldades para conhecermos plenamente a Deus.

Em primeiro lugar, existe uma limitação natural inerente a condição humana. Devido a diferença abissal que há entre o homem e Deus, precisamos ter humildade para reconhecer que não podemos saber tudo sobre a divindade.

A tradição conta uma história sobre Santo Agostinho que pode nos ajudar a entender as limitações que temos em entender a natureza tri-una de Deus. O sábio pai da Igreja estava preocupado em compreender como Deus sendo um podia ser três. Para refrescar a cabeça ele resolveu caminhar na praia enquanto refletia sobre o problema. Imerso em seus pensamentos ele só percebeu uma criança brincando na beira do mar quanto já estava bem próxima dela. O menino havia cavado um buraco na areia e com uma canequinha corria para o mar para encher de água salgada. Em seguida ele corria para o buraco para derramar a água nele. Depois reiniciava o processo. Tomado pela curiosidade, o ilustre pensador perguntou ao menino:

“O que você está fazendo?”

“Colocando o mar dentro desse buraco”, respondeu candidamente a criança.

Antes de retrucar que aquilo era impossível, Santo Agostinho se deteve e como se um raio atingisse seu coração entendeu que ele estava fazendo a mesma coisa. Tentar entender Deus em todas as suas dimensões é como querer colocar o oceano dentro de um buraco.

Em segundo lugar, o tema da natureza de Deus não é apresentado de forma explícita nas Escrituras. Se a Bíblia fosse escrita pelos gregos, ela seguiria uma ordem lógica que já estamos acostumados. Em Gênesis, ela começaria a definir quem é Deus, no capítulo seguinte apresentaria seus atributos, para logo discutir os argumentos filosóficos para a Sua existência, e assim por diante. Contudo, não foi assim que ela foi escrita. Como os escritores eram israelitas, eles seguiram a lógica semítica e a forma de pensar típica dos povos orientais. Neste caso, Deus se revelou através da História desse povo. Por ser tão subjetiva para entender essa revelação é preciso analisar todos os aspectos da questão. Se selecionarmos apenas alguns textos isolados, com toda a certeza, cairemos em erro. Seria como observar uma pintura. Se ficarmos muito próximos do quadro, veremos apenas um monte de borrões de diversas cores. Para apreciar a sua beleza precisamos dar alguns passos para trás e ver obra toda. Da mesma

forma somente um estudo que aborde todos os textos que falem do tema poderá nos capacitar para entender o tema.

Quando perdemos essa capacidade de ver o todo, o objeto de nosso estudo bíblico vai parecer que se contradiz em muitos pontos. Por isso, encontrar uma resposta que harmonize todos os ângulos da questão não é uma tarefa fácil.

Em terceiro lugar, existe uma tendência natural no coração humano para aceitar o erro e evitar a verdade. Somos pecadores, e o pecado influencia a nossa forma de pensar e afeta o nosso entendimento. É por isso que a palavra profética nos adverte que nos últimos dias surgiriam muitos falsos profetas, que teriam muitos seguidores (Mt 24.11; At 20.29, 30; 1Tm 4.1,2; Jd 17-19).

Sobre este perigo Ellen White nos adverte:

“Nestes últimos dias, surgirão falsos mestres que se tornarão ativamente zelosos. Serão apresentados todos os tipos de teorias para desviar a mente de homens e mulheres da própria verdade que define a posição que podemos ocupar com segurança neste tempo em que Satanás está operando com poder nos pregadores, induzindo-os a ter a pretensão de ser justos, deixando de colocar-se, porém, sob a orientação do Espírito Santo.

“Falsas teorias serão mescladas com todos os aspectos da experiência, e defendidos com ardor satânico, para cativar a mente de toda alma que não está arraigada e firmada no pleno conhecimento dos sagrados princípios da Palavra. *Entre nós mesmos surgirão falsos mestres*, dando atenção a espíritos enganadores cujas doutrinas são de origem satânica. Esses mestres arrastarão discípulos atrás deles. Insinuando-se sorrateiramente, usarão de palavras lisonjeiras e farão hábeis deturpações com enganosa habilidade.

“A única esperança de nossas igrejas é manterem-se bem despertas. Os que estão bem firmados na verdade da Palavra, os que provam tudo por um ‘Assim diz o Senhor’, estão seguros. O Espírito Santo guiará os que prezam a sabedoria de Deus acima dos enganosos sofismas de instrumentos satânicos.” 99MM 125.

Por isso, quando se levanta alguém ensinando algo que é contrário ao que está escrito, encontra vários seguidores. Nessa onda várias almas sinceras acabam se perdendo, seduzidos pelo erro. Depois que a pessoa duvida apenas de algum ponto da fé que cria ela abre a porta para outros erros e assim ela acaba crendo em coisas que um dia achou absurdo. Os grupos que se tem levantado contra a Trindade, procuram atacar essa verdade pelo ponto menos conhecido pelo crente comum, a pessoa do Espírito Santo. Eles não questionam a divindade de Cristo por que esse ponto é muito mais estudado e conhecido pelo crente comum. Mesmo que ele não seja capaz de apresentar provas conclusivas, o cristão médio pode apresentar alguns pontos difíceis de serem refutados pelo que não crê na Trindade divina. É uma estratégia de guerra. Se os muros de uma cidade estão muito fortificados em um ponto, então

deve-se atacar os pontos menos vigiados. Infelizmente, e para grande prejuízo da igreja cristã, a doutrina do Espírito Santo tem sido pouco estudada aos longos dos séculos. Por se conhecer tão pouco sobre Ele, os hereges miram sua artilharia contra esse aspecto da doutrina da Trindade. Eles sabem que depois que a pessoa descrê da personalidade do Espírito Santo, ela estará pronta para aceitar a idéia de que Cristo não é Deus, ou pelo menos que Ele não é eterno como o Pai.

Contudo o processo de desestruturação doutrinária continua. O próximo ponto a ruir é a crença no dom profético manifestado no ministério de Ellen G. White. Acontece que o que ela escreveu sobre a divindade é tão contundente que não há como manter a veracidade da sua obra se não se aceita a doutrina da Trindade.

A partir desse ponto a alma pode tomar vários caminhos. Temos visto alguns seguirem o caminho da descrença, ao ponto de duvidar da integridade do texto bíblico. Alguns chegam a duvidar que o evangelho de Mateus é canônico ou acham que a Bíblia foi adulterada. Outros podem radicalizar o seu monoteísmo e acabam judaizando a sua fé. Assim, começam a ensinar que a única forma de cultuar a Deus é seguindo os ritos culturais judaicos, ou seja, adotando-se a cultura judaica. Para esses Jesus é uma palavra pagã e a forma correta do nome do Salvador é Yehoshua. Contaram-me que alguém que seguiu essa senda, quando recebe visita de pessoas que comungam da sua incredulidade pergunta: “Qual é a novidade?” O coração humano é assim. Se conhecêssemos mais a nós mesmos desconfiaríamos mais de nossa capacidade de entender a verdade e desconfiaríamos mais do erro.

Por outro lado se aceitarmos a doutrina da deidade de Cristo, a fé na doutrina da personalidade do Espírito Santo e da Trindade virão juntas. Como veremos nas próximas páginas, a divindade de Cristo é clara nas Escrituras e foi discutida ao longo da história da igreja. É um tema estudado a exaustão e por isso muito difícil de contestar. Por não haver nenhuma novidade nos argumentos apresentados, não é difícil defendê-la. Como dissemos, a questão da personalidade do Espírito Santo é um tema muito menos estudo. Podemos perceber isso quando se consulta uma obra sobre teologia sistemática. Depois de várias páginas provando a divindade de Cristo os autores dedicam poucos parágrafos a pessoa do Espírito Santo, isso quando nem discutem o tema da Pneumatologia (a doutrina do Espírito Santo).

A plena divindade de Cristo pressupõe a Trindade. Quando alguém nega a Trindade deve aminorar a divindade de Cristo. Por isso, eles não aceitam a eternidade dEle, o que torna um deus menor ou subordinado, mas não Deus pleno. Existem diferentes graus de negação da deidade de Cristo. Há aqueles que preferem apenas negar a Sua eternidade. Outros afirmam

que Ele não é Deus ou que Ele usa o título apenas pela vontade de Deus e não para descrever a Sua natureza intrínseca e nata.

O assunto exige atenção até por aqueles que crêem nessa doutrina. Muitos cristãos bem intencionados tentam explicar a doutrina da Trindade fazendo analogia com fatos e coisas terrenas e acabam caindo no erro do triteísmo. Quando falamos de forma tão distinta sobre a função de cada um dos membros da divindade podemos transparecer que cremos em três deuses. Por isso, evite explicar a Trindade com analogias. Podemos falar de três pessoas mas não de três indivíduos.

Talvez o leitor mais criterioso se questione por que usamos a palavra Trindade neste livro? Afinal, ao falar do Pai, Filho e Espírito Santo seria melhor usar a palavra triunidade e não Trindade. Triunidade enfatiza a unidade, ao mesmo tempo que destaca que há três pessoas na divindade enquanto a palavra Trindade fala de três pessoas, sem destacar a unidade dentro da divindade. Outra razão que as pessoas apresentam para rejeitar o uso dessa palavra é a idéia de que Igreja Católica detém o direito autoral para o seu uso. Como nenhum protestante quer ser acusado de papista é fácil criar uma certa rejeição a nomenclaturas que estão associadas a este sistema. Contudo, não foi a igreja Católica que criou o nome e muito menos a doutrina, como veremos nas próximas páginas.

Mesmo que esta palavra não seja encontrada na Bíblia, é um termo corrente entre os cristãos. Para os estudiosos da Bíblia esta palavra define posições, sem precisar maiores esclarecimentos. Por estes motivos, usamos esse termo ao longo desse trabalho e não vimos razão para a sua rejeição.

Uma última palavra de esclarecimento aos nossos leitores: Ellen White adverte-nos contra as especulações sobre a pessoa de Deus e, por extensão, sobre o Espírito Santo. A moldura histórica que envolveu esses conselhos foi a crise panteísta que o Movimento Adventista enfrentou a mais de cem anos atrás. Note que ela não está proibindo o seu estudo, mas sim as especulações filosóficas que vão além do que está escrito.

“Não é essencial que sejamos capazes de definir exatamente o que seja o Espírito Santo. Cristo nos diz que o Espírito é o Consolador, o ‘Espírito de verdade, que procede do Pai’. Jo 15.26. Declara-se positivamente, a respeito do Espírito Santo, que, em Sua obra de guiar os homens em toda a verdade ‘não falará de Si mesmo’. Jo 16.13.

“A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lho revelou. Com fantasiosos pontos de vista, podem-se reunir passagens da Escritura e dar-lhes um significado humano; mas a aceitação desses pontos de vista não fortalecerá a igreja. Com relação a tais mistérios - demasiado profundos para o entendimento humano - o silêncio é ouro. AA 51, 52.

Capítulo 1

A história do debate sobre a divindade

A natureza da divindade não foi motivo de discussão nos primeiros anos do Cristianismo. O centro da pregação dos primeiros cristãos era a morte e ressurreição de Cristo. Paulo lembrou aos coríntios o conteúdo principal do seu ensino: “Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras.” 1Co 15.3, 4. Se lermos com atenção os primeiros sermões pregados pelos apóstolos e narrados no livro de Atos veremos que esse era o seu principal tema.

Contudo, a medida que a mensagem evangélica ia alcançando outros territórios, outras culturas e, portanto, outros grupos religiosos a questão da natureza do Cristo pregado pela igreja começou a ser mais discutida. Quem era esse Cristo em quem a Igreja centrava a fé? A releitura da Sua história acabou levando a várias interpretações da Sua natureza.

Era natural que o judaísmo, com sua forte ênfase ao monoteísmo, tivesse influência sobre muitos cristãos. Esse grupo de cristãos ficou conhecido como os ebionistas. Eles negavam a divindade de Cristo e o consideravam um simples homem, filho de José e Maria, que se tornou Cristo a partir do seu batismo.

Se existiam os que sacrificavam a divindade pela defesa da humanidade de Cristo, havia os que faziam exatamente o contrário. Os *gnósticos*, profundamente influenciados pelo pensamento dualista grego, entendiam que a matéria é má e que por isso era impossível que Deus tivesse criado o mundo e que Jesus tivesse um corpo carnal. Uma fagulha divina – ou emanção de Deus – teria criado o mundo. Os *docetistas* (do grego *dokeo*, que significa “parecer”) foi um grupo liderado por Cerinto (85 d.C.). Ele cria que a humanidade de Cristo era ilusória e que Cristo apenas “parecia” ser real. Para outros docetistas Cristo apossou-se de Jesus, quando de seu batismo e o abandonou na sua morte na cruz. João se opôs firmemente a estas idéias (veja 1Jo 1.1-3 e 4.1-3).

Outro grupo que levou divisão e debates dentro da Igreja foram os *modalistas*. Eles também rejeitavam a humanidade de Cristo para, ao seu ver, preservar a unidade dentro da divindade. O problema deles foi relacionar Cristo a Deus. Eles enfatizavam a unidade de Deus e não concebiam a pluralidade divina. No século III, Paulo de Samósata ensinava que Cristo não era divino mais apenas um homem que, pela justiça e pela penetração de seu ser pelo Logos divino, alcançou a divindade e o caráter de salvador. Sua teologia era unitarianista e sua doutrina ficou conhecida como monarquismo dinâmico.

O monarquismo modalista foi proposto por Sabélio, que começou a pregar por volta do ano 200 d.C. Ensinava uma Trindade de manifestação de formas e não de essência. Assim, para os sabelianos, Deus se manifestou como Pai no AT, Filho no NT e Espírito Santo na nova dispensação, sendo apenas uma única pessoa.

Mas o grupo que maior impacto teria sobre a igreja foi o liderado por Ário, presbítero de Alexandria em 256-336 dC. Ele ensinava que o “logos” seria uma emanção ou expressão de Deus, mas que não podia ser identificado com o Deus altíssimo, que deveria se visto como totalmente transcendental. Para Ário o Logos fora criado por Deus e se tornou o agente ativo da criação. O Concílio de Nicéia (325dC) combateu as idéias arianas.

Existem outras heresias com respeito a natureza de Jesus, mas essas poucas podem nos advertir sobre o cuidado que deve envolver o estudo sobre a doutrina de Cristo. Como disse o Senhor a Moisés: “Tira a sandália dos seus pés, pois onde estás pisando é terra santa.” O avanço da história não tem alterado grandemente as várias opiniões do mundo sobre Jesus, em nossos dias encontramos todos os pontos de vista que havia na antiguidade, embora com algumas variações.

E sobre o Espírito Santo?

Pelo que vimos até agora, o debate sobre a divindade esteve a maior tempo centrada na pessoa de Jesus Cristo. Se bem que todo grupo que negasse a plena divindade de Cristo estaria automaticamente negando a doutrina bíblica da Trindade, poucos grupos centravam suas ideias na pessoa e obra do Espírito Santo. Contudo, em alguns momentos da história do cristianismo surgiram grupos heréticos que focavam a pessoa e a obra do Espírito Santo. Uma das primeiras heresias relacionadas com o Espírito Santo foi o Montanismo, surgido na metade do segundo século da era cristã, que defendia um culto em torno da terceira pessoa da divindade. Montano, originário da Ásia Menor, foi um sacerdote convertido do culto pagão a Cibele. Ele rejeitava as autoridades eclesiásticas, a hierarquia em torno dos bispos e as estruturas das paróquias. Esta atitude estava ligada ao fato dele acreditar que a Igreja deveria ser dirigida pelo Espírito Santo diretamente. Nos cultos promovidos pelo montanismo havia a manifestação do falar em línguas estranhas.

No século IV surgiu uma heresia preconizada por Macedônio, bispo de Constantinopla, e por isso passou a ser conhecido como Macedonismo. Ele negava a personalidade do Espírito Santo, afirmando que Ele era os dons da graça derramados sobre os homens. Macedônio se defendia argumentando que a Igreja não tinha uma posição clara sobre a divindade do Espírito Santo, uma vez que o Credo de Nicéia, publicado depois do concílio de 325 dC, não fazia

referências à divindade e personalidade do Espírito Santo. Depois de falar da crença da igreja sobre o Pai e do Filho, o credo original dizia apenas: “Como também em um só Espírito Santo”¹, sem maiores detalhes.

Essa ambigüidade do credo foi corrigida no Concílio de Constantinopla, reunido em 381, que acrescentou a seguinte explicação: “E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas”.² Com esse acréscimo ao texto original de Nicéia, ele passou a ser chamado de *Credo Niceno-Constantinopolitano*. Assim, a igreja estava dando uma resposta aos pneumatômacos (lit. “combatentes contra o Espírito”), como eram também conhecidos os macedonianos.³

Outras manifestações do culto ao Espírito Santo apareceram no século XII, XIII e XIV. Numa Europa consumida pela fome e a guerra, surgiam grupos de peregrinos penitenciais, conhecidos como “flagelantes”. A pé, quase nus, cantando e orando, auto-flagelando-se com chicotadas nas costas, percorriam os locais de peregrinação da Europa, Para eles quanto maior o sofrimento maior seria a chance de receber o perdão dos pecados e de ser possuído pelo Espírito Santo. Os flagelantes tinham visões, êxtases e falavam em línguas, que diziam ser dos anjos. Devido aos abusos e violências que se seguiram a chegada às cidades, os adeptos desse culto foram perseguidos. Contudo eles foram dados como extintos apenas no século XVIII.

O estudo sobre a doutrina do Espírito Santo teve um novo impulso com o metodista de John Wesley, na Inglaterra do século XVIII. Com sua forte ênfase na vida santificada, o wesleyanismo destacava a importância do cristão experimentar a plenitude do Espírito Santo. A teologia metodista serviu de base para o aparecimento dos movimentos de reavivamento que surgiram ao longo do século seguinte e que por fim evoluíram até o surgimento do movimento pentecostal.

O pentecostalismo moderno teve início em 1906, nos Estados Unidos, sob a liderança de Willian Joseph Seymour, um pastor negro sem formação teológica e que era criticado por sua igreja por promover cultos que beiravam a histeria. Os freqüentadores deste culto eram serviçais pobres, zeladores, trabalhadores diaristas, todos negros. O movimento logo ganhou adeptos entre outros grupos sociais, como os asiáticos, brancos e mexicanos. O pequeno bangalô de madeira onde eram celebradas as reuniões logo ficou pequeno e eles tiveram que alugar um antigo estábulo que conservava o cheiro dos cavalos na Rua Azusa, 312, Zona Norte de Los Angeles. Um púlpito foi improvisado sobre uma pilha de caixas de sapato vazias. O primeiro culto foi celebrado no dia 14 de abril. Quatro dias mais tarde, São

Francisco foi destruída por um terremoto, no maior desastre em território americano até aquela data. O acontecimento foi dado como um sinal do juízo de Deus e deu novo impulso ao movimento que estava surgindo. Logo, a pregação da doutrina pentecostal se espalhou por todas as regiões dos Estados Unidos e menos de 10 anos depois do seu início já haviam surgido grupos na América do Sul e na Europa. Atualmente um quarto dos cristãos do mundo defende a bandeira pentecostal.

A questão da divindade nos grandes Concílios

Quando Ário, presbítero de Alexandria, em 318, começou a ensinar que Jesus Cristo era superior à natureza humana, mas inferior a Divina, provocou uma forte divisão doutrinária na Igreja. Ele pregava que Jesus tivera início. Constantino, temendo que essa divisão fragmentasse a Igreja, convocou o primeiro concílio geral da Igreja na cidade de Nicéia, na Bitínia, em 325 dC.

Quando o concílio aconteceu Atanásio, era apenas um diácono de Alexandria. Ele foi o grande campeão da crença ortodoxa, ao defensor da divindade de Cristo e de sua existência eterna. Depois de um debate acirrado, o Concílio de Nicéia rejeitou a posição ariana. O credo niceno, publicado depois das reuniões, não foi muito claro em definir a natureza de Cristo e do Espírito Santo. Essa falta de clareza acabou se tornando o combustível que alimentou o mesmo debate dentro da Igreja nas próximas gerações.

Quando a doutrina da divindade do Filho foi estabelecida oficialmente, surgiu a questão quanto à relação mútua das duas naturezas de Cristo. Para Apolinário o Logos assumiu o lugar do espírito (pneuma) no homem, que ele considerava a sede do pecado. Ele queria salvaguardar a unidade da pessoa de Cristo, sua divindade e impecabilidade, mas acabou sacrificando sua humanidade. Essa posição foi condenada pelo Concílio de Constantinopla, em 381 dC. Como vimos, na ocasião a Igreja definiu de forma mais clara o que ensinava sobre o Espírito Santo e assim dar uma resposta aos que negavam a Sua personalidade e divindade.

Teodoro de Mopsuéstia e Nestório defendiam que a habitação do Logos em Cristo era apenas moral tal como acontece em uma menor escala no crente. Para Cirilo de Alexandria, e mais tarde Eutico, a natureza humana foi absorvida pela divina em Cristo. O Concílio de Calcedônia, em 451 dC, condenou esses conceitos e manteve a crença na unidade da pessoa, como também na dualidade das naturezas.

Algum tempo depois deste concílio o erro monofisista⁴ continuou a ser ensinado por alguns na igreja. No período da Idade Média pouco se acrescentou a discussão quanto a natureza de

Cristo. A ênfase que recaía sobre a imitação de Cristo, teorias sobre a expiação e o desenvolvimento da teologia da missa levou a igreja a apegar-se a humanidade de Cristo. O tempo da Reforma não foi marcado por grandes debates sobre a doutrina da pessoa de Cristo e a natureza do Espírito Santo.

No movimento adventista

Os pioneiros adventistas tinham uma posição anti-trinitariana. Dos três fundadores do Movimento adventista, dois (José Bates e Tiago White) vinha da Conexão Cristã, uma igreja que não aceita a doutrina da Trindade por a considerarem de origem pagã e não-bíblica. A outra fundadora do adventismo, Ellen G. White, apesar de sua formação metodista, vai tomar uma posição clara a favor dessa doutrina apenas a partir da década de 1880. Por isso não é de estranhar o discurso contra a plena divindade de Cristo feita pelos pioneiros.

Tiago White (1821-1881) de início, “rejeitou totalmente o que descrevia como ‘o velho despropósito trinitariano’, que favorecia a idéia de que ‘Jesus Cristo é verdadeiramente o Deus Eterno’. Todavia, após 1853, ele afirmou sua crença na divindade de Cristo.”⁵

Vinte e três anos depois, Tiago White escreveu que os adventistas “crêem na divindade de Cristo da mesma forma que os trinitarianos.”⁶

Enquanto a posição de Tiago White revelava certo equilíbrio e amadurecimento, o mesmo não se pode dizer de Uriah Smith (1832-1903). Suas obras e artigos exerceram forte influência sobre a teologia adventista incipiente. Seu livro mais importante foi *Daniel and the Revelation* (Daniel e Apocalipse). Ao comentar Ap 3.14, Uriah Smith conclui que “o Filho veio à existência de uma maneira diferente.”⁷ Mais adiante, na mesma obra, ele explica melhor a sua cristologia:

“As Escrituras em parte alguma falam de Cristo como de um ser criado, mas claramente afirmam que *Ele foi gerado pelo Pai* [...] Mas conquanto, como Filho gerado, *não possui com o Pai uma co-eternidade de existência pretérita, o começo da sua existência é anterior a toda a obra da criação*, em razão à qual Ele foi criador juntamente com Deus. [...] Ele elevou-o a posições em que é próprio ser adorado, e além disso ordenou que se lhe prestasse adoração, *o que não teria sido necessário se Ele fosse igual ao Pai em eternidade de existência*. O próprio Cristo declara que ‘como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu ao Filho ter a vida em Si mesmo’, Jo 5.26. O Pai ‘exaltou-o soberanamente, e deu-lhe um nome que é sobre todo o nome’, Fp 2.9. E o próprio Pai diz: ‘E todos os anjos de Deus O adore’, Hb 1.6. Estes testemunhos mostram que Cristo é agora objeto de adoração igualmente com o Pai; *mas não provam que tenha com Ele uma eternidade de existência passada*.”⁸

Por fim, em 1898, Smith escreveu em seu último livro, *Looking unto Jesus*, uma estranha observação sobre Jesus: “Com o Filho, a evolução da Deidade, como divindade, cessou.”⁹ Ele cria que Cristo não fora criado mas sim derivado de Deus e que o Espírito Santo era o poder de Deus.

O primeiro adventista a apresentar uma cristologia mais sistemática foi E. J. Waggoner (1855-1916). Nos debates teológicos que ocorreram na Conferência Geral de 1888 sobre justificação pela fé ele exerceu, juntamente com Alonzo T. Jones (1850-1923), papel proeminente. Apesar de não termos os registros do teor dos debates, podemos ter uma idéia do que foi discutido ao longo do evento no livreto *Christ our righteousness* (Cristo nossa justiça).¹⁰ Apesar de Waggoner defender a crença na plena divindade de Cristo, nessa obra ele expõe uma posição semi-ariana com respeito a Sua origem:

“As Escrituras declaram que Cristo é o ‘unigênito Filho de Deus’. *Ele é gerado, não criado*. Quando Ele foi gerado não nos compete indagar, nem nossas mentes poderiam assimilá-lo se nos fosse indicado. [...] Houve um tempo em que *Cristo procedeu e veio de Deus*, do seio do Pai (Jo 8.42; 1.18), *mas esse tempo está tão recuado nos dias da eternidade que para a compreensão finita é praticamente sem início.*”¹¹

Essa posição contrasta com os ensinamentos adventistas modernos. Em 1980 a Igreja Adventista votou em Assembléia da Conferência Geral, realizada em Dallas, EUA, as suas 27 crenças fundamentais. Entre elas estava a doutrina da Trindade. No Movimento de Reforma essa questão foi definida há muito mais tempo. Em sua primeira Assembléia da Conferência Geral realizada em 1925 foi votado os seus Princípios de fé. Os três primeiros pontos doutrinários tratam sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo o que deixava claro que o novo movimento era, desde o seu nascimento, um grupo trinitariano.

Quando lemos essas afirmações e as comparamos com a posição atual do adventismo, as questões naturais que surgem são:

- Por que houve essa mudança?
- Quando Ela aconteceu?
- Ela foi apoiada ou condenada por Ellen G. White?
- E, por último, essa mudança não foi apostasia da verdade?

Nesta seção vamos tentar responder a última questão, enquanto no capítulo 6 vamos responder as três primeiras.

Mudança de paradigma

Grupos separatistas apresentam esses fatos e levantam a questão: se os pioneiros eram contra a doutrina da trindade e o movimento adventista atual é a favor, quem tem a razão? Os fundadores do adventismo aprenderam a verdade pelo estudo das Escrituras e rejeitaram esse ensino. Será que eles estavam enganados? Se erraram nesse ponto não estariam errados em outros? Se eles estavam certos neste aspecto então o movimento adventista atual não apostatou ao ensinar e defender a Trindade?

Para muitos dissidentes, toda a Verdade Presente foi dada nos anos iniciais do adventismo, entre 1844 e 1863 (ano da organização da Igreja). Os seus fundadores não tinham essa visão estática da verdade. Eles não criam que Deus já havia revelado todas as verdades que tinha para o Seu povo e que não havia mais o que aprender da Sua Palavra. Sobre isso, Ellen White escreveu:

“Sempre que o povo de Deus estiver crescendo em graça, obterá constantemente compreensão mais clara de Sua Palavra. Há de distinguir mais luz e beleza em suas sagradas verdades. Isto se tem verificado na história da igreja em todos os séculos, e assim continuará até ao fim. Mas à medida que a verdadeira vida espiritual declina, tem sido sempre a tendência cessar o crente de avançar no conhecimento da verdade.

“Os homens ficam satisfeitos com a luz já recebida da Palavra de Deus, e desistem de qualquer posterior estudo das Escrituras. Tornam-se conservadores, e procuram evitar novo exame.

“O fato de não haver controvérsias ou agitações entre o povo de Deus, não deveria ser olhado como prova conclusiva de que eles estão mantendo com firmeza a sã doutrina. Há razão para temer que não estejam discernindo claramente entre a verdade e o erro. Quando não surgem novas questões em resultado de análise das Escrituras, quando não aparecem divergências de opinião que instiguem os homens a examinar a Bíblia por si mesmos, para se certificarem de que possuem a verdade, haverá muitos agora, como antigamente, que se apegarão às tradições, cultuando nem sabem o quê.” OE 297, 298

Dessa passagem podemos aprender alguns princípios. Em primeiro lugar, aprofundar o nosso conhecimento da verdade é sinal de vitalidade espiritual da igreja. Em segundo lugar, enquanto estivermos desse lado da eternidade nunca poderemos dizer que não temos mais o que aprender da Palavra de Deus. Em terceiro lugar, quando a Igreja se acomoda com as verdades conquistadas é sinal de declínio espiritual. Por isso, deveríamos nos preocupar quando não houvesse debates e mudanças de paradigmas pelo estudo da Bíblia e não quando tudo continua estático. Nem sempre mudança significa apostasia. Por último, o apego as velhas tradições ensinadas pela Igreja, sem apoio das Escrituras, leva a Igreja a um estado de conservadorismo desvitalizado.

Ellen White ensinava que Deus tem mais verdades para revelar ao Seu povo:

“Um espírito de farisaísmo tem influenciado o povo que diz crer na verdade para estes últimos dias. Estão satisfeitos consigo mesmos. Dizem: ‘Temos a verdade. Não há mais luz pra o povo de Deus’. Mas não estamos seguros quando tomamos a posição de que não aceitaremos nada mais além daquilo que temos estabelecido como a verdade. [...] Alguns têm me perguntado se eu acho que haverá mais luz para o povo de Deus. Nossas mentes têm se tornado tão estreitas que não compreendemos que o Senhor tem uma poderosa obra a realizar por nós. Crescente luz deve brilhar em nós.” OP 24.

Além disso, a posição de que não podemos mudar de opinião é contrária ao espírito protestante. Os católicos acreditam que a antiguidade torna legítima uma doutrina e não podemos endossar essa posição. Para a pena inspirada a Igreja pode ter se equivocado em alguma interpretação no passado e não é vergonhoso para ela mudar de idéia.

“Não há desculpas para ninguém assumir a posição de que não há mais verdades a serem reveladas e de que todas as nossas visões da Bíblia não têm qualquer erro. O fato de certas doutrinas terem sido consideradas como a verdade por muitos anos pelo nosso povo não é uma prova de que nossas idéias sejam infalíveis. A idade não transforma o erro em verdade e ela pode ser reexaminada. Nenhuma verdadeira doutrina terá algo a perder pela cuidadosa investigação.” OP 24.

Isso significa que podemos colocar na berlinda todas as nossas doutrinas? Não, assim como na constituição de qualquer país, há no movimento adventista as chamadas clausulas pétreas, que não podem mudar. Esses pontos, que conhecemos como marcos antigos, criam a identidade do adventismo. Eles dizem em que aspectos os adventistas divergem dos outros grupos cristãos. Quais seriam esses pontos? A irmã White os define de forma clara:

“O passar do tempo em 1844 foi um período de grandes acontecimentos, expondo ao nosso admirado olhar a purificação do santuário que ocorre no Céu, e tendo clara relação com o povo de Deus na Terra, e com as mensagens do primeiro, do segundo e do terceiro anjo, desfraldando o estandarte em que havia a inscrição: ‘Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.’ Um dos marcos desta mensagem era o templo de Deus, visto no Céu por Seu povo que ama a verdade, e a arca, que contém a lei de Deus. A luz do sábado do quarto mandamento lançava os seus fortes raios no caminho dos transgressores da lei de Deus. A não-imortalidade dos ímpios é um marco antigo. Não consigo lembrar-me de alguma outra coisa que possa ser colocado na categoria dos velhos marcos.” EF 44, 45.

Os “marcos antigos” do adventismo seriam:

1. A purificação do santuário celestial;
2. A tríplice mensagem angélica;
3. Os mandamentos de Deus;
4. A fé em Jesus;

5. O santuário celestial;
6. O sábado e a
7. Não-imortalidade dos ímpios.

Essas são as “clausulas pétreas” do adventismo. São os seus dogmas. Mexer nessas doutrinas, para os adventistas seria apostasia da verdade, a perda da sua identidade. Outras doutrinas e interpretações não estão debaixo da definição de Verdade Presente e, portanto, podem ser revistas à luz das Escrituras. Se descobrirmos que aquilo que uma vez ensinamos ou cremos não está em conformidade com o “Assim diz o Senhor”, estando fora dos marcos antigos, não seria apostasia abandoná-los. Isso aconteceu em diversos aspectos ao longo da história do adventismo, inclusive na questão da Trindade.

Que exemplos podem ser citados de doutrinas ou ensinamentos que foram mudados depois da organização da Igreja em 1863 e que não significou apostasia:

- A compreensão da doutrina da justificação pela fé, na Conferência Geral de 1888.
- O uso do dízimo como forma de manter o ministério evangélico. A igreja adotou esse sistema na década de 1870 por causa de uma série de artigos escritos por D. Canright e publicados na *Review and Herald*.
- A luz sobre a Reforma de Saúde foi enviada à Igreja quinze dias depois que ela foi organizada em 1863.

Outra questão que devemos manter em mente é que os pioneiros não são o padrão da verdade. Crer assim torna a tradição algo com a mesma autoridade que as Escrituras. Essa posição não é protestante, mas católica. A serva do Senhor nos adverte:

“Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. As opiniões de homens ilustrados, as deduções da ciência, os credos ou decisões dos concílios eclesiásticos, tão numerosos e discordantes como são as igrejas que representam, a voz da maioria - nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, deveriam considerar-se como prova em favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro - ‘Assim diz o Senhor’.” GC 595.

Quando ela fala em “homens ilustres” e decisões de “concílios eclesiásticos” não quer apenas condenar o apego que há a tradição em outros grupos religiosos. Ela entendia que o próprio movimento adventista poderia cair nessa cilada espiritual.

“Mesmo os adventistas do sétimo dia correm o perigo de fechar os olhos à verdade conforme ela é em Jesus, porque contradiz algo que eles supunham ser a verdade, mas que o Espírito Santo ensina não ser.” TM 70, 71.

Referências:

- ¹ BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*, p. 55.
- ² *Idem*, p. 56.
- ³ MENEZES, Aldo. *Por que abandonei as Testemunhas de Jeová*, p. 201, 202.
- ⁴ Monofisismo (vocábulo formado por duas palavras gregas: *mono*, um e *fisismo*, físico, natureza). É a idéia de que Jesus teria apenas uma natureza, ou a divina ou a humana.
- ⁵ Citado ZURCHER, Jean. *Tocado pelos nossos sentimentos*, p. 19.
- ⁶ Citado por ZURCHER, *Ibidem*.
- ⁷ SMITH, Uriah. *As profecias do Apocalipse*, p. 53.
- ⁸ *Idem*, p. 82. Essas duas últimas afirmações foram tiradas da edição publicada no Brasil pela Edições Vida Plena.
- ⁹ *Tocado pelos nossos sentimentos*, p. 17.
- ¹⁰ Essa obra foi publicada pela primeira vez em português em 1976 com o nome de *Libertos para sempre*.
- ¹¹ WAGGONER, E. J. *Cristo e Sua justiça*, p. 19.

Capítulo 2

A revelação da Trindade de Deus no Antigo Testamento

Em diversos momentos da história da Igreja Cristã, a doutrina da Trindade foi atacada em algum dos seus aspectos. Isso ocorreu com certa regularidade. Ora surge algum movimento que enfatiza a unidade de Deus e acusa a doutrina de herança do paganismo, ora a ênfase recai sobre cada pessoa da divindade descambando para o triteísmo. Em um momento a missão do Espírito Santo está em evidência, como acontece no pentecostalismo, em outro, a sua personalidade é negada, como nos movimentos unicistas. Um grupo enfatiza a humanidade de Cristo, em detrimento à sua divindade, e outro, destaca a sua divindade, e nega a sua humanidade. Nos últimos tempos surgiram ministérios independentes, tanto no Brasil como no exterior, que estão questionando esta doutrina no meio adventista. Eles pensam ter uma nova luz para ao povo de Deus¹, um aspecto da verdade que só eles compreendem e mais ninguém. Por isso sentem-se imbuídas de um sentimento de zelo missionário em favor da Igreja. Na verdade estão apenas reeditando velhas heresias e desviando o povo do conhecimento do verdadeiro Deus.

Apesar da palavra trindade não aparecer na Bíblia a doutrina é claramente descrita pela revelação. Para evitar qualquer confusão doutrinária, preferimos nos referir a essa doutrina como tri-unidade de Deus, ao invés do termo controverso Trindade.

A compreensão dessa doutrina é mais explícita e completa à luz do Novo Testamento. Se bem que não haja uma exposição tão clara, podemos encontrar indícios desta doutrina nas páginas do Antigo Testamento. Isso ocorreu porque a revelação da doutrina da trindade está relacionada com o plano da salvação. A medida que Deus foi revelando ponto por ponto o evangelho, a doutrina da tri-unidade de Sua natureza foi se tornando mais clara nas páginas das Escrituras.

O monoteísmo judaico

A religião monoteísta de Israel contrastava com o politeísmo do mundo antigo. No Antigo Testamento, a maior parte do tempo os profetas denunciavam o encantamento do povo de Israel pelo culto politeísta das nações vizinhas. A luta para defender o monoteísmo israelita pode ser dividida em dois momentos. Em um primeiro momento o povo era seduzido com o culto politeísta das nações vizinhas de Israel. Os profetas tinham dificuldade em converter o povo destes cultos para a fidelidade a Jeová. Isso foi assim até o tempo do segundo exílio, o cativeiro babilônico. Em um segundo momento, quando o povo judeu retornou para a

Palestina parece que o politeísmo não exercia mais o mesmo fascínio que outrora e a nação repudiava qualquer tentativa de cultuar outro deus.

Contudo, em qualquer tempo, a luta dos profetas de Deus era por destacar o monoteísmo da religião de Israel. Através do profeta Isaías, o Senhor afirmou: “Eu sou o primeiro e eu sou o último; além de mim não há Deus”, (44.6); “pois eu sou Deus, e não há nenhum outro”, (45.22); “antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim”, (43.10).² Apesar desta ênfase toda na singularidade de Jeová, o próprio Senhor procurou ensinar ao Seu povo que havia uma unidade composta dentro da divindade. Como havia o risco do povo cair em um conceito politeísta de Deus, a revelação desta doutrina foi um tanto velada no texto do Antigo Testamento.

“Shema”

Um caso que demonstra a pluralidade dentro da divindade é encontrado no texto de Deuteronômio 6.4: “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”. Essa passagem é conhecida como “*shema*” (ouve), a primeira palavra do texto no original hebraico. No original está escrito: “Shema Ysra’el YHWH ‘elohenu YHWH ‘echad.”

No hebraico existem 2 palavras para expressar unidade: *’echad* e *yachid*. *’Echad* designa unidade composta, como em Gn 2.24: “e eles se tornarão uma [*’echad*] só carne”. *Yachid* refere-se a unidade absoluta, como em Jz 11.34: “E ela era filha única [*yachid*] . Ele (Jefté) não tinha outro filho.” Para Pedro Apolinário “devemos fazer distinção entre... *’echad* que significa união, do verbo *yakhâd* = unir; e *yachid*, que quer dizer solitário, só um, unicamente.”³ Moisés poderia ter usado a palavra hebraica que significa unidade simples, mas guiado pelo Espírito Santo ele usou a palavra que significa unidade composta. O Senhor queria preparar o coração do Seu povo para a revelação da existência da tri-unidade divina.

Indícios da Tri-unidade de Deus

A pluralidade dentro da divindade revela-se já na obra da criação. Quando Deus criou o homem, Ele disse: “*Façamos* o homem a *noossa* imagem.” (Gn 1.26). Com quem estaria falando Deus? Um ser que tenha o mesmo status que Ele. Os grupos que não aceitam a doutrina da trindade levantam duas objeções contra esta explicação. Em primeiro lugar, para eles esta passagem não estaria descrevendo a unidade composta de Deus, pois o uso da expressão “*façamos*” é uma espécie de plural majestático⁴, típico uso dos monarcas quando falam em público. Esta explicação revela desconhecimento dos tempos bíblicos, pois não se pode encontrar um só exemplo de um rei falando assim nas páginas da Bíblia. A segunda

explicação que os antitrinitarianos dão é que Deus estaria conversando com os anjos. Sobre isso comenta E. H. Bancroft:

“Alguns afirmam que ‘nós’ (oculto), em Gn 1.26, que diz: ‘Façamos o homem à nossa imagem [...]’, refere-se à consulta de Deus com os anjos, com quem Ele toma conselho sempre que faz algo importante; mas Is 40.14, que diz: ‘Com quem tomou Ele conselho [...]?’ mostra que tal suposição é sem base; e, além disso, Gn 1.27 contradiz essa idéia, pois repete a afirmação ‘[...] à nossa imagem[...]’ (mostrando que isso não se refere à imagem de Deus e dos anjos): ‘... Criou Deus pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou[...]’. Acresce, ainda, que a tradução mais correta desse versículo não seria ‘façamos’, e, sim, ‘faremos’, indicando antes a linguagem da resolução do que da consulta.”⁵

Além da criação do homem, as Escrituras revelam a ação da trindade na formação do universo. Ela declara que não só o Pai é criador, mas que o Espírito Santo e o Filho também o são. No início do primeiro capítulo de Gênesis, está escrito que “o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (versículo 2b). Apesar do Espírito Santo não aparecer como um ser distinto dentro da divindade nessa passagem, Ele é revelado como criador. Jó 33.4 reforça este ensino: “O Espírito de Deus me fez” (ver também Sl 104.30).

O Novo Testamento apresenta o Filho como ativo na criação, também: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle (o Verbo),” Jo 1.3. Veja também Cl 1.16 e Hb 1.2. A obra da criação foi atividade divina: “Pois toda a casa é construída por alguém, mas *Deus é o edificador de tudo*” (Hb 3.4). Portanto, a participação do Filho e do Espírito Santo na obra da criação reafirma a divindade deles. Contudo, embora as Escrituras declarem que Deus Pai é criador, juntamente com o Filho e o Espírito Santo, ela é clara em dizer que Deus criou tudo sozinho: “Eu sou o Senhor, que fiz todas as coisas, que *sozinho* estendi os céus, que espalhei a terra por mim mesmo”, Is 44.24 (ARA). Há contradição nisso? Não. É apenas o mistério da Trindade revelada na obra da criação.

Além da criação, no relato da queda do homem encontramos outra referência a pluralidade dentro da divindade. Logo após a entrada do pecado no mundo a Bíblia afirma: “Então disse o Senhor Deus: Agora o homem se tornou *como um de nós*, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3.22). Esse nós só pode referir-se a divindade, ou seja, a passagem está fazendo referência a unidade composta dentro da divindade. Ele não estava conversando com os anjos, pois apenas Deus pode conhecer o bem e do mal (vers. 5).

Mais tarde, na destruição da Torre de Babel, o Senhor aparece novamente dizendo: “Venham, *desçamos e confundamos* a língua que falam” (Gn 11.7). Outra vez, a pluralidade de Deus é enfatizada.

Na destruição de Sodoma e Gomorra aparecem dois “Jeovás”, um que está na terra e outro que manda fogo do céu para destruir as cidades impenitentes: “Então fez o Senhor chover enxofre fogo, *da parte do Senhor*, sobre Sodoma e Gomorra”, Gn 19.24. Isso significa que existe mais de um Jeová? É claro que não. Essa passagem só pode ser corretamente entendida à luz da tri-unidade de Deus.

Esta mesma idéia aparece em uma passagem messiânica no profeta Zacarias, onde Jeová aparece enviando Jeová: “Assim sabereis vós que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou. Canta e exulta, ó filha de Sião, por que eis venho, e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia muitas nações se ajuntarão ao Senhor, e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a ti.” (2.9-11). Leia com atenção esta passagem. Observe que nos versículos 9 e 11, o Senhor envia o Messias para habitar no meio do povo de Deus enquanto no versículo 10 já é o próprio Senhor que habitaria entre Seu povo. Isso teve cumprimento em Jesus. Várias vezes Ele mesmo disse que era enviado pelo Pai e na introdução do evangelho de João Ele é apresentado como Deus habitando no meio do Seu povo (veja Jo 1.1 e 14; 4.34; 5.23, 30, etc.).

As pessoas da Trindade reveladas

No Antigo Testamento aparecem sutis referências as pessoas que formam a divindade.

Referências ao Pai: “Assim diz o Senhor: Israel é o meu primeiro filho” (Ex 4.22); “não é Ele o Pai de vocês, o Seu Criador, que os fez e os formou?” (Dt 32.6); “Eu serei seu Pai, e ele será meu filho” (2 Sm 7.14); “entretanto, Tu é o nosso Pai... Tu, Senhor, é o nosso Pai, e desde a antiguidade te chamamos nosso Redentor” (Is 63.16); “pensei que você me chamaria de ‘Pai’ e que não deixaria de seguir-me” (Jr 3.19).

Referências ao Filho de Jeová: “Quem subiu aos céus e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? Quem embrulhou as águas com sua capa? Quem fixou todos os limites da Terra? Qual é o seu nome, e o nome do Seu Filho? Conte-me, se você sabe!” (Pv 30.6); “proclamei o decreto do Senhor: Ele me disse: ‘Tu és o Meu Filho; eu hoje te gerei...*Beijem o Filho*, para que ele não se ire e vocês não sejam destruídos de repente, pois num instante acende-se a sua ira.” (Sl 2.7, 12). Compare estas passagens com Hb 1.5,6; 5.5,6; At 13.33, para perceber que o Novo Testamento considera o Salmo 2 como uma passagem messiânica.

Referências ao Espírito Santo: O Antigo Testamento afirma que o Espírito Santo é um ser pessoa, pois pode ser entristecido (Is 63.10); é ativo no Universo e na criação do homem (Gn 1.2; Jó 33.4); contende com o homem (Gn 6.3) e os inspira (Nm 11.25). Essas características só podem ser encontradas em uma pessoa e não em uma energia ou influência, como querem

crer aqueles que negam a personalidade do Espírito Santo. Outro ponto que merece destaque é o fato de que no Antigo Testamento o Espírito Santo é apresentado como pessoal e distinto da glória de Deus (veja Ez 1.28 e 2.1 e 2; 3.23 e 24, etc.).

É claro que uma exposição mais clara e objetiva da pluralidade dentro da divindade só será revelada no Novo Testamento, mas a semente desta doutrina já estava plantada no Antigo Testamento. A manifestação de Deus em Cristo e o recebimento do Espírito Santo pela Igreja tornaram clara a existência da Trindade.

O Anjo do Senhor

Quando Hagar o encontra, chama-o de Deus: “O Anjo do Senhor encontrou Hagar perto de uma fonte no deserto... E perguntou-lhe... Este foi o nome que ela deu ao Senhor (Jeová) que lhe havia falado: ‘Tu és o Deus que me vê.’” (Gn 16.7 e 13). Esta é uma das primeiras revelações do Anjo do Senhor no Antigo Testamento. A expressão “Anjo do Senhor” aparece cinquenta e oito vezes no Antigo Testamento, e o “anjo de Deus”, onze vezes.⁶ Quem seria ele? Comentando sobre a identidade do Anjo do Senhor revelado no Antigo Testamento, o comentarista bíblico Copass escreveu:

“Esta pessoa exigiu soberania absoluta sobre os negócios humanos. Possuía os atributos da onipotência e onisciência. Levou a efeito obras que somente a onipotência poderia realizar. Empregou as fórmulas da Divindade – jurou por si mesmo. Foi o Protetor e Salvador gracioso, o Redentor do mal, o Intercessor, o objeto de invocação religiosa, e da maneira mais clara declarou ser Jeová, Elohim e Sou o que Sou. No entanto este ser misterioso é representado como sendo distinto de Deus como portador de uma missão divina.”⁷

A conclusão que podemos chegar é que, o Anjo do Senhor é uma teofania⁸ do Filho pré-encarnado.

Indícios da Trindade

Além das evidências apresentadas, existe um grupo de passagens que sugerem a tri-idade de Deus. Falando sobre a missão do Messias, o profeta Isaías escreveu: “E agora o Soberano, **o Senhor, me** enviou, com Seu **Espírito**.” (Is 48.16). Esta passagem é muito semelhante a Jo 14.16, que apresenta também os três membros da divindade envolvidos com a salvação do homem: “E **eu** rogarei ao **Pai**, e ele vos dará **outro Consolador**, para que fique convosco para sempre” (ARC). A diferença entre estas passagens é que na primeira quem é enviado é o Messias enquanto na segunda é o Espírito Santo.

Outra passagem que destaca este mesmo aspecto é Is 63. 9 e 10: “Em toda a aflição do seu povo ele também se afligiu, e o *anjo da sua presença* os salvou. Em seu amor e em sua misericórdia ele os resgatou; foi ele que sempre os levantou e os conduziu nos dias passados. Apesar disso, eles se revoltaram e entristeceram o seu *Espírito Santo*. Por isso ele se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles.” Ridderbos, em seu excelente comentário sobre o livro de Isaías, elucida a questão. Sobre a identidade do “Anjo de Sua presença” ele comenta:

“Portanto, através do ‘Anjo de sua presença’ Ele os salvou. Isso não pode ser referência a um dos anjos criados, pois não poderia ser dito a respeito de nenhum deles que ele redimiu a Israel de toda a sua aflição. Portanto, esta referência só pode ser ao anjo do Senhor, que é o próprio Deus, mas também é distinto de Deus. Ele é o mesmo a quem nós, com base no Novo Testamento, chamamos de segunda Pessoa da Trindade. Ele é chamado de ‘anjo’ ou ‘mensageiro’ do Senhor porque, como Mediador, realiza a obra do Senhor.”⁹

Sobre a referência ao Espírito Santo nesta passagem, ele continua:

“O Espírito do Senhor, como se torna claro diante do verbo ‘contristaram’, é concebido como uma Pessoa, ao mesmo tempo diferente do Senhor e, por outro lado, sendo um com Ele. Em vista do ‘Anjo da Sua presença’ no versículo 9, podemos dizer que aqui são mencionadas juntas as três Pessoas da Trindade.”¹⁰

Na bênção sacerdotal há uma referência tríplice a Deus: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti e te conceda graça; o Senhor volte para ti o Seu rosto e te dê paz” (Nm 6.24-26).

No chamado de Isaías, em dois momentos encontramos referências a Trindade. No versículo 3, do capítulo 6, por três vezes Deus é chamado de Santo: “E proclamavam uns aos outros: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos.” E no versículo 8, há o desafio: “Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: “Quem enviarei? Quem irá por **nós**?”. No evangelho de João está passagem é relacionada com Jesus (Jo 12.39-41) e em At 28.25-27 com o Espírito Santo.

Referências bibliográficas:

¹ Para alguns desses dissidentes, eles estão voltando para o adventismo primitivo, pois alguns dos pioneiros eram unicistas. Para eles a igreja apostatou quando definiu sua posição como trinitariana.

² Esta última passagem refuta qualquer tentativa de considerar Cristo em um ser criado e ao mesmo tempo Deus, como ensinam os Testemunhas de Jeová ou os Mórmons.

³ APOLINÁRIO, Pedro. *As pretensas Testemunhas de Jeová*. São Paulo, SP: Gráfica do IAE, pág 53.

⁴ A invenção dessa explicação remonta ao século XIX e é atribuída a Wilhem Gesenius (1786-1842). Ele foi professor de teologia e hebraísta. Na qualidade de estudioso da língua hebraica produziu uma gramática que mesmo depois de tantos anos ainda é referencia no campo da lingüística. Em uma nota de rodapé apareceu pela primeira vez essa explicação de Gn 1.26 deveria ser entendida como “plural majestático”. Em edições posteriores essa explicação é rejeitada (veja CHRISTIANINI, Arnaldo B. *Radiografia do Jeovismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975, pág. 98).

⁵ BANCROFT, E. H. *Teologia elementar – doutrinação e conservadora*. São Paulo, SP: Editora Batista Regular, 2001, pág. 44.

⁶ PFANDL, Gerhard. *A Trindade nas Escrituras*. Revista Parousia, ano 4, nº 2, 2º semestre de 2005, pág. 8.

⁷ COPASS, B. A. *Manual de teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1958, pág. 71.

⁸ *Teofanias* são aparições ou revelações da Divindade à humanidade.

⁹ RIDDERBOS, J. *Isaías – introdução e comentário*. São Paulo, SP: Editora Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, pág. 498.

¹⁰ *Idem*.

Capítulo 3

A revelação da Trindade de Deus no Novo Testamento

Tanto Jesus quanto os apóstolos eram fiéis monoteístas. Um mestre da lei perguntou ao Senhor qual era o mandamento mais importante (Mc 12.28). Jesus respondeu citando o *shemá*: “Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor.” (Dt 6.4). Logo em seguida Ele explica que o maior mandamento é amar a Deus e o segundo maior, mas de mesma importância, é amar ao próximo (Mc 12.29-31). Por fim o mestre da lei elogia a Jesus dizendo: “‘Muito bem, mestre’, disse o homem. ‘Estás certo ao dizeres que Deus é o único e que não existe outro além dele. Amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento e de todas as forças, e amar ao próximo como a si mesmo é mais importante do que todos os sacrifícios e ofertas.’ Vendo que ele tinha respondido sabiamente, Jesus lhe disse: ‘Você não está longo do Reino de Deus’.” (Mc 12.32-35).

Seria ocioso continuar citando passagens bíblicas para provar que tanto Cristo como os apóstolos criam na existência de apenas um Deus único. Mas a medida que Jesus demonstrou que era Deus e que o Espírito Santo era um ser pessoal e divino também, seus seguidores compreenderam a triplo personalidade desse Deus único. Por isso, antes de ascender ao céu, Jesus poderia afirmar, sem se preocupar em ser mal compreendido: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (Mt 28.19).

O reconhecimento de Cristo e do Espírito Santo como divinos “não resvalou para o politeísmo, ao abandono da idéia da unidade Deus, mas a um reconhecimento de movimento de vida dentro da unidade da Deidade.”¹

O plano da salvação exige a interpretação da natureza de Deus como triúna:

“O coração do crente está cômico de que, pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito Santo, nós conhecemos a Deus como Pai. Não podemos, porém, identificar Deus absolutamente com o Pai, ou com o Filho, ou com o Espírito Santo. É necessário cada qual destes para completar o conceito de Deus. Mesmo o Pai não preenche a idéia de Deus à parte do Filho e do Espírito Santo; pois, à parte do Filho não podemos conhecer Deus como Pai. É a obra de Deus comunicar-se conosco tanto quanto é a parte de Deus ser Deus em si mesmo. Esta obra de comunicar Deus conosco é a obra do Filho de Deus. Ademais, o despertamento da resposta em nossos corações e essa revelação de si mesmo em Cristo – esta é também a obra do Espírito Santo. Revelação (e salvação) deve ter sua fonte, sua comunicação, sua apropriação e seu completamento em Deus. O Pai envia o Filho, o Filho revela o Pai, e o Espírito Santo capacita os homens a apreenderem o Pai como revelado no Filho.”²

No NT não temos nenhuma interpretação ou elaboração destes fatos, mas o seu reconhecimento.

A Trindade revelada nos evangelhos

A revelação de Deus como triuno vai se tornar clara à luz do Novo Testamento. No capítulo anterior, vimos que essa verdade estava velada no AT. Os israelitas estavam cercados pelo politeísmo professado pelos seus vizinhos. Se a Trindade fosse explicitada no AT poderia ser facilmente corrompida por essa influência. Além disso, essa doutrina só faria sentido à luz da encarnação do Verbo Divino. Jesus era Deus andando entre os homens (Jo 1.1, 14). Ele veio revelar tanto o caráter como a natureza de Deus (vers. 18).

Aqueles que não crêem na plena deidade de Cristo costumam argumentar que Ele nunca confessou que era Deus. Isso não é verdade. Em diversos momentos do Seu ministério, Ele revelou o seu caráter divino. Gradualmente seus discípulos foram compreendendo a Sua verdadeira natureza. O clímax dessa revelação progressiva foi a confissão de Tomé: “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.28). Quais foram os passos didáticos dados por Jesus para que seus discípulos chegassem a essa conclusão?

Em diversos momentos Ele foi dando indicações da Sua origem divina. Podemos encontrar alguns desses indícios ao longo do evangelho de Mateus, por exemplo. No Sermão da Montanha, que encontramos nos capítulos 5 a 7, Ele afirmou várias vezes: “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados [...] mas eu lhes digo” (cap. 5.21, 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 44). Enquanto os profetas da antiga aliança pregavam baseados na autoridade de Deus, dizendo “Assim diz o Senhor”, Jesus aparece fazendo reinterpretções baseados na Sua autoridade. Ele dizia “eu vos digo”, igualando a Sua autoridade a de Deus.

Quando os fariseus acusaram os discípulos de Cristo de transgredirem o sábado ao colherem espigas nesse dia, durante a discussão Jesus usou um argumento que revelava a Sua divindade. Ele afirmou: “Eu lhes digo que aqui está o que é maior do que o templo.” (Mt 12.6). Como isso soava para seus ouvintes? Como blasfêmia, afinal, o que havia no templo de Jerusalém que o tornava especial centro de culto? A “shekinah”, a luz da presença divina que brilhava sobre a arca da aliança. O templo fora construído para ser a habitação de Deus entre os homens (Êx 25.8). Quando Jesus afirmou que era maior do que o templo estava declarando que era Deus andando entre os homens. Jeová não estava mais separado do Seu povo pelas paredes de uma construção.

Quando Jesus acalmou a tempestade no Mar da Galiléia estava declarando que era Deus também. Naquele momento de crise os discípulos temeram pelas Suas vidas. “Então Ele se

levantou e repreendeu os ventos e o mar, e fez-se completa bonança” (Mt 12.26). Então eles perplexos perguntaram: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” O Salmo 89 responde: “*Ó Senhor, Deus dos Exércitos, quem é semelhante a ti? És poderoso, Senhor, envolto em tua fidelidade. Tu dominas o revoltado mar; quando se agigantam as suas ondas Tu as acalmas.*” (vers. 8 e 9). A resposta àquela pergunta é contundente: Jesus era Deus.

Em outra ocasião, Ele estava pregando em casa na cidade de Cafarnaum quando quatro amigos lhe levaram um parálítico, deitado em uma maca. Antes de curá-lo, Jesus lhe oferece perdão para os seus pecados (Mt 9.2). A reação dos mestres da lei, que presenciaram a cena, é lógica: “Este homem está blasfemando!” (vers. 3). Por quê? A razão para acusar Jesus de blasfemador estava na questão: “Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” (Mc 2.7). Segundo o salmista Davi, todo pecado que cometemos é feito contra Deus (Sl 51.4). Não existe perdão por procuração, como crêem os católicos. Apenas o ofendido pode perdoar a ofensa. Por isso, ao perdoar aquele homem Jesus estava fazendo algo que apenas Deus poderia fazer. Nesse momento Ele estava confessando a Sua divindade.

Em diversas outras ocasiões Jesus revela a Sua origem divina. Mas as afirmações mais claras sobre a divindade de Cristo encontram-se ao longo do evangelho de João. Algumas dessas passagens serão estudadas no capítulo seguinte.

E o Espírito Santo?

A doutrina da Trindade foi consequência natural da aceitação da deidade de Cristo. Ao longo do cumprimento da Sua missão, Cristo apresentou outra pessoa como sendo membro da divindade, o Espírito Santo. Ao crer em Jesus como Deus, os discípulos estavam agora prontos para compreender não só quem era o Espírito Santo, mas também, qual era a Sua obra.

Essa revelação começou cedo na pregação de Cristo. Por ocasião do Seu nascimento o anjo Gabriel afirmou a Maria que o milagre do nascimento do Messias seria obra do Espírito Santo. “O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus.” (Lc 1.35).

Walter T. Conner comenta que o nascimento virginal de Jesus indica que a Sua natureza humana foi o resultado de um ato criativo da parte de Deus:

“O mesmo Espírito divino que pairou sobre as águas no princípio da criação pairava agora sobre Maria, e ela tornou-se mãe do único homem perfeito do mundo.”³

A Trindade se revelou nesse milagre. Outro momento em que a Divindade se envolve na missão salvífica de Cristo aconteceu por ocasião do Seu batismo. Esse acontecimento inaugurou o Seu ministério público. Na ocasião “assim que *Jesus* foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e Ele veio *Espírito de Deus* descendo como pomba e pousando sobre Ele. Então uma voz dos céus disse: “*Este é o meu Filho amado, em quem me agrado*’.” (Mt 3.16, 17). Pai, Filho e Espírito Santo se revelam ao mundo nessa ocasião. Logo após o batismo de Jesus o novo ato do Grande Conflito foi a provação que Ele passou no deserto. Cristo foi conduzido pelo Espírito Santo até lá (Mt 4.1 ;Mc 1.12). Durante o tempo que lá passou Jesus esteve sob Sua influência (Lc 4.1, 2). Por fim, Ele voltou para a Galiléia no poder do Espírito (Lc 4.14). O Espírito Santo esteve ligado ao começo, meio e fim da tentação no deserto. Cristo venceu a tentação no poder do Espírito.

O Senhor Jesus se relaciona conosco em dois aspectos: como exemplo e como Salvador. Como padrão de como deve ser a vida cristã os evangelhos declaram que Cristo era cheio do Espírito Santo. Por isso, Walter T. Conner conclui: “Seguir Jesus significa ser controlado pelo divino Espírito como Ele o foi.”⁴

O auge da revelação da personalidade e divindade do Espírito Santo vai ser o sermão de despedida que Jesus profere na noite que Ele foi traído (veja Jo 14-16).

Segundo Amin Rodor, as cinco passagens em que o parákletos é mencionado no evangelho de João (Jo 14:15-17, 26; 15:26-27; 16: 7-11, 12-14), podem ser organizadas em quatro grupos:

“(1) A VINDA DO PARÁKLETOS E SEU RELACIONAMENTO COM O PAI: O parákletos virá, mas apenas quando Jesus partir (Jo 15.26; 16.7, 8, 13). Ele procede do Pai (Jo 5.26). O Pai concederá o parákletos a pedido de Jesus (Jo 14.16). Jesus, quando partir, enviará o parákletos da parte do Pai (Jo 16.7).

“(2) A IDENTIFICAÇÃO DO PARÁKLETOS: Ele é chamado “outro parákletos” (Jo 14.16). É, também, o Espírito de Verdade (Jo 14.17; 15.26), e o Espírito Santo (Jo 14.26).

“(3) A RELAÇÃO DO PARÁKLETOS COM OS DISCÍPULOS: Os discípulos reconhecem o parákletos (Jo 14.17). O parákletos estará com os discípulos e permanecerá com eles (Jo 14.16, 17). Ele ensinará aos discípulos todas as coisas (Jo 14.26). Guiará os discípulos a toda a verdade (Jo 16.13). Anunciará aos discípulos as coisas que hão de vir (Jo 16.13). Receberá e anunciará o que é de Jesus (Jo 16.14). Glorificará a Jesus (Jo 16.14). Testemunhará em favor de Jesus (Jo 15.26). Relembrará aos discípulos tudo o que Jesus lhes ensinou (Jo 14.26). O parákletos falará apenas o que ouvir e nada de Si mesmo (Jo 16. 13).

“(4) A RELAÇÃO DO PARÁKLETOS COM O MUNDO: O mundo não pode receber o parákletos (Jo 14.17); O mundo não O vê nem O conhece (Jo 14.17). No contexto do ódio e perseguição movidos pelo mundo (Jo 15.18-25), o parákletos testemunhará de Jesus (Jo 15.26). Ele tornará evidente o erro do mundo acerca do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11).”⁵

Sobre o “outro Conselheiro” prometido por Jesus, Walter T. Conner comenta:

“O mesmo Jesus havia sido o Paráclito deles. Agora ele vai deixá-los, e manda outro para tomar o seu lugar. A palavra outro significa outro da mesma espécie (*allos*), e não outro de deferente espécie (*heteros*). Como Jesus os havia fortalecido, confortado, guiado, até agora, assim este Amigo invisível, este consolador Auxiliar, passará a ser agora companheiro dele, e guia. Isso não é nenhuma influência impessoal, ou pode, mas uma presença pessoal.”⁶

“A missão do Espírito, então, está em relação com Cristo e tão-somente com Ele. O Espírito não tem missão alguma senão em relação a Cristo e Sua obra salvadora. Ele não fala de si mesmo (Jo 16.13).”⁷

A Trindade revelada no livro de Atos

Tem sido sugerido que o livro de Atos dos Apóstolos deveria ser chamado de “Atos do Espírito Santo através dos apóstolos”. Se os quatro evangelhos estão centrados na pessoa de Jesus, o livro de Atos tem como personagem principal o Espírito Santo e Sua missão. Lucas segue o costume literário da sua época. Nos primeiros versículos (vers. 1 e 2), ele resume a obra anterior, o seu evangelho, para logo em seguida (vers. 3-5) apresentar o tema da nova obra: “Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo.” (cap. 1.5). No vers. 8, Lucas ainda apresenta a estrutura geral do livro: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” Os capítulos 1 a 7 descrevem a expansão da igreja em Jerusalém e Judéia. Os capítulos 8 a 12 falam do evangelho alcançando a Samaria e a partir do capítulo 13 chegando aos confins da terra. Outro destaca dos capítulos iniciais do livro de Atos é manifestação do Deus triúno. O Filho retorna para os céus (cap. 1) e logo em seguida a Igreja recebe o Espírito Santo (cap. 2), enviado pelo Pai (cap. 1.4). A Trindade vai ser anunciada na pregação de Pedro, no dia de Pentecostes. O que os judeus estavam presenciando naquele dia era o cumprimento da promessa de Joel: “Nos últimos dias, diz Deus, *derramarei do meu Espírito*, sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas *derramarei do meu Espírito* naqueles dias e eles profetizarão.” (At 2.17, 18). Logo em seguida, após falar do Espírito Santo, Pedro explica: “Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem.” (vers. 32). Mais a frente do seu discurso ele reafirma o envolvimento da Trindade no que estava acontecendo naquela manhã: “Deus ressuscitou este

Jesus [Filho], e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, Ele recebeu do *Pai* o *Espírito Santo* prometido e derramou o que vocês agora vêem e ouvem.” (At 2.32 e 33). Essa mesma estrutura vai ser seguida nos vers. 38 e 39: “Pedro respondeu: ‘Arrependam-se e cada um de vocês seja batizado em nome de *Jesus Cristo* [filho] para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do *Espírito Santo*. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, *o nosso Deus* [Pai], chamar’.”

Pela leitura do livro de Atos percebemos que ser cristão significa ter o Espírito e ser um cristão normal significava estar cheio com o Espírito.

No capítulo 5, Lucas conta um incidente envolvendo um casal de cristãos, Ananias e Safira, que tentaram se promover dando uma oferta avarenta. Eles venderam uma propriedade e retiveram uma parte para si do dinheiro arrecadado enquanto o restante foi doado para a igreja. Pedro, dirigido pelo Espírito Santo, percebeu a hipocrisia daquela aparente atitude generosa e foi duro: “Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, ao ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade.” (vers. 3). Então, o apóstolo explica que mentir ao Espírito Santo é o mesmo que mentir a Deus: “Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus” (vers. 4). No versículo 9, ele declara que o casal havia tentado ao “Espírito do Senhor”.

“Aqui mais uma vez vemos que o Espírito Santo é identificado como Deus e é tão pessoal como Deus. Ananias mentira ao Espírito. Não é possível mentir-se a uma força ou pode impessoal. Mentir significa mui pouco em um mundo impessoal.”⁸

Quando Paulo chegou a Éfeso encontrou um grupo de discípulos de João Batista que não conheciam a Jesus. Contudo, o apóstolo Paulo usou como padrão para estabelecer o grau da experiência espiritual daquele grupo a pergunta: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram? Eles responderam: Não, nem sequer ouvimos que *existe* o Espírito Santo.” (At 19.2). Severino Pedro da Silva comenta esse episódio, enfatizando que ele prova a personalidade do Espírito Santo:

“O Espírito Santo existe individualmente (At 19:2) e opera (v.6). O verbo usado para ‘existir’ (v. 2) é o verbo ser (gr. *estin*). A Bíblia deixa claro que o que aqueles discípulos não sabiam sobre Deus era a existência do Espírito Santo.”⁹

Não pode haver cristianismo verdadeiro sem a operação interna do Espírito Santo que vem habitar no indivíduo remido.

“Quando Paulo encontrou algumas pessoas que haviam sido batizadas, porém que não haviam recebido o Espírito, ele as batizou de novo. E ele o fez, sem dúvida, na base de que o homem que não conhecia o Espírito não conhecia a Cristo (At 19.1 ess.). Receber Cristo é receber o Espírito.”¹⁰

A Trindade nas epístolas

A seguir será feito um breve levantamento das referências à Trindade que são feitas nas Epístolas do NT. Podemos perceber que não se trata de três nomes serem citados juntos, mas cada membro da divindade desempenha uma função em relação a Sua criação e a obra da redenção:

1. **Rm 1.1-4:** “Paulo, servo de *Cristo Jesus*, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de *Deus*, o qual foi prometido por *Ele* [o Pai] de antemão por meio dos seus profetas nas Escrituras Sagradas, acerca de Seu *Filho*, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o *Espírito de santidade* foi declarado Filho de Deus com poder, pela Sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor.”

Jesus chamou a Paulo no caminho de Damasco (At 9). Essa iniciativa de Cristo impactou a vida e a teologia de Paulo. Ele entendeu que o chamado divino tinha sido um ato da graça de Deus. Não dependia dele, por que naquele momento a sua disposição pessoal era contrária ao evangelho. Deus tomou a iniciativa de ir ao encontro daquele homem. Se fora assim com Paulo deveria ser com todos os outros. Pelo estudo das Escrituras o apóstolo entendeu que essa graça já estava prometida aos homens. Esse era o teor do “evangelho de Deus”. Por fim, Paulo fala do Espírito Santo como agente santificador (Rm 15.16; 1Pd 1.2). Cada membro da divindade desempenhando o Seu papel no plano da salvação.

2. **Rm 8.14-17:** “Porque todos os que são guiados pelo *Espírito de Deus* são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o espírito que os adota como filho, por meio do qual clamamos: ‘Aba, *Pai*’. O próprio *Espírito* testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com *Cristo* [Filho], se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da Sua glória.”

Ter o Espírito Santo é o critério para definir que é cristão ou não. Além de ser a garantia de nossa filiação, Ele desperta em nós a certeza da aceitação de Deus. A conseqüência lógica desse fato é que podemos nos confortar com a promessa de que seremos feitos herdeiros da glória de Deus pelo Pai e pelo Filho.

3. **Rm 15.15, 16:** “A respeito de alguns assuntos, eu lhes escrevi com toda a franqueza, principalmente para fazê-los lembrar-se novamente deles, por causa da graça que *Deus* me deu, de ser um ministro de *Cristo Jesus* para os gentios, com o dever sacerdotal de

proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo *Espírito Santo*.”

Paulo se coloca como um sacerdote diante do altar, onde o sacrifício são as pessoas redimidas pelo sangue de Cristo. Os gentios ganhos para o evangelho são retratados como um sacrifício oferecido a Deus. Essa obra de ministrar como sacerdote é a concretização da missão do Espírito Santo que trabalha no coração do pecador e do missionário capacitando-o para realizar a sua missão.

4. **Rm 15.30:** “Recomendo-lhes, irmãos, por *nosso Senhor Jesus Cristo* e pelo *amor do Espírito*, que se unam a mim em minha luta, *orando a Deus* em meu favor.”

O Espírito Santo levaria os homens a sentirem ternura pelos irmãos que tenham que passar por alguma necessidade. O Espírito Santo está envolvido por que atua como intercessor e como um ser pessoal, por que nos ama. Não podemos ser amados por uma energia ou uma força impessoal. Além de nos amar, o Espírito Santo é o canal usado por Deus para derramar o Seu amor em nós: “E a esperança não nos decepciona, porque *Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo* que ele nos concedeu.” Rm 5.5.

5. **1Co 12.4-6:** “Há diferentes tipos de dons, mas *o Espírito* é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas *o Senhor* [Filho] é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo *Deus* [Pai] quem efetua tudo em todos.”

Nessa passagem, o apóstolo Paulo demonstra que a capacitação da igreja para desempenhar a sua missão evangélica é obra da Trindade. O Espírito Santo define os dons que cada membro do corpo deve receber (veja com atenção os vers. 3, 7, 11). Esse poder de decisão revela que Ele é um ser pessoal.

6. **2Co 1.21, 22:** “Ora, é *Deus* que faz que nós e vocês permaneçamos firmes em *Cristo*. Ele nos ungiu, nos selou como sua propriedade e pôs o Seu *Espírito* em nossos corações como garantia do que está por vir.”

A habitação do Espírito Santo no crente é a garantia de que ele vai estar na glória. O recebimento do Espírito Santo hoje é uma forma de sentir em parte o que vamos receber em plenitude no futuro. Paulo escreveu: “Vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa.” Ef 1.13.

7. **2Co 13.14(13):** “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês.”

Essa conclusão da epístola aos Coríntios é conhecida como a “benção apostólica”. Para comentários adicionais sobre esse versículo veja o capítulo 8.

8. **Ef. 1.3-14:** “Bendito seja o *Deus e Pai* de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestial em Cristo [...] *NEle* [em Cristo] temos a redenção por meio de Seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo cm as riquezas da graça de Deus [...] Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o *Espírito Santo* da promessa.”

Comentário a essa doxologia pode ser encontrado no capítulo 8.

9. **Ef 2. 18:** “Pois por meio dEle [Cristo] tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito.”

O biblista Russel N. Champlin comenta essa afirmação trinitariana:

“Vemos que o acesso é possibilitado pela missão do Filho, que é realizado ‘no Espírito’, isto é, através do Seu poder, da Sua presença habitadora, de sua obra ministerial, e isto nos conduz ao ‘Pai’. [...] A doutrina da Trindade transparece por toda esta epístola. Os crentes são chamados pelo Pai, são remidos pelo Filho e são incorporados em um só corpo pelo Espírito Santo.”¹¹

10. **Ef 3.14-19:** “Por essa razão, ajoelho-me diante do *Pai*, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, Ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do *Seu Espírito*, para que *Cristo* [Filho] habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.”

Nessa oração intercessória de Paulo “podemos notar expressões de inclinações trinitárias:

Deus fortalece-nos no íntimo, ‘através do Espírito’, e envia Cristo, Seu Filho, para habitar em nossos corações.”¹²

11. **Ef 4.4-6:** “Há um só corpo e um só *Espírito*, assim como esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só *Senhor*, uma só fé, um só batismo, um só *Deus* [Pai] e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos”

Além da tônica trinitariana que encontramos na epístola aos Efésios, a parte final da carta descreve o como o crente pode ser “cheio do Espírito Santo”. Em Ef 4.30, Paulo escreveu que podemos entristecer o Espírito Santo: “Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados pra o dia da redenção.” Compare essas palavras com Is 63.10. Sobre isso, Walter T. Conner esclarece:

“Paulo exorta os efésios a não agravarem o Espírito Santo, como que eles estão selados para o dia da redenção. O contexto mostra que ele quer dizer que agravamos o Espírito quanto pecamos contra os nossos semelhantes – roubando, mentindo, dando lugar a iram, sendo indelicados e sem espírito perdoador em relação a outros. O cristão sente esta aflição em seu próprio coração quanto ele peca. Não é apenas a sua aflição; é a aflição do Espírito Santo de Deus que em nós vive e que se esforça para conduzir-nos em uma vida santa.”¹³

12. **2Ts 2.13, 14:** “Mas nós devemos sempre dar graças a *Deus* [Pai] por vocês, irmãos amados pelo *Senhor* [Filho], porque desde o princípio *Deus* os escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora do *Espírito* e a fé na verdade. Ele os chamou para isso por meio de nosso evangelho, a fim de tomarem posse da glória de *nosso Senhor Jesus Cristo*.”

Paulo, nesta passagem, destaca que a salvação é uma obra divina: o Pai elege, o Filho ama a igreja por quem deu a Sua vida, e o Espírito Santo santifica.

13. **Tt 3.4-6:** “Houve tempo em que nós também éramos insensatos e desobedientes, vivíamos enganados e escravizados por toda espécie de paixões e prazeres. Vivíamos na maldade e na inveja, sendo detestáveis e odiando uns aos outros. Mas quando, da parte de *Deus*, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa dos atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, Ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do *Espírito Santo*, que Ele derramou sobre nós generosamente, por meio de *Jesus Cristo*, nosso Salvador.”

Baseado nessa passagem, Champlin comenta que “o Espírito Santo executa em nós toda a vontade de Deus para conosco, transformando-nos segundo a imagem de Cristo, para que nos tornemos seres celestiais, aptos para a vida nos céus.”¹⁴

14. **Hb 9.13, 14:** “Ora, se o sangue de bodes e touros e as cinzas de uma novilha espalhadas sobre os que estão cerimonialmente impuros os santificam, de forma que se tornam exteriormente puros, quantos mais o sangue de *Cristo* [Filho], que pelo *Espírito Eterno* se ofereceu de forma imaculada a *Deus* [Pai], purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!”

O Espírito santo torna real para o crente a salvação que Cristo oferece. Com contraste com a temporalidade do sistema sacrificial do AT, esse mesmo Espírito exerce Sua obra no homem de forma contínua e completa.

15. **Hb 10.29, 30:** “Quão mais serve o castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o *Filho de Deus*, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o *Espírito da graça*? Pois conhecemos aquele que disse: ‘A mim pertence a vingança ; eu retribuirei’, e outra vez: ‘O Senhor julgará o Seu povo’. Terrível coisa é cair nas mãos do *Deus vivo* [Pai]!”

O título “Deus vivo” é comum no AT. Esse nome contrastava Jeová com os “ídolos mortos” – os falsos deuses do paganismo. O escritor enfatiza a justiça do Deus verdadeiro, mas para não dar uma impressão distorcida do caráter dEle, o Espírito Santo é chamado de “Espírito da graça”. É Ele que nos dá a certeza do perdão divino (veja Hb 6.4-6).

16. **1Jo 3.21- 24:** “Amados, se o nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de *Deus* e recebemos dele tudo o que pedimos, por que obedecemos aos seus mandamento e fazemos o que lhe agrada. E este é o sue mandamento: Que creiamos no nome de Seu *Filho Jesus Cristo* e que nos amemos uns os outros, como ele nos ordenou. Os que obedecem aos seu mandamentos nele permanecem, e ele neles. Do seguinte modo sabemos que Ele permanece em nós: pelo *Espírito* que nos deu.”

Quando a pessoa aceita a Cristo ele é batizado no Espírito Santo (Gl 3.1-5). Esse batismo nos faz novas criaturas e a partir da morada dEle no crente Ele se torna seu guia e instrutor. 1Jo 2.20 fala dessa promessa: “você têm uma unção que procede do Santo, e todos vocês tem conhecimento”. O versículo 27 complementa: “Quando a vocês a unção que receberam dEle permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensina; mas, como a unção dele recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nEle como ele os ensinou.” Isso cumpre a promessa que Jesus fez: “Mas quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade.” Jo 16.13. Ela cumpre também a promessa de Deus em Jr 31.33, 34: “‘Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias’, declara o Senhor: ‘Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior’, diz o Senhor.”

17. **1Pd1.1,2:** “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus, peregrinos dispersos no Ponto, Galácia, na Capadócia, na província a Ásia e na Bitínia, escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do Seu sangue: graça e paz lhes sejam multiplicadas.”

O apóstolo Pedro também entendia o Pai, o Filho e o Espírito Santo como sendo Deus. A sua saudação em sua primeira epístola, destaca o envolvimento do Deus triuno na eleição dos salvos: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus [...] escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de *Deus Pai*, pela obra santificadora do *Espírito*, para a obediência a *Jesus Cristo* e aspersão do Seu sangue.” (cap. 1.1 e2). Em seu sermão pregado no dia de Pentecostes, Pedro já havia falado da pré-ciência de Deus como determinando o sofrimento pelo qual Cristo deveria passar: “Este homem [Cristo] lhes foi entregue por propósito

determinado e pré-conhecimento de Deus” (At 2.23). Ele então cita a Trindade: “Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora vêem e ouvem.” (vers. 32, 33).

18. **1Pd 3.18:** “Pois também *Cristo* sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a *Deus*. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo *Espírito*.”

Sobre quem ressuscitou a Jesus, veja os comentários feitos na pág. XX, no Apêndice 1.

19. **Jd 20, 21:** “Edifiquem-se, porém, amados, na santíssima fé que vocês têm, orando no *Espírito Santo*. Mantenham-se no amor de *Deus*, enquanto esperam que a misericórdia de nosso *Senhor Jesus Cristo* os leve para a vida eterna.”

Judas conclui sua pequena epístola com uma clara afirmação trinitariana.

No Apocalipse

Na introdução do Apocalipse a saudação foi escrita em forma de doxologia. “João às sete igrejas da província da Ásia: A vocês, graça e paz, da parte daquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos que estão diante do seu trono, e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra.” Ap 1.4,5. O título usado para referir-se a Deus Pai (Aquele que é, que era e que há de vir) remete-nos ao nome que Ele usou para se revelar a Moisés: “Disse Deus a Moisés: ‘EU SOU O QUE SOU. É isto que você dirá aos israelitas: EU SOU me enviou a vocês’.” Êx 3.14. Tanto em um caso como em outro os nomes de Deus Pai nos remetem para a Sua eternidade e imutabilidade.

O Espírito Santo é chamado de os “sete espíritos” que estão diante do trono (vers. 4). Sete, no livro do Apocalipse, significa plenitude, totalidade, portanto, esse nome dado ao Santo Espírito destaca a Sua divindade plena. O profeta Isaias também refere-se ao Espírito de Deus de sete formas diferentes: “Um ramo surgirá do tronco de Jessé, e das suas raízes brotará um renovo. (1) O Espírito do Senhor repousará sobre ele, (2) o Espírito que dá sabedoria e (3) entendimento, (4) o Espírito que traz conselho e (5) poder, o (6) Espírito que dá conhecimento e (7) temor do Senhor.” Is 11.1, 2. Mas adiante no livro do Apocalipse esse título será usado para se referir a Ele novamente.

Por fim, o apóstolo João refere-se a Jesus Cristo como sendo a “testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra” (vers. 5a). Ele é a testemunha fiel porque revelou a glória de Deus (Jo 1.18; 14.8, 9; 17.4). Ele é o primogênito dentre os mortos,

não por que seja o primeiro a ressuscitar. Moisés já tinha ressuscitado antes dEle e havia sido recebido na glória (Jd 9; Mt 17.3). Ele é o primogênito dentre os mortos por que a Sua ressurreição é a mais importante dentre todas as que já aconteceram. A Sua ressurreição garantiu a vitória sobre a morte (Hb 2.14, 15; Ap 1.18). Por último, Jesus é chamado de “o soberano dos reis da terra” (vers. 5a). Na parte final do livro da Revelação Ele aparece montado em um cavalo, como um conquistador celestial, trazendo na sua coxa a seguinte inscrição: “Rei dos reis e Senhor dos Senhores”. (Ap 19.16). Esse título é uma declaração à favor da Sua divindade (1Tm 6.15, 16).

Por isso essa saudação inicial do livro do Apocalipse é chamada de doxologia: ela é uma exaltação ao Deus triunfo maravilhoso a quem servimos.

João vai fazer referência a Trindade novamente no capítulo 4 e 5, na visão do trono de Deus no céu. Ele é levado, pelo Espírito, ao céu e lá ele vê “Aquele que estava assentado [no trono] era de aspecto semelhante a jaspe e sardônio.” (cap. 4.3). Essa descrição de Deus o Pai é semelhante aquela feita pelo profeta Daniel: “Enquanto eu olhava, tronos foram colocados, e um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono era envolto em fogo, e as rodas do trono estava em chamas.” (cap. 7.9). A cor das chamas que envolviam o trono, conforme Daniel, é semelhante as tonalidades da jaspe e sardônio, vista por João.

Em seguida, ao descrever a sala do trono celestial, João vê “sete lâmpadas de fogo que são os sete espíritos de Deus”, cap. 4.5. No capítulo seguinte, João descreve o cordeiro (uma referência a Jesus) como tendo “sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra” (vers. 6). Essa passagem destaca a íntima relação que há entre a missão do Filho e a do Espírito Santo. Os sete chifres do cordeiro é uma referência a Sua onipotência, pois chifre é símbolo de poder (Dt 33.17; Zc 1.18-21). O vidente de Patmos diz que o cordeiro tem sete olhos, que destaca a Sua onisciência. Por fim, João diz que os sete chifres e os sete olhos “são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra” (vers. 6). Essa passagem nos remete a promessa que Jesus fez aos discípulos quanto a vinda do Conselheiro: “E eu [Jesus] pedirei o Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre” (Jo 14.16). “Quando vier o Conselheiro, *que eu enviarei a vocês* da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, Ele testemunhará a meu respeito.” (vers. 26). O Espírito Santo foi enviado ao mundo pelo Pai e pelo Filho (veja também o cap. 16.7). Fechando a descrição da Divindade, no capítulo seguinte dessa visão, João vê “um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono” (vers. 6). No versículo anterior ele é

chamado de “Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi” (por ser sucessor de Davi Ele tem direito a reinar), ver. 5.

Por fim, na visão final do seu livro, o apóstolo vê a Nova Jerusalém, a Cidade Santa que descia dos céus (Ap 21.2). Então ele faz referência a “Aquele que estava assentado no trono” (vers. 5), que nos vers. 6 e 7 é identificado como Deus. O Cordeiro aparece na cidade, assentado sobre o trono, em co-regência com o Pai (Ap 21.22, 23; 22.1). Por fim, do trono fluía “o rio da água da vida”, que será “claro como cristal” (cap. 22.1). O próprio João explica, em seu evangelho, que esse rio é uma representação do Espírito Santo: “No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva’. *Ele estava se referindo ao Espírito*, que mais tarde receberiam os que nEle cressem. Até então o espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado.” (Jo 7.37-39). Portanto, no fechamento do Seu livro, João tem um deslumbre da Trindade na eternidade.

No capítulo 22, do Apocalipse, tal como na saudação inicial do livro, a Trindade se revela novamente. No vers. 12 e 13, o Pai fala: “Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.” No vers. 16 é a vez do Filho eterno se apresentar: “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã.” E, por fim, quem se manifesta o Espírito Santo: “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida’.” (vers. 17). Nessa seção, o Pai é descrito como o absoluto, o Filho como soberano e governante do Universo e o Espírito Santo como apelando aos pecadores. É uma descrição do envolvimento da Divindade no plano da salvação.

No livro do Apocalipse o Espírito Santo tem um papel de destaque. Em várias ocasiões o escritor diz ter sido levado pelo Espírito (1.10; 4.2; 17.3; 21.10), da mesma forma como os profetas do AT (Ez 2.2; 8.3, etc). O Espírito inspirou a João como também a todos os escritores da Bíblia (2Pd 1.10, 21). Além disso, o Espírito adverte as sete igrejas da Ásia (Ap 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22), e em conjunto com a noiva, convida os pecadores à salvação (cap. 22.11). Ele também consola (cap. 14.13). Essas ações destacam a Sua missão em favor da humanidade, como descrita por Jesus em Jo 14-16, e por fim destacam a realidade da Sua personalidade.

Conclusão

Muitas outras passagens poderiam ser citadas para aprofundar o nosso estudo sobre a Trindade de Deus. Mas nossa preocupação ao longo desse estudo não foi gostar o assunto, mas demonstrar que ele está fundamentado nas Escrituras. Para entender essa verdade é preciso estudar os textos bíblicos em seus contextos e comparar passagens com passagem. Como essa doutrina está difundida ao longo da Bíblia é preciso ter uma visão global do que ela ensina.

O estudante deve ter a preocupação de não cair na armadilha da especulação filosófica.

Quando vamos além do que está escrito podemos cair em algum engano. Talvez a falta de cuidado nesse ponto seja fruto do orgulho espiritual que leva a pessoa a não conseguir separar entre o que a Bíblia ensina de fato e o que gostaríamos que ela ensinasse.

Nesse ponto da nossa reflexão cabe a advertência da pena inspirada:

“A revelação que Deus de Si mesmo deu em Sua Palavra é para nosso estudo. Esta podemos procurar compreender. Mas além disto não devemos penetrar. O mais elevado intelecto pode esforçar-se até à exaustão em conjeturas concernentes à natureza de Deus, mas infrutíferos serão os esforços. Esse problema não nos foi dado a solver. Nenhuma mente humana pode compreender a Deus. Ninguém se deve entregar a especulações com referência a Sua natureza. A esse respeito, o silêncio é eloquente. O Onisciente está acima de discussão. [...] Somos tão ignorantes acerca de Deus como criancinhas; mas, como criancinhas, é-nos dado amá-Lo e obedecer-Lhe.” CBV 429, 430.

Referências:

¹ CONNER, Walter T. *Revelação e Deus*, p. 309.

² *Idem*, p. 308, 309.

³ *Idem*, p. 278.

⁴ *Idem*, p. 280.

⁵ RODOR, Amin A. *O Espírito-parákleto no quarto evangelho*. Parousia, ano 4, n° 2 (2° semestre de 2005), p. 54.

⁶ CONNER, Walter Thomas. *Revelação e Deus*, p. 275.

⁷ *Idem*, p. 283.

⁸ *Ibidem*.

⁹ SILVA, Demóstenes Neves da. *A Trindade e o Espírito Santo*, p. 7.

¹⁰ CONNER, Walter Thomas. *Revelação e Deus*, p. 291.

¹¹ CHAMPLIN, Russel N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 586.

¹² *Idem*, p. 586.

¹³ *Revelação e Deus*, p. 276.

¹⁴ CHAMPLIN, Russel N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 5, p. 440.

Capítulo 4

Em defesa da plena Divindade de Cristo

Jesus havia chegado a Cesaréia de Filipe, no extremo norte da Palestina, ao pé do Monte Hermon. Em uma conversa intimista com seus discípulos, Ele lhes pergunta: “Quem os outros dizem que o Filho do homem é?” (Mt 16.13). Eles então listam as várias opiniões correntes entre o povo sobre a Sua identidade. Pelas respostas dadas podemos perceber que o povo tinha um alto conceito sobre Jesus. Ele era considerado como homem de Deus, pois fora identificado com vários grandes profetas. Mas ver Jesus apenas como um profeta não era o bastante.

Então Jesus, mostrando como é importante termos uma opinião pessoal sobre Ele, lhes pergunta: “E vocês?... Quem vocês dizem que eu sou?” (vers. 15). Pedro quebra o silêncio que se seguiu respondendo: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (vers. 16).

Se fizermos uma enquête sobre quem é Jesus, talvez encontraremos tantas repostas diferentes quanto forem as pessoas entrevistadas. Alguns, ligados a algum tipo de pensamento místico, dirão que Ele foi um Grande Mestre, um Iluminado. Outras pessoas, que tenha envolvimento com algum partido político, vejam em Jesus algum tipo de revolucionário. Talvez, alguém diga que Ele foi mártir, um bom homem ou um idealista. Estas idéias podem ou não revelar parte da verdade sobre a pessoa de Jesus. Mas, todas juntas não levam a compressão de Sua verdadeira identidade. E para você, quem foi Ele?

Por que esta questão é tão importante? A razão o próprio Cristo a dá: essa compreensão só pode vir por meio da revelação de Deus (vers.17). Ela não depende da vontade, pesquisa ou inteligência humana. É um ato da revelação. Paulo afirma que “quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente” (1 Co 2.14). Saber quem Ele é envolve a vida eterna: “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

Compreender a divindade de Cristo faz parte do esforço de tentar conhecê-lo. Segundo Ellen White, se não tivermos uma correta compreensão de quem é Jesus não entenderemos o plano da salvação ou, no mínimo, acalentaremos alguma heresia a este respeito: “Pessoa alguma que alimente este erro [a negação da divindade de Cristo] pode ter exato conceito do caráter ou missão de Cristo, nem do grande plano de Deus para a redenção do homem”. GC 524. Todas as heresias partem de uma interpretação errônea sobre a pessoa de Jesus Cristo.

Cristo é Deus pleno?

A divindade de Cristo é uma questão bem definida no Novo Testamento. Vamos analisar algumas passagens sobre esse tema:

1. **Jo 1.1-3.** As Testemunhas de Jeová são conhecidas pela sua beligerância contra doutrina da Trindade e a divindade de Cristo. Para dar base as suas doutrinas eles produziram a sua própria tradução da Bíblia, conhecida como Tradução do Novo Mundo (TNM). Como o texto de Jo 1.1 é uma das mais claras passagens bíblicas sobre a divindade de Cristo eles tiveram que adulterar a sua tradução. Na TNM está: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era [um] deus.” Eles alegam que fizeram isso por que a última vez que a palavra “Deus” aparece nessa passagem ela não está acompanhado do artigo definido. Por isso a forma correta de verter a última oração do versículo é “e a Palavra era [um] deus”. Contudo, a gramática grega diz que quando o predicativo do sujeito (nesse caso “Deus”) não está acompanhado de artigo: “omite-se o artigo diante do nome predicado do sujeito.”¹ Se a construção proposta por eles fosse correta a Bíblia estaria ensinando o biterismo, fato negado pelas Escrituras. Através do profeta Isaías, o Senhor afirmou: “Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim.” (Is 43.10).

Podemos dividir Jo 1.1 em três cláusulas:

- a) “*No princípio era o Verbo*”: Antes da criação e do tempo começar, o Verbo já existia. O imperfeito grego *en*, “era”, é existencial e transmite a idéia de continuidade.
- b) “*E o verbo estava com Deus*”: O termo Deus refere-se ao Pai. “Com Deus” mostra a idéia de um relacionamento dinâmico numa comunhão perfeita na eternidade passada entre o Pai e o Filho. Nessa passagem, João condena o modalismo, que confunde as pessoas divinas, e o unicismo, que nega a pluralidade dentro da divindade.
- c) “*E o Verbo era Deus*”: As idéias deste versículo são progressivas até chegarem ao ápice nesta frase.

2. **Jo 1.14.** “*O Verbo se fez carne*”. O verbo “habitar” (gr. *skenoo*) significa “morar em uma tenda”, ou seja, uma moradia provisória e contrasta com a condição divina de Cristo que é permanente (Cl 2.9).

3. **Jo 5.18.** A estrutura do texto grego deixa claro que quem afirmou que Jesus era “igual a Deus” não foram os judeus, mas o apóstolo João.

4. **Jo 8.58.** Jesus afirmou: “antes de Abraão nascer, EU SOU”, remetendo os seus ouvintes às palavras de Ex 3.14 (compare com Is 43.10-13, que na LXX tem uma construção idêntica). Os judeus tomaram em pedras para o apedrejar. Havia cinco motivos pelos quais alguém merecia a pena de morte por apedrejamento. Eram os seguintes: (1) invocação dos mortos, Lv 20.27;

(2) blasfêmia, Lv 24.10-23; (3) falsa profecia que levasse o povo à idolatria, Dt 13.5-10; (4) filhos rebeldes, Dt 21.8-21 e (5) adultério e estupro, Dt 22.21-24 e Lv 20.10. Por qual destes crimes Jesus estava sendo acusado? Note que no capítulo 10, João afirma que “novamente os judeus pegaram pedras para apedrejá-lo”, por que Ele se dizia “Deus” (versículos 31 e 33). Além disso, nas Escrituras existe apenas um Eu Sou (Is 48.12; 44.6; Ap 1.8, 17).

5. **Jo 17.5.** Compare com Is 42.8 e 48.11. “Quando Jesus orou em Jo 17.5 revelou, também de forma incontestável, que queria ser glorificado com a glória do Pai, e que essa glória do Pai (Jeová) não era novidade para ele, já que afirmou que a possuía, junto (no grego, *para*) do Pai (‘... a glória que eu tive junto de ti’), antes que o mundo existisse.”

6. **Jo 20.28.** Aqui Tomé declara a divindade de Cristo. No original grego está: *hó kyriós mou kai hó theós mou*, literalmente: “o Senhor meu e o Deus meu”.

7. **1Jo 5.20.** Nessa passagem João afirma: “sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro. E nós estamos naquele que é o Verdadeiro, em Seu Filho Jesus Cristo. *Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.*” Para Sérgio Osório² nessa última sentença o apóstolo está se referindo ao Pai e não ao Filho. Porém, para definir a identidade do “verdadeiro Deus e a vida eterna” precisamos ver, em outras partes dessa epístola, a quem João identifica como sendo a Vida Eterna. Na introdução da sua carta, João chama a Jesus Cristo de Vida Eterna (veja 1Jo 1.2). Se Ele é a vida eterna, Ele deve ser “o verdadeiro Deus” referido no texto que estamos estudando.

8. **Fp 2.6-9.** Cristo não abriu mão da sua Divindade, mas combinou-a com a humanidade. No texto grego a palavra “*forma*” é *morphê*. W.C. Taylor comenta sobre este versículo:

“‘*Morphê*’ significa forma, implicando caráter e natureza essenciais. Está em contraste com *schêma* que significa figura, semelhança exterior e efêmera. *Morphê* salienta a natureza divina e real humanidade de Jesus em Fp 2.6 e 7, e *schêma* salienta a fase passageira de Sua humanidade.”³

Walter Martin explica ainda:

“É interessante notar que o termo grego *uparchon*, que em Filipenses 2.6 é traduzido como ‘subsistindo’, significa literalmente ‘permanecendo ou não deixando de ser’. Portanto, nesse contexto, Cristo nunca deixou de ser Deus, e permaneceu com sua Substância básica. Era realmente Deus ‘manifesto em carne’.”⁴

9. **Ci 2.9.** A palavra “habitar” vem do grego *katoikeo*, de “viver”, “habitar” e tem a idéia de morada permanente.

10. O livro de Hebreus foi escrito para provar a superioridade do Cristianismo sobre os ritos judaicos. No primeiro e segundo capítulos, o autor lança o alicerce de sua argumentação ao apresentar a superioridade de Cristo sobre os anjos e os homens e o apresenta como Deus: veja Hb 1.8 e 9 e compare com Sl 45.6 e 7. Compare Hb 1.2 com 3.4.

Ao longo da argumentação, o autor cita várias passagens do AT para demonstrar os atributos divinos do Filho: Ele é criador (Hb 1.2, 10), mantenedor do universo (vers. 3), digno de adoração (vers. 6), imutável e eterno (vers. 12).

No vers. 3, o escritor diz sobre Jesus: “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa.” A “expressão exata” é a tradução do gr. *charaktêr*, que tem sentido de “duplicata exata” da natureza ou ser (gr. *hypostasis*) de Deus “querendo dizer que Deus Filho duplica de forma exata o ser ou a natureza de Deus Pai de todos os modos, quais quer que seja os atributos ou o poder que Deus Pai tenha, Deus Filho semelhantemente os tem.”⁵

11. **2Pd 1.1.** Nessa passagem Pedro chamou Cristo de “Deus”.

A subordinação de Cristo

Denominam-se passagens subordinativas aquelas que explicitamente afirmam a sujeição de Jesus ao Pai. Estão entre as mais citadas: Mt 26.39 e 42; Jo 4.34; 5.19 e 30; 14.28; 1Co 11.3; 15.27, 28; Fl 2.7 e 8; Hb 5.8. Valendo-se destas passagens alguns tentam provar que Jesus, sendo subordinado ao Pai, seria inferior a Ele. Acontece que a compressão correta destas passagens, longe de negar, confirma a divindade de Cristo.

Estes textos podem ser divididas em dois grupos: as que fazem referência ao ministério terrestre de Cristo e as que falam da sua posição depois da erradicação do pecado do Universo. As passagens que falam da Sua encarnação devem ser consideradas na perspectiva da humilhação que esta condição lhe impôs.

1. **Jo 4.34.** Jesus veio ao mundo para cumprir a missão que o céu lhe confiou. Nesta passagem ela é chamada de “a vontade dAquele que Me enviou.” Para poder tornar-se nosso Salvador, Jesus precisou cumprir, em sua vida humana, a vontade de Deus (Sl 40.8).

2. **Hb 5.8.** Este versículo afirma que Jesus, através de Sua obediência, foi “aperfeiçoado”, ou seja, atingiu maturidade física e espiritual indispensável pra oferecer um sacrificio perfeito e torná-lo “o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem” (vers. 9). Claro que esta maturação tem a ver com Sua natureza humana, pois a sua natureza divina não precisa

aprender, ou ser aperfeiçoada. Sua humanidade precisava ser desenvolvida. Sua morte só ocorreria no momento certo (veja Jo 7.30 e 44; 8.20; 13.1). Ele deveria estar em plena dependência de Deus, não podendo fazer nenhum milagre para si. Esta dependência tornou-se tão forte que quando se via ameaçado, insistia com o Pai, e isto “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hb 5.7), para que fosse protegido. Quando chegou o tempo de oferecer-se como sacrifício Ele, longe de querer livrar-se do sofrimento, aceita cumprir a vontade de Deus (Jo 12.27). No Jardim do Getsêmani Sua natureza humana recuou diante da morte, mas ainda a vontade de Deus lhe era soberana (Mt 26.39). Toda a vida de Jesus, enquanto esteve na terra, foi voltada para fazer a vontade de Seu Pai (Jo 5.19 e 30).

3. A subordinação de Jesus ao Pai não significa que um Deus menor estava prestando obediência a um Deus maior. Era uma subordinação no plano funcional e não essencial. Ao se fazer homem, Cristo não perdeu seus atributos divinos (Cl 2.9).

4. **Jo 5.19** deve ser entendido à luz do contexto. No versículo 17, Jesus afirma que: “Meu Pai trabalha até agora e Eu trabalho também”. Ele está reivindicando igualdade com Deus (versículo 18). Ele não pode fazer nada de si mesmo, por que Sua missão é revelar o Pai e não ser um rival dEle. Quando Ele afirma que faz o que vê o Pai fazer deve ser entendido como Ele pode sondar o íntimo do Pai. Só alguém semelhante a Deus poderia fazer isso (1Co 2.11).

5. **1Co 11.3**. Não devemos esquecer que a metáfora de Paulo, ao afirmar que Deus é a cabeça de Cristo aplica-se as relações humanas, também. Por ser o homem a cabeça da mulher significa que ela é inferior. Aqui está envolvida uma relação funcional e não essencial.

6. **1Co 15.27 e 28**. Com respeito as passagens que referem-se a uma futura subordinação do Filho ao Pai, a que mais se destaca é 1 Co 15. 27 e 28. Mas ela deve ser entendida à luz do que escrevemos sobre a Sua encarnação. Jesus tem tudo debaixo de Sua autoridade (Fp 3.20, 21).

“O verbo sujeitar aqui também não indica desigualdade de pessoas, mas sim uma diferença de papéis. A sujeição refere-se apenas a uma função, e submissão não implica necessariamente inferioridade.”⁶

Homer Ducan esclarece ainda:

“O *Novo Comentário da Bíblia*, de Eerdman, ajuda-nos nesta passagem difícil, com o seguinte: ‘Nos versículos 24-28, ele transporta as nossas mentes para além dos limites do espaço e do tempo, até à vitória final de Cristo, culminando com Deus sendo tudo em todos (28). Nota como, nestes versículos, o pronome pessoal ‘ele’ se refere algumas vezes a Deus o Pai e outras vezes a Deus o Filho. ‘(Cristo) convém que reine... Porque (Deus) todas as coisas sujeitou debaixo dos seus pés (de Cristo)... Claro

que se excetua (Deus) aquele que lhe sujeitou todas as coisas (a Cristo)... o próprio Filho se sujeitará àquele (Deus) que lhe sujeitou todas as coisas (a Cristo).’ A relação entre Cristo e o Pai, expressa nesta passagem, é do maior interesse na nossa formulação da doutrina da Santíssima Trindade. Dá-nos uma visão da ‘subordinação do Filho’ – para usar um termo teológico – mas isto não entra de modo algum em conflito com a crença na plena Divindade de Cristo, que partilha com o Pai da ‘substância’ da Divindade. A ‘subordinação’ é de cargo, não de pessoa. A referência é ao Seu trabalho como Redentor e como Rei do reino de Deus. Ele foi escolhido pelo Pai para estas funções (Cf 1Co 3.23).

“O *Comentário bíblico de Wycliffe*, dá a seguinte explicação: 1 aos Cor. 15.27, 28 – A afirmação de que mesmo o próprio Filho será sujeito a Deus tem sido considerada por alguns, como diminuindo a dignidade do Filho de Deus, assim como, possivelmente, fazendo refletir sobre a Sua divindade. Contudo, essa sujeição não é de Filho como Filho, mas como Filho encarnado. Isto, é claro, não envolve desigualdade de essência. O filho dum rei poder ser oficialmente subordinado e, no entanto, é igual, em natureza, ao seu pai... O ponto de Paulo é este: O Filho, como Filho encarnado, tem agora todo o poder (cf. Mt 28.18). Quando Ele entregar a administração do reino terreno ao Pai, então o Deus triúno reinará como Deus e já não através do Filho encarnado. O ministério messiânico é uma fase da filiação eterna do Filho”.⁷

Eterno ou gerado?

Como vimos, para os dissidentes Cristo foi “gerado” por Deus, ou seja, em algum tempo no passado remoto Deus Pai teria dado origem a Jesus a partir de si mesmo. O texto bíblico mais citado para defender essa idéia é Sl 2.7, que diz: “Tu és Meu filho, hoje te gerei”. Como devemos entender essa passagem?

Essas palavras aparecem na Bíblia quatro vezes: Sl 2.7; At 13.33; Hb 1.5; 5.5.

Apesar do seu caráter messiânico, a base histórica do Salmo 2 é a coroação de Davi como rei. Em 2 Samuel 7.14, o profeta Natã, ao falar da coroação do novo rei de Israel, afirmou, em nome de Deus: “Eu lhe serei Pai, e ele me será filho.” No dia de sua investidura real, o rei entrava em um novo relacionamento com Deus. Para os leitores israelitas, a expressão “Eu hoje te gerei” significava: “hoje tu tens sido ungido rei”. Ele estava sendo investigado de autoridade e dignidade real. Era assim que se entendia essa expressão naquele tempo.

Como os escritores do Novo Testamento interpretaram essa passagem? A primeira referência que vamos estudar está em At 13.33. Em um discurso feito na sinagoga de Antioquia Paulo defendeu que a ressurreição de Jesus dentre os mortos (At 13.30) estava prevista em profecias messiânicas (veja os vers. 34 e 35). Entre as profecias citadas estava a que se encontra no Sl 2.7. O texto de Atos diz: “Ele cumpriu para nós, seus filhos, *ressuscitando* Jesus, como está escrito no Salmo segundo: ‘Tu és Meu Filho, eu hoje Te gerei.’” (vers. 33) Para Paulo, esse salmo se cumpriu na ressurreição de Jesus.

Outra referência ao Salmo 2 é encontrada em Hb 5.5, onde o autor da carta aos Hebreus afirma que “da mesma forma, Cristo não tomou para si a glória de *se tornar sumo sacerdote*, mas Deus lhe disse: ‘Tu és meu Filho, eu hoje Te gerei’.” O escritor contextualiza essa passagem em relação à investidura de Jesus Cristo como Sumo Sacerdote no santuário celestial.

Por fim, a última referência está em Hb 1.5, “pois a qual dos anjos Deus alguma vez disse: ‘Tu és meu Filho; eu hoje Te gerei’?”. O sentido dessa aplicação, encontramos no versículo seguinte: “E ainda, quando Deus introduz o Primogênito no mundo” (Hb 1.6). Ou seja, o texto de Sl 2.7 teve cumprimento na encarnação do Verbo Divino.

Salmo 2.7 foi aplicado a cada nova fase do ministério de Cristo, quando Ele encontrava em uma nova relação com Deus. Portanto, a expressão “Eu hoje Te gerei” não deve ser entendida no sentido literal, mas sim figurado.

As Escrituras ensinam que Cristo é eterna, e não um ser criado, ou mesmo gerado, no sentido natural da palavra. Em Hb 13.8, o autor diz que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre.” Se não muda, portanto Ele é eterno. Sobre esse versículo, Esequias Soares comenta:

“Se o Filho passou a existir a partir do dia em que foi ‘criado’, como pode ser ele o mesmo ontem? Se antes da sua ‘criação’ ele não existia, podia ser ele o mesmo antes de existir? De maneira nenhuma. Em qualquer tempo de eternidade passa, ‘os tempos antes dos séculos’ (Tt 1.2), no passado remotíssimo, que a mente humana não consegue alcançar, ele ‘era o Verbo’, era o mesmo, o mesmo de hoje e de sempre, pois ele é imutável.”⁸

A eternidade de Cristo é ponto passivo nas Escrituras. Em Is 9.6 o Messias é chamado de “Pai eterno” (NVI, NTLH, BJ), ou como está em outras versões, “Pai da eternidade” (ARC, EC). Tanto uma forma como em outra destaca-se a existência eterna de Jesus, ou seja, nega-se que Ele teve origem ou algum tipo de começo (veja Mq 5.2). Outro aspecto desse versículo que reforça aquilo que estamos dizendo é o outro nome usado para se referir ao Messias: “Deus poderoso”. Quem era o Deus Poderoso para o profeta? No cap. 10.20 e 21 o profeta identifica o “Deus Poderoso” com Jeová. Lembre-se que não podem existir dois “deuses poderosos” (veja Is 45.22). Leia também Jr 32.18.

Em Is 43.10, Deus faz uma afirmação clara sobre sua singularidade: “*Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim.*” Qualquer um que alega ter surgido antes ou depois de Jeová é um falso “deus”. Ou Jesus é eterno ou Ele não é nada.

Em Cl 2.9, Paulo ensinou que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade.” Isso significa, que tudo o que Deus é Cristo é também de forma plena. Ele possui

todos os atributos divinos: Cristo é onipotente (Mt 28.17), onisciente (Cl 2.3) e onipresença (Mt 18.20; 28.20). Além desses atributos, podemos incluir a eternidade. Esses atributos estão interligados e são interdependentes. Se Cristo não é eterno então não pode todas as coisas. Se ele não pode todas as coisas, então não pode estar em todos os lugares ou então Ele não tem como saber tudo. Se retirarmos algum atributo de Deus então Ele deixa de ser Deus. Assim é com Cristo também.

O Filho Unigênito

Outro argumento usado por quem crê que Cristo foi gerado por Deus é o uso da expressão “Filho Unigênito”. Eles interpretam a palavra “unigênito” como tendo o sentido de “único gerado”. Essa palavra aparece nove vezes no NT. Três vezes é usada por Lucas (cap.7.12; 8.42; 9.38), uma em Hebreus (cap.11.17) e as outras cinco por João para se referir a Jesus (Jo 1.14, 18; 3.16, 18 e 1Jo 4.9).

Ozeas C. Moura explica a etimologia da palavra:

“A palavra grega *monogenés* é composta de suas outras: *monos*, que significa ‘única’, ‘só’, ‘sozinha’, ‘sem igual’, e *genos*, cujo significado é ‘espécie’, ‘gênero’, ‘classe’. Sua melhor tradução seria, então, ‘único’, ‘único de sua espécie’, ‘único de seu gênero’.”⁹

O sentido de palavra é “sem igual”. Jerônimo, ao preparar a Vulgata, traduziu a expressão grega *monogenés* pela palavra latina “unigenitus”. Como a Vulgata foi consultada na tradução da Bíblia para diversas línguas modernas, a palavra unigênito acabou se popularizando como tradução de *monogenés*. O problema é que essa palavra latina tem o sentido de “único gerado”. Assim ela significaria que Jesus foi o único filho gerado diretamente por Deus.

Jerônimo fez isto por motivos teológicos e não gramaticais. Ele estava combatendo a idéia de que Cristo havia sido criado pelo Pai, como ensinavam os arianos. Ao afirmar que Jesus era o Filho Unigênito queria deixar claro que o Filho procede do Pai e que tem a mesma natureza divina dEle.¹⁰ Naquela época, outras versões da Bíblia para o latim haviam usado a palavra “unicus”, que é a mais fiel ao sentido original.

A NTLH e a BJ traduz “monogenés” por “único”. João queria dizer que Jesus é o único Filho de Deus porque é sem igual. Essa palavra está relacionada com o seu nascimento milagroso. Ele chegou a existência de uma maneira diferente dos outros seres. Além disso, Ele é o único Ser no universo que ao mesmo tempo é Deus e homem.

Em Hb 11.17, o escritor diz que Isaque era o “filho unigênito” de Abraão, embora não tenha sido o primeiro e nem o único filho que ele tivera. Segundo nota da Bíblia Vida Nova a expressão “além de enfatizar sua exclusividade, denota ‘amado’”. Ele era o filho da promessa. Se João quisesse dizer que Jesus foi gerado por Deus teria usado a palavra *monogennetos* e não *monogenés*.¹¹

O que Ellen White escreveu sobre a eternidade de Cristo?

A primeira declaração de Ellen White que vai contradizer aquilo que os seus contemporâneos ensinavam sobre a natureza de Cristo vai ser feita em 1869. Ela aparece no livro *Testemunhos Seletos*, vol.1, p. 219: “Este Salvador era o resplendor da glória de Seu Pai, e a expressa imagem de Sua pessoa. Possuía majestade divina, perfeição e excelência. *Era igual a Deus.*” A partir desse momento, ela vai paulatinamente enfatizando a plena divindade de Cristo. Em outro claro sinal de rompimento com o antitrinitarianismo que existia no meio adventista, em 1878 ela vai declarar que Cristo é o “Filho eterno”.¹² Sobre essa citação Jerry Moon comenta que “Ellen G. White não compreendia sua eterna filiação como significando *derivação do Pai*. A filiação em sua preexistência denotava que Ele era da mesma natureza do Pai, em unidade e íntimo relacionamento com o Pai; mas isto não sugeria que Cristo tivera um princípio, por que ao assumir a carne humana Cristo tornou-se o Filho de Deus ‘em um novo sentido’.”¹³

“Em Sua encarnação obteve nova intuição do título de Filho de Deus. Disse o anjo a Maria: ‘A virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.’ Lc 1.35. Ao mesmo tempo que era Filho de um ser humano, *tornou-Se o Filho de Deus num novo sentido*. Assim Se achou Ele em nosso mundo - o Filho de Deus, mas ligado, pelo nascimento, à raça humana.” 1ME 226, 227.

Quando Cristo tornou-se “Filho de Deus num novo sentido”? Quando aconteceu a Sua encarnação, ou seja, quando Ele assumiu a natureza humana. Nesse momento Ele foi gerado por Deus e não antes.

No mesmo artigo, Ellen White deixa claro que a divindade de Cristo pressupõe a Sua eternidade e mesmo quando esteve na terra Ele permaneceu em ligação com Deus. “Desde a eternidade, esteve Cristo unido ao Pai, e *quando assumiu a natureza humana, era ainda um com Deus.*” *Idem*, 228.

A partir do ano que foi realizada a Conferência Geral de Minneapolis (1888), os escritos de Ellen White vão destacar a Sua divindade como fundamental para entender a mensagem da Justiça de Cristo (veja mais detalhes no capítulo 6).

Ao afirmar que Cristo compartilhava os mesmos atributos que Deus Pai ela estava preparando o caminho para defender a eternidade de Cristo:

“Os judeus nunca antes haviam ouvido palavras semelhantes de lábios humanos. Acompanhava-as uma influência convincente; pois poderia ser dito que a divindade resplandecia através da humanidade quando Jesus disse: ‘Eu e o Pai somos um.’ As palavras de Cristo eram repletas de profundo sentido ao expor a reivindicação de que **Ele e o Pai eram da mesma essência, possuindo os mesmos atributos.**” ST 27/11/1893.

No fim do século XIX, Ellen White já tem uma clara posição a favor da plena divindade de Cristo e de Sua eternidade. No mesmo artigo onde fala da Sua eternidade, ela declara que Cristo “existe por si mesmo”. Isso não deixa dúvidas que essa eternidade não é emprestada, mas é inerente a Ele. Ela é tão clara quanto é possível ser nesta questão, quando escreveu:

“Cristo é o Filho de Deus, preexistente, *existente por Si mesmo*. [...] Falando de Sua preexistência, Cristo conduz a mente através de séculos incontáveis. *Afirma-nos que nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus.* [...]” Ev 615.

No ano anterior a essa declaração, a sra. White escreveu:

“Cristo lhes mostra que, embora eles considerassem que Sua vida era de menos de cinquenta anos, todavia Sua existência divina não podia ser contada pelo cômputo humano. *A vida de Cristo antes de Sua encarnação não se calcula por algarismos.*” *Idem*, 616.

Em um artigo chamado “O verbo se fez carne” publicado na Review and Herald, 5 de abril de 1906, e profetisa não deixa dúvidas quanto ao que pensa sobre a eternidade de Cristo. Além declarar que a eternidade de Cristo é igual a do Pai, ela afirma que Ele existiu eternamente “como pessoa distinta”. Portanto Ellen White não concordava com seus companheiros de adventismo que ensinavam que Cristo foi gerado por Deus, em algum tempo na eternidade.

“A Palavra existiu como ser divino, a saber, o eterno Filho de Deus, em união e unidade com Seu Pai. Desde a eternidade era Ele o Mediador do concerto, Aquele em quem todas as nações da Terra, tanto judeus como gentios, se O aceitassem, seriam

benditos. ‘O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.’ Jo 1.1. Antes de serem criados homens ou anjos, a Palavra [ou Verbo] estava com Deus, e era Deus. “O mundo foi feito por Ele, ‘e sem Ele nada do que foi feito se fez’. Jo 1.3. Se Cristo fez todas as coisas, existiu Ele antes de todas as coisas. As palavras faladas com respeito a isso são tão positivas que ninguém precisa deixar-se ficar em dúvida. Cristo era, essencialmente e no mais alto sentido, Deus. *Estava Ele com Deus desde toda a eternidade*, Deus sobre todos, bendito para todo o sempre. “O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, *existiu desde a eternidade, como pessoa distinta*, mas um com o Pai. Era Ele a excelente glória do Céu. Era o Comandante dos seres celestes, e a homenagem e adoração dos anjos era por Ele recebida como de direito. Isto não era usurpação em relação a Deus. [...] “Há luz e glória na verdade de que Cristo era um com o Pai antes de terem sido lançados os fundamentos do mundo. Esta é a luz que brilhava em lugar escuro, fazendo-o resplender com a divina glória original. Esta verdade, infinitamente misteriosa em si, explica outros mistérios e verdades de outro modo inexplicáveis, ao mesmo tempo que se reveste de luz inacessível e incompreensível.” 1ME 247, 248.

Em 1897, ela volta a usar a expressão “Filho eterno” para se referir a Cristo. Mas será que ela diz isso por que acreditava que Cristo tinha sido gerado por Deus? Não, por que ela destaca que Ele existe por si mesmo: “Ele era igual a Deus, infinito e onipotente. ... *É o Filho eterno, existente por Si mesmo.*” Ev 615. Portanto, Ellen White não entendia que a eternidade do Filho era derivada, mas inerente.

Quando Cristo foi exaltado?

Apesar das claras afirmações dos escritos da sra. White a favor da eternidade de Cristo, algumas passagens dos seus escritos tem sido utilizada para se tentar dizer que o Pai decidiu que Cristo seria Deus e que algum momento da eternidade o Pai o trouxe a existência. Uma dessas passagens que se costuma citar para “provar” que Cristo não é eterno encontramos nos *Testemunhos Seletos*, vol. 3:

“Deus é o Pai de Cristo; Cristo é o Filho de Deus. *A Cristo foi atribuída uma posição exaltada. Foi feito igual ao Pai.* Cristo participa de todos os desígnios de Deus.” (p. 266).

Ao entendermos o sentido dessa passagem estaremos estabelecendo um padrão para entender todas as outras passagens que tocam no assunto. Quando aconteceu isso? Na eternidade, quando o Pai gerou ao Filho ou na época da queda de Lúcifer? Devemos deixar que Ellen White responda a essa questão.

A descrição do início do Grande conflito aparece em várias das suas obras. Vamos analisar a narração que ela faz que encontramos no livro *História da redenção*:

“O grande Criador convocou os exércitos celestiais para, na presença de todos os anjos, conferir honra especial a Seu Filho. O Filho estava assentado no trono com o Pai, e a multidão celestial de santos anjos reunida ao redor. O Pai então fez saber que, por Sua própria decisão, Cristo, Seu Filho, devia ser considerado igual a Ele, assim que em qualquer lugar que estivesse presente Seu Filho, isto valeria pela Sua própria presença. A palavra do Filho devia ser obedecida tão prontamente como a palavra do Pai. Seu Filho foi por Ele investido com autoridade para comandar os exércitos celestiais. Especialmente devia Seu Filho trabalhar em união com Ele na projetada criação da Terra e de cada ser vivente que devia existir sobre ela. O Filho levaria a cabo Sua vontade e Seus propósitos, mas nada faria por Si mesmo. A vontade do Pai seria realizada nEle.

“Lúcifer estava invejoso e enciumado de Jesus Cristo. [...] *Ele [Lúcifer] não compreendia, nem lhe fora permitido conhecer, os propósitos de Deus.* [...] Aspirava à altura do próprio Deus. Gloriava-se na sua altivez. [...] Por que devia Cristo ser assim honrado acima dele?

[“...] Houve controvérsia entre os anjos. Lúcifer e seus simpatizantes lutavam para reformar o governo de Deus. Estavam descontentes e infelizes porque não podiam perscrutar Sua insondável sabedoria e verificar o Seu propósito em exaltar Seu Filho e dotá-Lo com tal ilimitado poder e comando. Rebelaram-se contra a autoridade do Filho.” (p. 13-15).

Em seguida, Ellen White explica que os anjos fiéis tentaram convencer a Lúcifer que não havia motivos para o seu descontentamento contra Deus. Para isso usaram dois argumentos: em primeiro lugar, a exaltação de Cristo não alterara a posição daquele Anjo nas cortes celestiais. Em segundo lugar, Cristo sempre existira e a Sua exaltação não mudava a sua condição divina. Portanto, nem a condição e nem o status de Lúcifer ou de Cristo foi alterada pela honraria que o Pai lhe dera.

“Os anjos que eram leais e sinceros procuraram reconciliar este poderoso rebelde à vontade de seu Criador. Justificaram o ato de Deus em conferir honra a Seu Filho e, com fortes razões, *tentaram convencer Lúcifer de que não lhe cabia menos honra agora do que antes que o Pai proclamasse a honra que tinha conferido a Seu Filho.* Mostraram-lhe claramente que Cristo era o Filho de Deus, *existindo com Ele antes que os anjos fossem criados, que sempre estivera à mão direita de Deus,* e Sua suave, amorosa autoridade até o presente não tinha sido questionada; e que Ele não tinha dado ordens que não fossem uma alegria para o exército celestial executar. Eles insistiam que o receber Cristo honra especial de Seu Pai, na presença dos anjos, não diminuía a honra que Lúcifer recebera até então.” HR 15.

Deus exaltou a Cristo no tempo em que Lúcifer se rebelou contra a autoridade divina e não em algum lugar na eternidade quando Cristo supostamente teria sido gerado por Deus. Todos os outros textos do Espírito de Profecia que falam da exaltação de Cristo devem ser

entendidos à luz desse fato. Em nenhum momento Ellen White quis ensinar que Cristo não é eterno, muito pelo contrário, para ela Ele “sempre estivera à mão direita de Deus”.

Referências:

¹ FREIRE, Antônio. *Gramática grega*, p. 186.

² OSÓRIO, Sérgio. *A Divindade ou a Trindade?* p. 33.

³ TAYLOR, W.C. *Introdução ao Novo Testamento grego*, p. 393.

⁴ MARTIN, Walter. *O Império das Seitas*, vol. 1, p.116.

⁵ GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*, p. 114.

⁶ MCDOWELL, Josh. *Jesus – Uma defesa bíblica da sua divindade* p. 88.

⁷ DUCAN, Homer. *As Testemunhas de Jeová e a divindade de Cristo*, p. 75 e 76.

⁸ SOARES, Esequias. *Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo*, p. 24, 25.

⁹ MOURA, Ozeas C. *Jesus, o “unigênito Filho de Deus” – gerado ou eterno?* Em *Revista Adventista*, janeiro de 2008, p. 12.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ APOLINÁRIO, Pedro. *As Testemunhas de Jeová e sua interpretação da Bíblia*, p. 147.

¹² Citado por Jerry Moon em *Ellen G. White e a compreensão da Trindade*, p. 15.

¹³ *Ibidem*.

Capítulo 5

Quem é o Espírito Santo

Os movimentos anti-trinitarianos recentes não tem atacado diretamente a divindade de Cristo. Baseado nos escritos dos pioneiros do adventismo, no máximo eles têm questionado a Sua eternidade e se, quando esteve na terra, Ele tinha ou não tendências pecaminosas. O centro da discussão tem sido a terceira pessoa da divindade, o Espírito Santo. E, apesar da quantidade de material que eles têm produzido sobre esta questão, podemos resumir o problema a duas perguntas:

- O Espírito Santo é um ser pessoal?
- Ele é uma pessoa distinta do Pai e do Filho?

Se respondermos a estas duas questões todo o problema estará resolvido, por que outros aspectos são secundários e não decisivos. Sproul toca no cerne da questão quando escreve:

“Por mais ferozes que tenham sido os debates sobre a deidade de Cristo, tem havido comparativamente pouca controvérsia no tocante à deidade do Espírito Santo. A Bíblia apresenta o Espírito Santo como possuído dos atributos divinos e exercendo a autoridade divina. Desde o século IV d.C. a sua deidade tem sido raramente negada por aqueles que concordam em que ele é uma pessoa. Isto é, *embora tenha havido muitas disputas concernentes à questão se o Espírito Santo é uma pessoa ou apenas uma ‘força’ impessoal, uma vez que se admita que, verdadeiramente, ele é uma pessoa, o fato que ele é uma pessoa divina ajusta-se facilmente em seu lugar.*”¹

Provar a divindade do Espírito Santo não é difícil e nem é fonte de discussão e disputa. Tanto trinitarianos como não trinitarianos concordam que se trata do *Espírito de Deus*, portanto que Ele é Deus. Falando aos crentes em Corinto, Paulo explica que o cristão é o “santuário de Deus” por que “o Espírito de Deus habita” em nós (1Co 3.16). Em seguida, em uma passagem paralela, ele reafirma que “acaso não sabem que o corpo de vocês é o *santuário do Espírito Santo* que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?” (1Co 6.19). Nesta segunda passagem, Paulo faz duas importantes afirmações: para ele, ser santuário de Deus é o mesmo que ser o santuário do Espírito Santo, portanto o Espírito Santo é Deus. A segunda verdade que aprendemos é que esse Espírito Santo foi *dado* por Deus. Paulo distingue a dádiva do doador, ou seja, Ele é distinto de Deus. Tanto o Pai (1Co 8.6) como o Filho (Jo 1.1, 14) são chamados de Deus nas Escrituras, então, só podemos concluir que o Espírito Santo é a terceira pessoa da divindade.

Todos os envolvidos na questão sabem que Pedro afirmou que o Espírito Santo é Deus (At 5.3, 4). Mas as Escrituras Sagradas também ensinam que Ele é Jeová. Jeremias 31.31-34 profetizou:

“‘Estão chegando os dias’, declara o Senhor [Jeová], ‘quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá, Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a minha aliança, pesar de eu ser o Senhor deles’, diz o Senhor [Jeová]. ‘Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias’, declara o Senhor [Jeová]: ‘Porei a minha lei no íntimo deles e a escrevi nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo’.”

Essa passagem é citada duas vezes na epístola aos Hebreus. Na primeira vez que é citada, o autor começa dizendo: “Deus, porém, achou o povo em falta e disse: ‘Estão chegando os dias... [segue o texto de Jeremias].’ Na segunda vez que o autor de Hebreus cita a mesma passagem, ele o faz de modo mais abreviado. Contudo ele a anuncia de uma forma diferente: “O Espírito Santo também nos testifica a este respeito.” Ou seja, o Jeová de Jeremias é chamado de Deus e de Espírito Santo em Hebreus.

Para Paulo, confirmando o que já havia sido ensinado em Hebreus, a missão de gravar a lei de Deus no coração do homem, na nova dispensação, é obra do Espírito Santo: “Vocês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, *escrito não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos.*”

Não poderíamos encerrar esse ponto sem mencionar outra leitura comparativa. O profeta Isaías escreveu: “Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: ‘Quem enviarei? Quem irá por nós?’ E eu respondi: ‘Eis aqui, enviam-me!’ Ele disse: ‘Vá, e diga a este povo: Estejam sempre ouvindo, mas nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam’.” (Isaías 8.8 e 9) Essa mesma passagem é citada no Novo Testamento em duas ocasiões. Na primeira, o apóstolo João aplica esta passagem como se cumprindo em Cristo: “Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele.” (Jo 12.41). Na segunda, o apóstolo Paulo aplica a mesma passagem ao Espírito Santo: “Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías: ‘Vá a este povo e diga: Ainda que estejam sempre ouvindo [...]’” (veja a passagem toda citada At 28.25 a 27). A revelação da glória de Deus a Isaías, no Antigo Testamento, é dito que no NT que ora refere-se a Jesus ora aplica-se ao Espírito Santo. Isso revela que os escritores do NT os consideraram como iguais.

Ele é um ser pessoal

Como vimos a divindade do Espírito Santo é claramente revelada na Bíblia. A dificuldade que os opositores têm apresentado é quanto Ele ser pessoal ou não e por fim, se Ele é distinto do Pai e do Filho. Nas próximas páginas vamos provar esses fatos à luz das Escrituras.

A. B. Langston² agrupa em quatro as características que definem uma personalidade. A Bíblia menciona essas características ao se referir ao Espírito Santo, deixando claro que ele é um ser pessoal.

A primeira prova da personalidade do Espírito Santo é que *atributos pessoais são aplicados a Ele*. Esses atributos são cinco: pensar, sentir, querer, consciência própria e direção própria.

Uma energia, influência ou mesmo o vento não tem essas características. O prof. José Carlos Ramos lembra que “uma entidade pessoal é aquela que afeta as outras entidades pessoais e é afetada por elas.”³ Assim esses cinco atributos pressupõe a interação entre seres distintos.

Segundo a Bíblia, essas características são encontradas no Espírito Santo?

O Espírito Santo pensa, pois Ele sabe o íntimo de Deus: “O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus. Pois, quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente.” (1Co 2.10-12).

Na interpretação dessa passagem Ricardo Nicotra comete um erro básico. Para tentar descaracterizar a personalidade do Espírito Santo, o autor citado conclui que “assim como o homem tem um *pneuma* [espírito] como parte integrante do seu ser, Deus também tem um *pneuma* [espírito].”⁴ Contudo essa não é a intenção de Paulo. O paralelo que ele faz entre o espírito do homem e o Espírito de Deus não deve ser tomado em todos os aspectos ao pé da letra. Deus não tem um espírito, *Ele é espírito* (Jo 4.24), ao contrário do homem que *tem um espírito* (Gn 2.7; Ec 12.7). O próprio Paulo distingue Deus Pai do Espírito Santo no versículo 12, quando diz que “o Espírito [é] procedente de Deus”. Jesus ensinou aos seus discípulos que assim como o Pai o enviou ao mundo (Jo 14.24) assim o Espírito Santo seria enviado (vers. 25). Dessa forma Ele fez distinção entre o Pai e Ele e o Espírito e o Pai. Longe de negar a personalidade do Espírito Santo, Paulo a está enfatizando. Ele é Deus, pois apenas Deus conhece as coisas de Deus e é um ser pessoal e distinto, pois foi enviado por Ele.

O Espírito Santo tem sentimentos, também: a Bíblia fala que Ele pode ser entristecido (Ef 4.30). Paulo descreve esse atributo do Espírito Santo dentro de um contexto trinitariano. A

tristeza que o Espírito Santo sente é resultado de vivermos uma vida indigna da salvação que o Pai e o Filho nos oferecem (veja o versículo 32).

Além disso, a Bíblia ensina que o Espírito Santo *tem vontade*, ou seja, poder de decisão. Ao falar sobre os dons espirituais, em 1Co 12, Paulo descreve a participação da divindade na aplicação dos dons espirituais na igreja do ponto de vista trinitariano. Ele diz que “há diferentes tipos de dons, mas o Espírito [terceira pessoa da divindade] é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor [segunda pessoa da divindade]. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus [primeira pessoa da divindade] quem efetua tudo em todos.” (1Co 12.4-6). Em relação aos dons cada membro da divindade tem uma função distinta. Enquanto é o Espírito Santo quem determina o dom que recebemos (veja vers. 11), O Filho define o campo de atuação, ou seja, o ministério (como fez com Pedro em Jo 21.15-19), o Pai é responsável pelo resultado do nosso trabalho (ver o cap. 3.7). Não é uma questão de citar nomes de forma aleatória, mas de definir funções claras de um propósito. Isso só é possível com seres pessoais, divinos ou humanos.

Nessa passagem, Paulo afirma que a definição dos dons que recebemos é obra do Espírito Santo. A partir do vers. 8 ele enumera vários dons, mas Paulo deixa claro que o dom é dado “pelo Espírito”. Por fim, ele conclui: “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e *Ele as distribui* individualmente, a cada um, *como quer*”, 1.Co 12.11 (compare com Hb 2.4). Ele decide, determina, escolhe, como qualquer ser faz. Além disso, essa passagem chama a nossa atenção para o fato de que devemos nos sujeitar a Sua vontade. Devemos ser usados pelo Espírito, estar a sua disposição, e não queremos usá-lo segundo a nossa vontade.

O Espírito Santo tem consciência própria, ou seja, Ele tem intenção e propósito: “E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, por que o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus”, Rm 8.27. Nesta passagem, Paulo afirma três verdades importantes sobre o Espírito Santo que merece ser aprofundado. Primeiro, o apóstolo fala sobre a intenção do Espírito. Esse conceito envolve mais do que pensar, indica propósito.⁵ Em segundo lugar, a passagem diz que o Espírito Santo intercede pelos crentes. No versículo anterior, Paulo diz que Ele o faz com “gemidos inexprimíveis” (vers. 26), ou seja, Ele remove das nossas orações todo o palavreado inútil e revela nossos verdadeiros desejos diante de Deus. Em terceiro lugar, as Escrituras ensinam que além do Espírito Santo, o Filho (Rm 8.34; 1Jo 2.1) e o Pai (Jo 16.26, 27) também intercedem por nós. Isso revela que apesar de identificarmos a obra de interceder pelos pecadores como sendo feita por Cristo Jesus, tanto o Pai como o Espírito Santo também estão interessados na nossa salvação. Nesses

e em outros aspectos, apesar de na obra de salvação cada membro da divindade desenvolve seu próprio papel as Escrituras revelam que essas atribuições não são exclusivas ou excludentes. Assim, na obra da criação e da redenção todos os membros da divindade são atuantes.

E por fim, o Espírito Santo tem auto-determinação, ou seja, direção própria. Por isso, Ele escolheu nos amar: “Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e *pelo amor do Espírito*, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor.” Rm 15.30. Paulo, nesta passagem, descreve o sentimento do Espírito Santo por nós. Ele nos ama, tanto quanto o Filho e o Pai. Perceba que o contexto é trinitariano também, pois o apóstolo cita, na mesma passagem, o Senhor Jesus, o Espírito e Deus Pai.

Sobre o amor do Espírito Santo por nós, Langston comenta:

“O Espírito Santo é uma pessoa que nos ama. Façamos muito no mor de Deus, no amor de Jesus Cristo e bem pouco meditamos no amor do Espírito Santo para conosco. Mas não deve ser assim, porque o Espírito Santo não só está conosco sempre, mas também nos ama sempre. Se não fosse o grande amor de Deus, Jesus não teria vindo a este mundo. E se não fosse o grande amor do Espírito Santo, Ele não nos buscaria pra convencer-nos do pecado, da justiça e do juízo.”⁶

Além de nos amar o Espírito Santo quer ter comunhão conosco. Em 2Co 13.14: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam, com todos vocês.” Essa passagem é chamada de benção apostólica. É interessante a função que o apóstolo identifica com cada membro da trindade. Deus Pai é a fonte do amor, o Filho é o canal dessa benção, pois através dEle vem a graça e o resultado é a comunhão com o Espírito Santo. Em Fp 2.1, Paulo ensina que podemos ter “comunhão no Espírito”. Outros aspectos dessa passagem serão analisados no capítulo 7.

A segunda prova da personalidade do Espírito Santo é que *a Bíblia atribui a Ele atos que só podem ser feitos por uma pessoa*. Ele fala de forma pessoal: “Enquanto Pedro ainda estava pensando na visão, *o Espírito lhe disse*: ‘Simão, três homens estão procurando por você. Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois *eu* os enviei’.” Ele usa o pronome pessoal na primeira pessoa para referir-se a si mesmo. Isso acontece de novo em At 13.2: “Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, *disse o Espírito Santo*: ‘**Separem-me** Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado’.

Além disso, no Apocalipse Ele aparece falando. No fim da cada uma das cartas enviadas por Jesus às igrejas da Ásia Menor aparece o Espírito Santo apelando: “Aquele que tem ouvidos *ouça o que o Espírito diz às igrejas*” (Ap 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13 e 22). Em Ap 14.13, lemos:

“Então ouvi uma voz dos céus dizendo: ‘Escreva: Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante’. *Diz o Espírito*: ‘Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão.’” Por fim, no fim do Apocalipse o Espírito Santo aparece apelando com a Igreja: “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem!’” (Ap 22.17). Essa última passagem está em um contexto trinitariano. No capítulo 22 de Apocalipse, o Pai fala no versículo 13, o Filho no 16 e o Espírito Santo no 17.

Jesus falou aos discípulos sobre a vinda do Espírito Santo. Ele ensinou que a missão dEle seria testemunhar sobre o Filho. “Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, ele testemunhará a meu respeito”, Jo 15.26. Assim como o Filho veio glorificar o Pai (Jo 17.4), o Espírito Santo foi enviado para glorificar o Filho (Jo 16.14). Além de Jesus usar o pronome “Ele” para se referir ao Consolador, Ele descreve a obra dEle como sendo feita por um ser pessoal: viver (Jo 14.17), ensinar e fazer lembrar (ver. 26), convencer (cap. 16.8), guiar e falar (ver. 13), glorificar (ver. 14) e tornar algo conhecido (ver. 15). São ações feitas por um ser pessoal.

A terceira prova da personalidade do Espírito Santo é que *a Sua missão só pode ser desempenhada por uma pessoa*. Sobre a obra do Espírito Santo, Jesus ensinou: “Eu pedirei ao Pai, e Ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois Ele vive com vocês e estará em vocês.” (Jo 14.16, 17). Depois de ascender ao céu, para interceder por nós no santuário celestial, o Pai enviaria outro Conselheiro. Outras versões da Bíblia vertem a palavra grega *Paráclito*, usada nesta passagem, por Consolador (ARA), Auxiliador (NTLH), Valedor (BP) ou simplesmente a transliteram para o português (como fez a BJ, TB e a TEB). Essa palavra não tem correspondente em nosso idioma. Literalmente, ela refere-se a alguém *chamado para estar ao lado de outra pessoa*. Essa palavra é aplicada a Jesus também (1Jo 2.1). Portanto, se Jesus é o primeiro Paráclito, o Espírito Santo é o segundo. Enquanto esteve na Terra Cristo esteve ao lado de seus discípulos, orientando, confortando e preparando-os para o cumprimento da sua missão. Agora que Ele retornaria para o céu, deixaria alguém para estar ao seu lado dos seus seguidores. Mas agora esse relacionamento seria mais íntima e profunda, pois o Espírito Santo habitaria dentro deles e não ao seu lado apenas. Sobre isso comenta Langston:

“Às vezes temos pensado que melhor teria sido para nós os crentes, se pudéssemos ter vivido em companhia de Jesus quando Ele andava aqui na terra. Talvez tenhamos tido, às vezes, inveja dos apóstolos que andavam com Ele dia após dia. É verdade, porém, que os crentes de hoje têm privilégios maiores e mais gloriosos do que os próprios

discípulos que com Ele conviveram. Se assim não fosse, Jesus não teria dito: ‘Convém que Eu vá.’ Sem dúvida era grande o privilégio dos apóstolos andarem com Jesus e habitarem com Ele; porém, muito maior ainda é o privilégio que temos de andar com o Espírito Santo e tê-lo habitando em *nós*, em vez de *conosco*.

“O Espírito Santo está em condições de manter uma relação muito mais íntima conosco do que Jesus poderia manter quando estava na carne. É um dos pensamentos mais confortantes é este, de termo no Espírito Santo uma pessoa tão real, tão divina, tão amável, tão digna da nossa confiança, tão pronta a nos socorrer como nos dias em que Jesus esteve aqui na terra. E, como já observamos, o Espírito Santo está em condições de fazer por nós o que Cristo na carne não podia fazer. O crente de hoje goza de privilégios que os primeiros apóstolos gozaram, a não ser depois da vinda desse Consolador. E como Jesus resolvia os problemas materiais dos Seus discípulos, o Espírito Santo, estando sempre presente em nossa vida, também pode resolver todos os problemas que se nos deparam.”⁷

Existem duas palavras gregas que podem ser vertidas por “outro”: *állos* e *héteros*. Enquanto o primeiro termo é usado para se referir a duas coisas que quando comparadas são da mesma natureza, ou espécie. A outra palavra é usada para comparar duas coisas de natureza diferente. Quando Jesus refere-se ao Espírito Santo Ele usa *állos*, ou seja, o Paráclito seria alguém da mesma natureza, alguém tão divino como Ele.

A quarta prova da personalidade do Espírito Santo que *lhe são feitas referências como a uma pessoa*. A Bíblia afirma que o Espírito Santo pode ser entristecido (Is 63.10; Ef 4.30), insultado (Hb 10.29), podemos mentir-lhe (At 5.3), Ele sente ciúmes (Tg 4.5) e é doador de alegria (1Ts 1.6).

A origem da confusão

Todo o debate sobre a natureza de Cristo tem origem na confusão que se faz entre as suas duas naturezas. Textos que se refere a Sua natureza humana são usadas para negar a Sua divindade. Se o estudante da Bíblia mantivesse diante de si esta questão todo o debate seria resolvido. Com respeito a natureza do Espírito Santo também não é diferente. Só que a confusão que se costuma fazer está em não se distinguir entre a dádiva e o Doador Divino. Quando percebemos essa diferença resolvemos a confusão que se faz na interpretação de muitas passagens bíblicas que aparentemente negam a personalidade do Espírito Santo. Segundo Winkie A. Prantney⁸ existe um grupo de textos bíblicos que fala da obra do Espírito Santo, enquanto outro fala da própria Pessoa. A distinção não aparece no texto que o estudante tem em português, apenas no original grego. Quando a expressão grega *pneuma hagion* (espírito santo) não é acompanhada do artigo definido grego *ho* (em português “o”) deveria ser sempre traduzido no sentido de “atitude divina”, “dádiva”, “poder” ou “força de Deus”. Essa forma é usada 52 vezes no NT e deve ser aplicado à dádiva e não ao doador.

Existe uma segunda forma usada no texto original em grego. Quando o texto grego usa o artigo definido, que em português corresponde ao nosso “o”, sempre fala sobre a Pessoa divina em si. Nesse caso o artigo aparece duas vezes: uma diante da palavra grega *pneuma* e outra diante da palavra *hagion*. Assim, uma tradução literal da expressão *to pneuma to hagion* seria “o Espírito, o Santo”. Neste caso o texto bíblico estaria falando do Doador.

O uso de dois artigos quando o texto bíblico refere-se ao Espírito Santo é o argumento definitivo para provar a personalidade do Espírito Santo. Veja as referências a Ele nos textos abaixo:

“Mas quem falar contra o Espírito Santo [*to pneumatou tou hágion*, ou seja, *o Espírito, o Santo*] não será perdoado”, Mt 12.32.

“Mas o Conselheiro, o Espírito Santo [*to pneuma to hágion*, ou seja, *o Espírito, o Santo*], que o Pai enviará em meu nome”, Jo 14.26.

“Enquanto o adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo [*to pneuma to hágion*, ou seja, *o Espírito, o Santo*]”, At 13.2.

A Bíblia pode referir-se a Ele chamando-o apenas “o Espírito” [*to pneuma*] (como em At 8.29; 10.19), ou simplesmente, “o Santo” [*to hágion*] (1Jo 2.20). Em ambos os casos o texto bíblico está tratando o Espírito Santo como um ser pessoal.

A distinção entre a dádiva e o doador pode ser percebida em Atos 2.4, onde se lê: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo [dádiva] e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito [Doador] os capacitava.”

Ele é distinto do Pai e do Filho

Quando estudamos esta questão com alguém que se recusa a aceitar a doutrina bíblica da Trindade, ele costuma usar uma forma de pensamento circular que dificulta a sua compreensão do tema. Se são apresentadas evidências de que o Espírito Santo é um ser pessoal, o contendor contra argumento dizendo que Ele é o espírito do Pai ou do Filho. Se você demonstra a distinção dos membros da divindade, o pensamento é que Ele não é um ser pessoal. Se são apresentadas evidências da distinção entre o Espírito Santo e o Pai então o opositor diz que Ele é o espírito do Filho. Se demonstramos que Ele não é o Filho, então Ele só pode ser o Pai conclui quem questiona essa doutrina. É necessário mostrar o quadro todo para que o estudante perceba a beleza da pintura. Enquanto ele ficar se atendo a detalhes e não compreender o conjunto revelado pelas Escrituras será difícil provar que o Espírito Santo é a terceira pessoa da divindade celestial.

Agora que já demonstramos claramente a personalidade do Espírito Santo, a questão que fica em aberto é a distinção entre Ele e os demais membros da divindade, o Pai e o Filho.

Primeiro, vamos ver se o Santo Espírito é distinto do Pai.

O Espírito Santo não é Deus Pai, pois o próprio Jesus disse: “E eu (Jesus) pedirei ao Pai, e Ele (o Pai) lhes dará outro Conselheiro (o Espírito Santo, conforme o versículo 26)”. Em Lc 11.13, Jesus prometeu: “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o *Pai que está nos céus* dará o *Espírito Santo* a quem o pedir!”. Nessa passagem, doador e dádiva não podem ser confundidos.

Jesus distingue-se do Espírito Santo também quando disse: “Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na que há de vir.” Mt 12.32. Se pecar contra Jesus não é a mesma coisa que pecar contra o Espírito Santo então eles são pessoas distintas.

Talvez alguém possa tentar contra-argumentar dizendo que esse pecado é o mesmo que pode ser feito contra o Pai: “Respondeu o Senhor a Moisés: ‘Riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim’.” Ex 32.33. Se assim for, então pecar contra o Espírito Santo seria o mesmo que pecar contra o Pai, portanto Eles não seriam a mesma pessoa? Contudo, pecar contra o Pai não é a mesma coisa que pecar contra o Espírito.

A expressão idiomática hebraica “riscarei do meu livro” significa “condenar a morte”, “cair no esquecimento” (veja Êx 17.14; Dt 25.19, ARA) enquanto que para Jesus o pecado contra o Espírito Santo era resistir as evidências de que a Sua obra era divina. Ao atribuir essa obra a Satanás, para lhe negar a autoridade, é pecar contra o Espírito Santo. Agora, vamos ver se o Espírito Santo é o espírito do Pai.

Por fim, vamos ver se distinção entre os três membros da divindade é bíblica. O escritor de Hebreus usa um argumento baseado nos costumes da velha aliança para mostrar por que é perigoso brincar com o pecado:

“Se continuarmos a pecar deliberadamente depois que recebermos o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão somente uma terrível expectativa de juízo e de fogo intenso que consumirá os inimigos de Deus. Quem rejeitava a Lei de Moisés morria sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas. Quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o *Filho de Deus*, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o *Espírito da graça*? Pois conhecemos aquele que disse: ‘A mim pertence a vingança; eu retribuirei’, e outra vez: ‘O Senhor julgará o seu povo’. Terrível coisa é cair nas mãos do *Deus vivo*.” Hb 10.26-31.

A lógica argumentativa usado pelo apóstolo refere-se ao costume de só condenar alguém por algum pecado público se houvesse o depoimento de duas ou mais testemunhas. A palavra de uma pessoa não podia condenar ninguém. Para Hebreus o cristão que permanece em pecado é condenado pelo depoimento de três testemunhas: o Filho de Deus, o Espírito da graça (é outra forma de se referir ao Espírito Santo) e o Deus vivo (referência ao Pai). Assim, o crente recalcitrante é condenado pelo testemunho das três pessoas da divindade. Esse argumento revela que para o apóstolo entendia que a Trindade era formada por três pessoas distintas e iguais em autoridade.

Por último, percebemos a distinção entre os membros da Trindade no batismo de Jesus:

“Assim que *Jesus* foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o *Espírito de Deus* descendo como pomba e pousando sobre Ele. Então uma voz dos céus disse: ‘Este é o meu filho amado [fala do *Pai*], em quem me agrado.’” (Mt 3.16, 17). Saindo da água estava o Filho. Falando do céu se ouve a voz de Deus e por fim o Espírito Santo se revela na forma corpórea de uma pomba.

Os opositores da doutrina da Trindade afirmam que o Espírito Santo é chamado de Espírito de Deus e que, portanto, o autor está se referindo ao Pai também.⁹ Enquanto o evangelista Marcos O chama apenas de “o Espírito” (Mc 1.10), Lucas o denomina “Espírito Santo” (Lc 3.22). Como veremos mais a frente, assim como o Pai e o Filho, o Espírito Santo recebe diversos nomes, incluindo o de Espírito de Deus. Isso não significa que Espírito Santo é o Pai, ou mesmo o Filho. Apesar de Jesus também ser chamado de Jeová na Bíblia, tal como o Pai, nem por isso confundimos as duas pessoas.

Referências:

- ¹ SPROUL, R. C. *O mistério do Espírito Santo*, p. 25.
- ² LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*, p. 276-283.
- ³ *A personalidade e a divindade do Espírito Santo* (entrevista), Revista Adventista, julho 2004, p. 6.
- ⁴ NICOTRA, Ricardo. *Eu e o Pai somos um*, p. 23.
- ⁵ LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*, p. 278.
- ⁶ LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*, p. 278.
- ⁷ *Esboço de Teologia Sistemática*, p. 282.
- ⁸ PRATNEY, Winkie A. *A natureza e o caráter de Deus*, p. 494, 495.
- ⁹ *Eu e o pai somos um*, p. 55.

Capítulo 6

O Espírito Santo nos escritos de Ellen G. White¹

Que houve uma mudança de paradigma quanto a doutrina da Trindade no movimento adventista isso não se discute. O que está em discussão são as implicações desse fato:

- Por que houve essa mudança?
- Por que a profetisa não condenou os seus contemporâneos por serem contra a doutrina da Trindade?
- Ellen G. White era trinitariana ou não? Ou será que ela mudou de opinião passando de uma posição para outra?
- Que influência de Ellen G. White teve nesse debate?
- O que ela pensava sobre a Divindade?

Uma leitura atenta dos seus escritos combinada com a sua contextualização histórica pode ser útil a fim de responder a essas e outras questões.

Exemplos de mudanças

A dificuldade de aceitar que Ellen White mudava de opinião está relacionada com a forma como a pessoa entende o processo de inspiração. Para alguns, toda a compreensão sobre Deus e sua Palavra veio a sra. White por meio de revelação. Sendo assim, ela não poderia mudar de opinião. Se Deus não muda, aquilo que Ele revela também não pode mudar. Contudo, essa compreensão da natureza da inspiração e da relação entre a revelação e o profeta é equivocada. Assim como acontece conosco, a forma como o profeta compreende a verdade é um processo multifacetado.

A maneira como Ellen White recebeu a luz sobre o sábado demonstra que o profeta não depende apenas da revelação para conhecer a verdade. Ela teve a sua primeira visão, em dezembro de 1844 (PE 13), mas só veio aceitar a doutrina do sábado dois anos depois. Isso aconteceu por meio da leitura e estudo de um livreto de 48 páginas escrito por José Bates. Ela recorda que "no outono de 1846" começou "a observar o sábado bíblico, e a ensiná-lo e defendê-lo." 1T 75. A visão que confirmou essa verdade só foi dada no primeiro sábado de abril de 1847, sete meses depois dela começar a guardar e ensinar sobre essa doutrina. Nela a profetisa viu as tábuas da lei na arca, no santuário celestial, e um halo de luz circundando o quarto mandamento (PE 32-35). O conhecimento da verdade do sábado não veio por meio de revelação direta, mas pelo diligente estudo das Escrituras.

As revelações também podiam corrigir erros de opinião da profetisa. Até a visão da Reforma de saúde, de 1863, os adventistas eram grandes consumidores de carne de porco e eles não viam problema nisso. A sra. White chegou a repreender S. N. Haskell que pregava e ensinava contra o consumo da carne de porco:

“Vi que vossas opiniões acerca da carne de porco não se demonstrariam danosas se vós a guardásseis para vós mesmos; mas em vosso juízo e opinião fizestes deste assunto uma prova de comunhão, e vossas obras tem mostrado claramente vossa fé nesta questão. *Se Deus quiser que Seu povo se abstenha da carne e porco, Ele os convencerá a este respeito.* O Senhor está igualmente desejoso de mostrar tanto a seus filhos honestos o dever deles, quanto o dever daqueles sobre os quais colocou o encargo de Sua obra de Sua obra. Se é o dever da igreja abster-se de carne de porco, Deus revelará isso a mais de dois ou três. *Ele ensinará à Sua igreja seu dever.*” 1T 206.

Em nota, Tiago White explica que “esse notável testemunho foi escrito em 21 de outubro de 1858, cerca de 5 anos antes da grande visão de 1863 na qual foi comunicada a luz sobre a reforma de saúde.” 1T 230 [nota]. Para ser mais preciso, a primeira visão sobre a Reforma de Saúde foi dada “na casa do irmão A. Hilliard, em Otsego, Michigan, a 6 de junho de 1863.” CRA 481. A partir dessa época a profetisa abandonou o uso da carne de porco e esse assunto se torna questão de prova de comunhão.

Desse episódio podemos aprender alguns princípios. Em primeiro lugar, a profetisa podia mudar de opinião, desde que recebesse maior luz sobre o assunto. Em segundo lugar, a nova compreensão doutrinária não seria dada a indivíduos mas a igreja, em geral. E por último, Deus estaria dirigindo o processo. Como veremos, esses mesmos princípios podem ser aplicados na questão da Trindade.

Podemos citar outro exemplo onde o estudo da Bíblia podia levar a profetisa a ter uma compreensão mais madura sobre algum tema: a questão do início e término do sábado.

Durante nove anos os White observaram o sábado das 18h de sexta-feira às 18h de sábado. A guarda do sábado de pôr-do-sol à pôr-do-sol foi adota depois que J. N. Andrews publicou um artigo na *Review* onde demonstrava que esse era o padrão bíblico de se observar o dia santo.

Mais uma vez, ela foi convencida pelo estudo das Escrituras e não por meio de visão.

O último exemplo que podemos citar de Ellen White mudando de opinião é a questão da porta aberta e da porta fechada. Baseados na parábola das dez virgens, os mileritas acreditavam que aqueles que rejeitaram da verdade da vinda de Cristo para 1844 eram representados pelas virgens imprudentes. Esse grupo, que por ocasião da boda do cordeiro, seria deixado para fora, pois a porta da graça estaria fechada (Mt 25.10-12). Depois dos eventos de 22 de outubro

de 1844, o pequeno grupo adventista que se organizou em torno da verdade do sábado e do santuário acreditava que a porta da graça estava fechada para o mundo e que a sua obra de pregar era restrita aos mileritas desapontados. Ellen White conta:

“Por algum tempo depois da decepção de 1844, mantive, juntamente com o corpo do advento, que a porta da graça estava para sempre fechada para o mundo. [...] Foi a luz a mim concedida por Deus que corrigiu nosso erro, e habilitou-nos a ver a verdadeira atitude.” 1ME 63.

Existem outros exemplos que poderíamos usar para demonstrar que Ellen White poderia mudar de opinião ou revelar amadurecimento da sua compreensão de um assunto por meio do estudo da Bíblia. Mas os que citamos até aqui é suficiente para ilustrar como a compreensão da verdade é um processo complexo e que nem o profeta está isento dele. A sra. White não estava fechada para receber nova luz e para mudar de opinião quando fosse convencida disso. Os exemplos que citamos acima servem de base para confirmarmos a tese de que a compreensão da natureza da divindade por Ellen White passou por um processo de amadurecimento e aprofundamento a medida que seu conhecimento bíblico ia aumentando e as visões se acumulavam.

Nos seus primeiros escritos a imagem da divindade está um tanto desfocada e uma leitura ambígua pode ser feita nos seus escritos sobre o tema. Mas a medida que o seu conhecimento da Bíblia vai se aprofundando, combinada com as suas visões e o amadurecimento da sua experiência cristã, a profetisa revela mais clareza e definição no seu conceito sobre Deus. Por fim, na época em que ela escreve as suas mais importantes obras, Ellen White expõe o que entendia sobre a divindade de forma tão clara que pode se afirmar que ela foi dogmática. Contudo, neste processo, deve-se destacar que ela nunca condena a doutrina da Trindade de forma direta como os seus contemporâneos fizeram.

Luz progressiva

Existiam dois aspectos que influenciaram os pioneiros na sua oposição sobre a doutrina da Trindade: a forma como as igrejas cristãs apresentavam o tema e os grupos de adventistas “espiritualizantes” que surgiram após o desapontamento de 1844. Esses fatores vão influenciar o pensamento de Ellen G. White também. Ao longo do ministério profético de Ellen White percebemos que havia um modo de explicar a doutrina da Trindade que ela rejeitava e outro que ela endossava e cria. A visão espiritualizante da Trindade que despersonalizava os membros da divindade era rejeitada por ela. Por outro lado, ela endossava a compreensão que descrevia o Pai, o Filho e o Espírito Santo como seres reais e pessoais.

O primeiro fator que levou os pioneiros do adventismo a rejeitarem essa doutrina foi o modo como as igrejas cristãs apresentavam o tema em seus credos. A Confissão de Westminster, de 1647, descreve a crença prevalecente entre os protestantes sobre Deus:

“Há apenas um Deus vivo e verdadeiro, que é infinito em ser e perfeição, um espírito puríssimo, invisível, *sem corpo, partes ou paixões*, imutável [...]”

O Credo Metodista, publicado em 1784, explica o que aquela igreja ensinava sobre a Divindade:

“Há apenas um Deus vivo e verdadeiro, eterno, *sem corpo ou partes*, de infinito poder, sabedoria e bondade; o Criador e Preservador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E na unidade dessa Divindade há três pessoas de uma substância, poder e eternidade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.”

Baseados na leitura dos credos das igrejas evangélicas daquela época, os adventistas entendiam que as Igrejas tinham uma visão espiritualizante de Deus. Eles rejeitavam essa forma de entender a natureza de Deus. Tiago White escreveu: “O modo como os espiritualizantes têm rejeitado e negado o único Senhor Deus e nosso Senhor Jesus é, em primeiro lugar, utilizando o antigo credo trinitariano não escriturístico, a saber, que Jesus é o próprio Deus eterno.”²

Não era apenas os adventistas que se incomodavam com essa crença em um Deus ser corpo ou forma. Isso parece ter incomodado a profetisa também. Em suas primeiras visões, ela revelou essa dúvida:

“Vi um trono, e assentados nele estavam o Pai e o Filho. Contemplei o semblante de Jesus e admirei Sua adorável pessoa. Não pude contemplar a pessoa do Pai, pois uma nuvem de gloriosa luz O cobria. *Perguntei a Jesus se Seu Pai tinha a mesma aparência que Ele*. Jesus disse que sim, mas eu não poderia contemplá-Lo, pois disse: ‘Se uma vez contemplares a glória de Sua pessoa, deixarás de existir’.” PE 54.

“Tenho visto muitas vezes o amável Jesus, que é uma pessoa. Perguntei-Lhe se Seu Pai era uma pessoa e *tinha a mesma forma que Ele*. Disse Jesus: ‘Eu sou a expressa imagem da pessoa de Meu Pai’.” PE 77.

Apesar de pouco revelar sobre o que ela pensava sobre Deus, esses comentários demonstram que havia alguns pontos na forma como as igrejas protestantes explicavam a Trindade, que ela não podia concordar.

Matheus Cardoso comenta:

“Agora podemos entender por que Ellen G. White não reprovou seus contemporâneos adventistas por rejeitarem a Trindade. Ela concordava essencialmente com a posição

deles e chegou a declarar que o Pai possui ‘a mesma forma’ que Cristo é uma ‘pessoa’ como Ele. Embora os pioneiros discordassem entre si quanto a detalhes a respeito da divindade e não possamos aceitar cada frase escrita sobre o assunto cremos que eles estavam essencialmente corretos sobre a Trindade.

“Após examinar o que os pioneiros escrevem sobre o tema, Jerry Moon, professor de História da Igreja na Universidade Andrews, chegou a conclusão de que ‘o ensino trinitariano [isto é, a doutrina da Trindade] dos últimos escritos de Ellen G. White *não* é a mesma doutrina que os primeiros adventistas rejeitavam’.”³

Apesar de Ellen White, tal como seus companheiros de adventismo, fazer objeções a alguns aspectos da doutrina da Trindade como era apresentada pelos demais cristãos, nos primeiros anos do seu ministério profético já encontramos indicações em seus escritos a respeito da sua compreensão sobre o assunto. Em 1858, Ellen White fala do Espírito Santo como estando presente no batismo de Cristo:

“Anjos de Deus pairaram sobre a cena de Seu batismo; o *Espírito Santo* desceu sob a forma de uma pomba e resplandeceu sobre *Ele* [Cristo]; e, ficando o povo grandemente admirado, com os olhos fixos nEle, ouviu-se do Céu a voz do *Pai*, dizendo: ‘Tu és o Meu Filho amado em quem Me comprazo.’ Mc 1.11.” PE 153 [HR 196].

Nesta mesma obra ela descreve o Conselho Celestial, onde só deveriam participar o Pai e o Filho. Nesse momento ela não fala nada sobre o Espírito Santo. Contudo, devemos lembrar que o centro da discussão nesses escritos é o Grande Conflito, a luta de Satanás de ocupar o lugar de Cristo, e não um debate sobre a Trindade. Mais tarde, ela vai revelar que o Espírito Santo participou do plano da salvação:

“A Divindade moveu-se de compaixão pela raça, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo deram-*Se* a Si mesmos ao estabelecerem o plano da redenção.” CSS 222.

No início dos anos 1870 começam a aparecer nos escritos de Ellen G. White os primeiros sinais de discordância da opinião dominante entre os adventistas quanto a divindade:

“O Filho de Deus tinha a forma de Deus, e não julgou como usurpação o ser *igual a Deus*.” 92MM 24 [1972]

Em geral, dividi-se o processo que levou a mudança em três períodos distintos: O primeiro vai de 1844 a 1888, quando a maioria dos pioneiros tinham uma posição anti-trinitariana. O segundo período pode ser delimitado entre 1888, com a Conferência Geral de Minneapolis, e o ano de 1898, quando foi publicado o livro *O Desejado de todas as nações*. Essa fase pode ser definido como de transição. E o último período de nosso estudo vai de 1898 até a morte da

profetisa, quando acontece o debate panteísta provocado pela crise do dr. Kellogg. Essa crise serviu para aprofundar o debate sobre a questão da natureza da divindade e somado a outros fatores ajudou a tornar a doutrina da Trindade a ser a voz predominante na igreja.

Minneapolis, 1888

No ano da Assembléia Geral de Minneapolis, Ellen G. White publica a sua mais importante obra: *O Grande conflito*. Nesse livro, a autora reafirma a plena divindade de Cristo, ao dizer que “Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai - um na natureza, no caráter e no propósito.” GC493. Nesta citação, ela destaca a igualdade existencial que há entre o Pai e o Filho. Por fim, ela estabelece uma íntima relação entre o ensino da divindade de Cristo e a compreensão do plano da salvação:

“Pessoa alguma que alimente este erro [negar a divindade de Cristo] pode ter exato conceito do caráter ou missão de Cristo, nem do grande plano de Deus para a redenção do homem.” GC 524.

E. J. Waggoner (1853-1916) percebe essa relação entre uma boa compreensão da natureza de Cristo e a doutrina da salvação. Não temos a transcrição das palestras feitas por A. T. Jones (1850-1923) e E. J. Waggoner durante a histórica Assembléia Geral de 1888. Mas podemos ter uma idéia dos argumentos que Waggoner usou durante essas reuniões na sua obra *Christ Our Righteousness* [Cristo e Sua justiça], que foi publicado em 1892. Nesse pequeno livreto, o autor destaca a importância de entendermos Cristo como Deus, pois do contrário Ele não poderia se tornar o nosso Salvador:

“Na verdade, o fato de que Cristo é parte da Divindade, possuindo todos os atributos da divindade, sendo igual ao Pai em todos os aspectos, como Criador e legislador, é a única força que há na expiação. É isto somente que torna a redenção uma possibilidade. Cristo morreu ‘para conduzir-nos a Deus’ (1 Pedro 3.18), mas *se lhe faltasse um jota de igualdade com Deus, não poderia conduzir-nos a Ele*. A divindade significa ter os atributos da deidade. *Se Cristo não fosse divino, então somente poderíamos ter um sacrifício humano*. Não importa, mesmo que se conceda que Cristo foi a mais elevada inteligência do Universo; nesse caso Ele seria súdito, devendo aliança à lei, sem habilidade de cumprir mais do que o Seu próprio dever. Ele não poderia dispor de justiça para comunicar a outros. Há distância infinita entre o mais elevado anjo já criado e Deus, portanto, o mais elevado anjo não poderia soerguer o homem caído e torná-lo participante da natureza divina. *Os anjos podem ministrar, Deus somente pode remir*. Graças damos a Deus por sermos salvos, ‘mediante a redenção que há em Cristo Jesus’, em quem habita toda a plenitude da divindade corporalmente e que é, portanto, capaz de salvar plenamente aqueles que vêm a Deus por Ele.”⁴

Apesar de Waggoner crer que Cristo não era eterno (veja o capítulo 1), ele defendia a igualdade de atributos entre Ele e o Pai. Essa ênfase era a base de seu entendimento sobre a doutrina da salvação. As discussões que ocorreram durante a Assembléia teve um forte impacto no ministério profético de Ellen White. As obras que ela publicou a partir daquele evento foram centradas na pessoa de Jesus Cristo e na Sua salvação. *Step to Christ* [O caminho a Cristo] foi impresso pela primeira vez em 1892; em 1896 publicou-se *Thoughts from the Mount of Blessing* [o Maior discurso de Cristo]; já a sua mais importante obra sobre a pessoa de Cristo, *The Desiderate of Ages* [O Desejado de todas as nações] saiu do prelo em 1898 e dois anos depois foi a vez do livro *Christ's Object Lessons* [Parábolas de Jesus].

Mudança de paradigma

Além de sua nova ênfase sobre o tema da justificação pela fé, depois dessas reuniões Ellen White revela uma compreensão mais clara sobre a natureza divina de Cristo. A publicação do livro *O Desejado de Todas as Nações* vai ser o grande divisor de águas nesse debate. Nesta obra, Ellen White assume uma posição contrária a que os pioneiros tinham ensinado até ali quanto a Trindade e a eternidade de Cristo. Nas primeiras palavras do livro, ela explica:

“‘Ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).’ Mt 1.23. O brilho do ‘conhecimento da glória de Deus’ vê-se ‘na face de Jesus Cristo’. *Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai*; era ‘a imagem de Deus’, a imagem de Sua grandeza e majestade, ‘o resplendor de Sua glória’. Foi para manifestar essa glória que Ele veio ao mundo. Veio à Terra entenebrecida pelo pecado, para revelar a luz do amor de Deus, para ser ‘Deus conosco’. Portanto, a Seu respeito foi profetizado: ‘Será o Seu nome Emanuel.’ Is 7.14.” DTN 19.

Mas as palavras mais impactantes seriam escritas no capítulo em que ela comenta a ressurreição de Lázaro:

“*Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. ‘Quem tem o Filho tem a vida’. A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.*” *Idem*, 507.

Esta afirmação ia contra o que os pioneiros ensinavam sobre a eternidade de Cristo até aquela época. Para Ellen White Jesus não teve origem e nem foi gerado pelo Pai, pois ela afirma que Jesus tem vida original, não derivada. Quando a escritora comenta sobre a ressurreição de Cristo, ela afirma:

“Quando foi ouvida no túmulo de Cristo a voz do poderoso anjo, dizendo: ‘Teu Pai Te chama’, *o Salvador saiu do sepulcro pela vida que havia em Si mesmo.*” *Idem*, 753.

Além de destacar a plena divindade de Cristo nesse livro, ao se referir ao Espírito Santo ela o chama de a “terceira pessoa da divindade”:

“Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da *terceira pessoa da Trindade*¹, a qual viria não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder.” *Idem*, 671.

Assim, sua compreensão trinitariana de Deus agora está completa. Suas declarações a partir desse momento caminham para a consolidação dessa posição.

A crise panteísta

Como vimos, existe uma forma de explicar a Trindade que é rejeitada pelo Espírito de Profecia e outra que recebe o seu apoio. Na crise panteísta que a igreja enfrentou entre os anos de 1902 e 1907 esse contraste fica mais claro. Como aconteceu essa crise?

Em 1901 a igreja adventista passou por uma grande reestruturação administrativa. Na Assembléia Geral daquele ano foi criado um novo nível de administração da igreja. Quando ela foi organizada em 1863 existiam apenas as Associações, que reuniam um grupo de igrejas de uma região, e a Associação Geral, que administrava toda a igreja. A medida que a igreja crescia esse modelo não era suficiente para agilizar as decisões de uma organização que estava em franca expansão. Na Austrália o pr. A. G. Daniells (1858-1935) havia adotado um modelo administrativo que foi um sucesso. Ele uniu as Associações do seu campo e formou uma União, um estágio intermediário entre a Associação Geral e as Associações. Na Assembléia de 1901 esse modelo foi adotado pela obra mundial. Além disso, foi feito um esforço para que os departamentos e instituições da igreja ficassem debaixo da tutela da Associação Geral. Apesar de todos os esforços, a obra de saúde não se sujeitou a essa mudança administrativa e isso colocou em risco a unidade da igreja. O grande responsável por essa crise administrativa foi o dr. J. H. Kellogg (1852-1943).

No início do século XX, o dr. Kellogg era a estrela mais brilhante da constelação de líderes adventistas. Homem de múltiplos talentos era diretor da maior instituição adventista da época o Sanatório de Battle Creek. Sob sua direção essa instituição começou a se afastar da denominação, tanto na doutrina quanto na sua administração. Deus revelou seu desagrado com os rumos que a obra médico-missionária estava tomando permitindo que o sanatório pegasse fogo. Isso aconteceu em 18 de fevereiro de 1902.⁵ O dr. Kellogg estava de viagem e

¹ Ellen G. White nunca usa a palavra *Trindade* (Trinity) para se referir a Deus nos seus escritos. Ela prefere usar sempre a palavra *Divindade* (*Godhead*, em inglês). O uso da palavra Trindade na tradução das suas obras em português é um erro de tradução.

quando ele soube da tragédia no mesmo momento ele começou a traçar os planos para a sua reconstrução.

Ele levou para a igreja um projeto que a princípio foi recebido. Sua idéia era escrever uma obra sobre saúde que seria publicado pela igreja. A tiragem de meio milhão de exemplares seria vendida por cada membro da organização ao valor de um dólar. A soma arrecadada seria suficiente para pagar as dívidas de outras instituições de saúde da igreja e reconstruir o sanatório que o fogo havia destruído. O livro, chamado *The Living Temple* [O templo vivo] trazia noções de fisiologia e anatomia, hábitos de vida saudável e tratamentos naturais simples.

Quando o livro já estava na gráfica, no dia 30 de dezembro de 1902 um incêndio destruiu completamente a editora *Review and Herald Publishing Association*. Esse novo desastre não impediu que o dr. Kellogg tomasse a iniciativa de publicar o livro por conta própria. Quando o livro começou a circular provocou comoção entre os adventistas. Suas idéias panteístas, que estavam adormecidas a vinte anos, vieram a tona.

Ellen G. White fez forte oposição a essa heresia, que ela chamou de “Alfa da apostasia”. Ela advertiu a igreja de que nos momentos finais da história do Grande conflito ela sofreria outra crise, que ela denominou de “Ômega da apostasia”.

“Não vos enganéis; muitos se afastarão da fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios. Temos agora perante nós o alfa desse perigo. O ômega será de natureza mais assustadora.” 1ME 197.

Silas Jäkel, no folheto *O alfa e o Ômega da apostasia*, tenta provar que o erro do Dr. J. H. Kellogg foi ensinar a doutrina da Trindade. Segundo o autor “fica evidente a todos nós o que foi a Alfa das heresias, foi exatamente a crença na Santíssima Trindade Católica.”⁶ Sendo assim, o Ômega da apostasia seria a aceitação da doutrina da Trindade pela igreja, como acontece hoje.⁷ Como vimos, essa releitura da crise Panteísta que afligiu a Igreja Adventista há mais de cem anos não é apoiada nem pelos fatos e nem pelo Espírito de Profecia. Ellen White comparou as crises do passado com a que a igreja estava enfrentando com o dr. Kellogg. Nessa crise, ela explica que foi “chamada a repreender os que apresentavam a doutrina de um *deus impessoal*”. Ev 600. O panteísmo nega a personalidade de Deus. O problema então não era a doutrina da Trindade, mas a forma como essa doutrina era explicada pelo dr. Kellogg.

Basta uma leitura atenta da descrição que Ellen White faz dessa crise para perceber que ela era contra uma visão espiritualizada da Divindade:

“Fui instruída a dizer: Os sentimentos dos que andam em busca de avançadas idéias científicas, não são para confiar. Fazem-se definições como essas: ‘O Pai é como a luz invisível; o Filho é como a luz corporificada; o Espírito é a luz derramada.’ ‘O Pai é como o orvalho, vapor invisível; o Filho é como o orvalho condensado em uma bela forma; o Espírito é como o orvalho caído sobre a sede da vida.’ Outra apresentação: ‘O Pai é como o vapor invisível; o Filho como a nuvem plúmbea; o Espírito é chuva caída e operando em poder refrigerante.’

“Todas essas definições espiritualistas são simplesmente nada. São imperfeitas, inverídicas. Enfraquecem e diminuem a Majestade a que não pode ser comparada nenhuma semelhança terrena. Deus não pode ser comparado a coisas feitas por Suas mãos. Estas são meras coisas terrenas, sofrendo sob a maldição de Deus por causa dos pecados do homem. O Pai não pode ser definido por coisas da Terra.

Essa explicação de Deus, que utiliza elementos da natureza, caracterizava a teologia panteísta do dr. Kellogg. Depois de chamar essas explicações de “espiritualistas”, Ellen White define o que ela entendia como sendo verdade sobre a divindade:

“O Pai é toda a *plenitude da Divindade* corporalmente, e invisível aos olhos mortais. “O Filho é toda a *plenitude da Divindade* manifestada. A Palavra de Deus declara que Ele é ‘a expressa imagem da Sua pessoa’. Hb 1.3. ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha vida eterna.’ Jo 3.16. Aí se manifesta a personalidade do Pai. “O Consolador que Cristo prometeu enviar depois de ascender ao Céu, é o Espírito *em toda a plenitude da Divindade*, tornando manifesto o poder da graça divina a todos quantos recebem e crêem em Cristo como um Salvador pessoal. *Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste*; em nome destes três grandes poderes - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo. TM 614, 615.

Sobre os três membros da divindade ela afirma a mesma coisa: cada um deles “é toda plenitude da divindade”, ou seja, encontramos em cada um deles os atributos de Deus. Suas palavras são muito claras e exclui qualquer mal entendido sobre o que ela rejeitava e o que ela aceitava sobre a Trindade.

Maior luz sobre o Espírito Santo

Em 1896, E. W. Prescott esteve na Austrália e pregou uma série de conferências sobre o Espírito Santo. Essas palestras provocaram uma discussão intensa dentro da igreja sobre a obra e a pessoa do Espírito Santo. Na mesma época outro evangelista, H. Camden Lacey, realizou outra série de conferências sobre o mesmo tema. Ellen G. White reconheceu como correta essa compreensão. Nesse ano, após assistir essas palestras, ela escreveu pela primeira vez que o Espírito Santo é “a terceira pessoa da Divindade.” 83MM 45 [Carta 8, 1896].⁸

A partir desse ano, Ellen White citaria regularmente os três membros da divindade, usando termos como “o trio celestial”, “os eternos dignitários celestes” ou expressões semelhantes.

“Os eternos dignitários celestes – Deus, Cristo e o Espírito Santo – munindo-os [aos discípulos] de energia sobre-humana, [...] avançariam com eles para a obra e convenceriam o mundo do pecado.” Ev 616 [1901].

“Quando fizestes tais votos, vos comprometestes em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, a viver para Deus, e não tendes o direito de quebrar esse compromisso. O auxílio desses *três grandes poderes* está à vossa disposição.” 86MM 170. [1905]

A seguir encontramos alguns exemplos da profetisa fazendo referências a personalidade e divindade do Espírito Santo. A medida que as citações vão se acumulando pode-se perceber cada vez mais claro o que ela pensava sobre Ele:

1897: “O príncipe da potestade do mal só pode ser mantido em sujeição pelo poder de Deus na *terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo.*” Ev 617.

1898: “Cristo enviou Seu representante, *a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo.*” 02MM 300.

1899: “Cristo determinou que ao subir da Terra concederia um dom aos que haviam nEle crido, e aos que haveriam de crer. Que dom bastante valioso poderia Ele conceder para assinalar e comemorar Sua ascensão ao trono mediador? Precisaria ser digno de sua grandeza e realce. *Determinou-Se a dar o Seu representante, a terceira pessoa da Divindade.* Não poderia haver dádiva mais excelente. Ele concederia num único, todos os dons e, portanto, aquele poder convertedor, iluminador e sacrificial, que *é o Espírito Santo*, seria a Sua dádiva.” 89MM 36.

1899: “Precisamos reconhecer que *o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus*, está andando por esses terrenos.” Ev 616.

1906: “*O Espírito Santo é uma pessoa*, pois dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. [...] *O Espírito Santo tem personalidade*, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. *Deve ser também uma pessoa divina*, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. [cita 1 Co 2.11].” *Idem* 616, 617.

Sobre a questão da personalidade do Espírito Santo os escritos de Ellen White vão exercer influência sobre diversos líderes da igreja. R. A. Underwood passou a crer na personalidade do Espírito Santo por influência dos escritos dela e narrou sua experiência em um artigo intitulado “O Espírito Santo – uma pessoa”. Nesse artigo ele diz que “o plano de Satanás é destruir toda fé na personalidade da Divindade: o Pai, Filho e Espírito Santo”. “O primeiro passo” para isso é “destruir nossa fé na personalidade desta pessoa da Divindade, o Espírito Santo”, que é a “terceira pessoa da Divindade.”

A. G. Daniells, presidente da Associação Geral, em um artigo citou textos de Ellen White para argumentar que o Espírito Santo é a “terceira pessoa da divindade”.⁹

Conclusão

O movimento adventista nasceu da profunda pesquisa das Escrituras. Os seus fundadores entendiam que deviam continuar a obra da Reforma do século XVI em descobrir a verdade bíblica e rejeitar os entulhos da tradição. Ao contrário do que os movimentos dissidentes apregoam, eles não acreditavam que a Verdade Presente era estática e que Deus não tinha mais luz para o Seu povo. Essa busca pode corrigir velhos ensinamentos e trazer novos conhecimentos. Essa atitude explica a razão da mudança que aconteceu no adventismo. Se no começo esse movimento rejeitava a doutrina da Trindade, graças ao ministério profético de Ellen White e o estudo das Escrituras, hoje ele a aceita. Essa mudança de paradigma não foi apostasia da verdade, como querem alguns.

Ellen White não condenou a posição antitrinitariana dos seus contemporâneos por que não estava envolvido nenhum “marco antigo” nesse debate. Essa atitude de tolerância caracterizou o seu ministério profético. Ela não tomou posição sobre a questão do “contínuo” de Daniel 8, ou sobre a lei em Gálatas, durante a Assembléia de Minneápolis. Ela também nunca condenou o ensino de que Cristo tivesse uma natureza com tendências pecaminosas, como pensava Waggonner e Jones.

Quando o ensino herético ameaçava alguma doutrina peculiar do adventismo então ela levantava sua voz e denunciava esse erro. Como vimos, isso aconteceu na crise panteísta provocada pelo dr. Kellogg. Ao ensinar que Deus está na natureza o panteísmo nega a existência de um santuário celestial. Esse santuário seria o corpo humano. Negar a doutrina da obra intercessória de Cristo é minar os fundamentos do adventismo.

Ellen White orientou, aconselhou e corrigiu, mas nunca quis substituir o estudo sério das Escrituras. Se a cada desentendimento doutrinário ela desse uma resposta pela revelação estaria enfraquecendo a autoridade da Palavra de Deus. Ela era a luz menor, que conduzia a luz maior. Sua obra era levar as pessoas a estudar a Bíblia e não ser um oráculo da vontade divina.

Pela revisão histórica que fizemos percebemos que Ellen White partiu de uma compreensão imprecisa e vaga de Deus para uma mais clara e definida. Parece que ela não quis tomar uma posição definida enquanto não estudasse o assunto com mais atenção. Assim, podemos perceber que com o tempo, a profetisa foi sendo mais definida quanto a eternidade de Cristo e a personalidade do Espírito Santo. Jerry Moon comenta:

“Seus escritos sobre a Divindade mostram uma clara progressão não primariamente de anti para pró-trinitarianismo, mas de relativa ambigüidade para maior especificidade. Algumas de suas primeiras declarações são suscetíveis de várias interpretações, mas suas declarações posteriores, de 1898 a 1906, são explícitas a ponto de serem dogmáticas. Sua mudança de opinião parece claramente ter sido um assunto de crescimento e progressão, em vez de reversão, porque ao contrário de seu esposo e outros de seus associados, ela jamais atacou diretamente o ponto de vista trinitário que ela mais tarde apoiaria explicitamente.”¹⁰

A medida que Ellen White foi se posicionando a favor da eternidade de Cristo e da personalidade do Espírito Santo a igreja estudou esses temas à luz das Escrituras Sagradas. Foi por causa desse estudo que o movimento adventista mudou de posição. Ela apenas apontou o caminho, mas não fez a jornada, e assim deve ser.

Referências:

- ¹ Esse capítulo foi baseado nos trabalhos de: Jerry Moon, *Ellen G. White e a compreensão da trindade*. Revista Parousia, 1º semestre de 2006, p. 11-25; Matheus A. Cardoso, *A doutrina da trindade na Igreja Adventista do Sétimo Dia (1890-1915)*, revista Kerigma XXXXX; CARDOSO, Matheus. *Os pioneiros adventistas e a Trindade*, Revista Adventista, agosto de 2011, p.8-11; Woodrow Whidden, Jerry Moon e John Reeve, *A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do Cristianismo*, p. 216-249.
- ² WHITE, James. *Review and Herald*, 24/01/1846, p. 45, citado por Matheus A. Cardoso em *A doutrina da Trindade entre os Adventistas do Sétimo Dia*, p.XXX.
- ³ CARDOSO, Matheus. *Os pioneiros adventistas e a Trindade*, Revista Adventista, agosto de 2011, p. 9.
- ⁴ WAGGONER, E. J. *Cristo e Sua justiça*, p. 44 e 45.
- ⁵ SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz*, p. 262
- ⁶ JÄKEL, Silas. *O Alfa e o Ômega da apostasia*, p. 11.
- ⁷ *Idem*, p. 15 e 16.
- ⁸ CARDOSO, Matheus. *Os pioneiros adventistas e a Trindade*, Revista Adventista, agosto de 2011, p. 10.
- ⁹ *Australian Union Conference Record [AUCR]*, 1º de dezembro de 1899, p. 1, citado por Matheus A. Cardoso em *A doutrina da Trindade entre os Adventistas do Sétimo Dia*, p.XXX.
- ¹⁰ MOON, Jerry. *Ellen G. White e a compreensão da trindade*. Revista Parousia, 1º semestre de 2006, p. 13.

Capítulo 7

É bíblico o batismo em nome de Jesus?

Por que os discípulos batizavam em nome de Jesus, como está descrito em Atos (At 2.38; 8.16; 10.48 e 19.5), e não em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, conforme a ordem de Cristo (Mt 28.19,20)? Com o ressurgimento de movimentos antitrinitarianos dentro e fora do adventismo, esta e outros questionamentos tem sido levantados. Alguns, mais ardorosos defensores do batismo em nome de Jesus, chegam a questionar a canonicidade do evangelho de Mateus por ser ele o único a ensinar a fórmula batismal trinitariana.¹ Para esses movimentos dissidentes, a doutrina da Trindade de Deus só foi adotada pela Igreja a partir do Concílio de Nicéia (325 dC), portanto a fórmula batismal foi alterada pela apostasia que se introduziu na Igreja. Neste capítulo nos proporemos a responder estas questões com um claro assim diz o Senhor.

Os pais da Igreja

Existem evidências históricas de que a Igreja batizava em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo muito antes do Concílio de Nicéia. Pelos escritos dos Pais da Igreja² descobrimos que este costume remonta o mais primitivo período pós-apostólico. Um dos mais importantes documentos escritos nessa época é o Didaquê (“Ensino”). Ele é um antigo manual de religião que foi escrito entre o ano 90 e 100 dC, na época em que foram escritos os últimos livros do Novo Testamento (os escritos do apóstolo João).

A obra divide-se em três partes: a primeira (cap.1-6) ensina normas práticas para a vida cristã, a segunda parte (cap. 7-10) trata do culto da igreja e a terceira (cap. 10-15) procura regular a vida em comunidade.³ Na abertura da segunda seção, o autor ensina: “Quanto ao batismo, batizai assim: depois de ter ensinado tudo o que precede, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, cap. 7.1.⁴ Há uma clara dependência fraseológica entre o Didaquê e a passagem de Mt 28.19. Em um documento tão antigo quanto os escritos do apóstolo João encontramos referências ao batismo trinitariano.

No fim do segundo século, Taciano (170 dC) escreveu: “Então Jesus lhes disse: [...] Ide agora a todo o mundo, e pregai Meu evangelho a toda criatura; ensinai a todas as pessoas e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”⁵ Um pouco mais tarde, Tertuliano (210 dC), afirmou: “Depois da ressurreição, Ele prometeu em um juramento a Seus discípulos que lhes enviaria a promessa do Pai; e, finalmente, os enviou a batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, não em um Deus impessoal.”⁶

J. D. Kelly cita outros pais da igreja que defendiam o batismo trinitariano:

“Justino, falando dos que seriam batizados, diz: ‘[...] são conduzidos por nós a um local onde haja água, e ali, da mesma forma como nós fomos regenerados, são por sua vez regenerados. No nome de Deus Pai e Senhor de todas as coisas e de nosso salvador Jesus Cristo, eles são lavados na água’. Mais tarde, ele acrescenta que o batismo é ‘em nome de Deus Pai e Senhor de todas as coisas’, de ‘Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos’ e ‘do Espírito Santo que, por intermédio dos profetas, predisse toda a história de Jesus’. Sem dúvida, ele tem em mente uma fórmula litúrgica que já estava solidificada, como mostra Irineu quando relata: ‘Nós recebemos o batismo para a remissão de pecados em nome de Deus Pai e em nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que Se encarnou, morreu e ressuscitou, e no do Espírito Santo de Deus’.”⁷

O que significa, então?

Se o costume da Igreja era batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, por que então Lucas menciona o batismo em nome de Jesus? Pelo número de referências bíblicas, a evidência parece pender para o último e não para o primeiro. Antes de chegarmos a conclusões precipitadas precisamos analisar as passagens envolvidas nesse debate. Uma leitura atenta destes versículos (At 2.38; 8.16; 10.48 e 19.5) permite-nos chegar as seguintes conclusões:

Em primeiro lugar não há uma fórmula batismal definida nestas passagens. Enquanto em Atos 2.38 e 10.48 diz que o batismo deve ser “em nome de Jesus Cristo”, em At 8.16 e 19.5 fala de batismo “em nome do Senhor Jesus”. Se houvesse uma fórmula definida para se batizar em nome de Jesus ela seria padrão e não haveria variantes. Lucas não quer ser tomado como literal ao afirmar que os apóstolos deveriam batizar em nome de Jesus.

Em segundo lugar, existe um princípio de interpretação bíblica muito desprezado e que tem sido fonte de muitas heresias. Qual é ele? Nenhuma prática mencionada na Bíblia, mesmo que tenha sido feita por Jesus, deve ser praticada pelos cristãos se não for amparada por um mandamento bíblico. Por não respeitar este princípio, os pentecostais ensinam que todo cristão que recebeu o Espírito Santo deve falar em línguas estranhas. O fato de que a Bíblia menciona pessoas que ficaram cheias do Espírito Santo e falaram línguas não torna isso normativo para o crente. A menos que houvesse uma afirmação doutrinária que convalidasse este ensino. Existe uma passagem bíblica que afirme que o sinal de que o crente está cheio do Espírito Santo é falar em línguas? Não, muito pelo contrário, Paulo ensina que os dons são dados de forma única aos cristãos e que nem todos manifestam a glossolalia (1Co 12.13, 29 e 10). Outro exemplo: não foi por que Jesus jejuou por 40 dias que devemos fazer o mesmo. Este mesmo princípio pode ser aplicado a questão do batismo em nome de Jesus. Lucas está

fazendo referência a fatos históricos e não ensinando doutrina. Essa forma de batismo só seria legítima se fosse acompanhada de um mandamento bíblico. Onde está este mandamento? Então, o que a Bíblia quer dizer quando afirma que a Igreja batizava em nome de Jesus? Chegamos ao cerne da questão. Toda pessoa familiarizada com a leitura bíblica sabe que existem expressões, práticas e costumes característicos dos tempos bíblicos que, sem considera o abismo cultural que nos separa daquela época, pode nos levar a conclusões equivocadas. As chamadas Testemunhas de Jeová cometem o mesmo erro neste ponto, ao afirmar que o “único nome de Deus” é Jeová. Para eles santificar o Seu nome (como Jesus ensinou na oração do Pai Nosso) é restaurar a pronuncia do tetragrama hebraico⁸. Esse é o mesmo erro que os unicistas modernos cometem ao enfatizar o batismo em nome de Jesus. Esses grupos esquecem de se perguntar se nome, como era usado nos tempos bíblicos, tem o mesmo significado que tem hoje.

O *Dicionário Bíblico Universal* de Buckland explica o significado do termo “nome” para a cultura dos tempos bíblicos: “segundo a mentalidade antiga, o nome não somente resumia a vida do homem, mas também representava a sua personalidade, com a qual estava quase identificado. E por isso a frase ‘em Meu nome’ sugere uma real comunhão com o Orador Divino.”⁹

Um nome poderia ser dado a pessoa com fatos que estivesse relacionado com o seu nascimento, como aconteceu com Jacó (cujo nome significa “suplantador”) que nasceu agarrado ao calcanhar do seu irmão. Quando Jacó mudou de caráter, mudou de nome também e passou a ser chamado de Israel (que significa “Aquele que lutou com Deus”). Veja Gn 32.27 e 28 e 35.10.

Vamos aprofundar a nossa análise com a leitura de várias passagens bíblicas que podem nos ajudar a entender esta questão¹⁰:

1. **Crianças são recebidas em nome de Jesus:** “Quem recebe uma destas crianças *em meu nome*, está me recebendo”, Mt 18.5.
2. **Crentes reunidos em nome de Jesus:** “Pois onde se reunirem dois ou três *em meu nome*, ali eu estou no meio deles”, Mt 18.20 (ver também 1Co 5.4).
3. **Demônios são expulsos em nome de Jesus:** “‘Mestre’, disse João, ‘vimos um homem expulsando demônios *em teu nome* e procuramos impedi-lo.’” Mc 9. 38 (ver também Mc 16.17; Lc 10.17 e At 16.18).
4. **Curas são feitas em nome de Jesus:** “Disse Pedro: ‘Não tenho prata e nem ouro, mas o que tenho, isso lhe dou. *Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande.*’” At 3.6 (ver também At 4.10).

5. **Somos feitos filhos de Deus em nome de Jesus:** “Contudo, aos que o receberam, *aos que creram em seu nome*, deu-lhes o direito e se tornarem filhos de Deus.” Jo 1.12.

6. **Orações são aceitas em nome de Jesus:** “E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho.” Jo 14.13 (ver também Jo 15.16 e 16.23).

7. **O Espírito Santo é enviado em nome de Jesus:** “Mas o Conselheiro, *o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome*, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse.” Jo 14.26.

8. **Perdão e arrependimento são anunciados em nome de Jesus:** “E que *em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados* a todas as nações, começando por Jerusalém.” Lc 24.47 (ver também At 10.43).

9. **Batismo feito em nome de Jesus:** “Pedro respondeu: ‘Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.’” At 2.38 (ver também At 8.16; 10.48 e 19.5).

10. **Crentes são justificados em nome de Jesus:** “Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus.” 1Co 6.11.

11. **Graças são dadas em nome de Jesus:** “*Dando graças* constantemente a Deus Pai por todas as coisas, *em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*.”

12. **Joelhos se dobrarão em nome de Jesus:** “Para que *ao nome de Jesus se dobre todo joelho* nos céus, na terra e debaixo da terra.” Fp 2.10.

13. **Unção com óleo feita em nome de Jesus:** “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e *o unjam com óleo, em nome do Senhor*.” Tg 5.14.

Poderíamos continuar citando situações em que “o nome de Jesus” não está apenas relacionado com o batismo. Segundo o *Dicionário Bíblico Adventista*, nessas passagens nome “assume um significado mais amplo que o de identificar a um indivíduo; significa ‘pessoa’, ‘caráter’, ‘autoridade’, ‘reputação’, etc.”¹¹ Por isso, o apóstolo Paulo disse que tudo o que os crentes fazem deve ser feito em nome de Jesus: “Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai.” Cl 3.17. É claro que o apóstolo não está dizendo para usarmos uma fórmula mágica, com as palavras “em nome de Jesus”, mas está se referindo ao fato de que ao fazermos algo devemos fazê-lo na *autoridade* de Jesus.

Em At 4.7, os líderes religiosos de Israel perguntaram aos discípulos: “Com que poder ou em nome de quem vocês fizera isso?”. Eles queriam saber com que autoridade João e Pedro curavam. Nessa passagem, autoridade e nome são termos intercambiáveis.

Enquanto a fórmula batismal, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, está reservada ao batismo, a expressão “em nome de Jesus” permeia todas as ações do crente no Novo Testamento. O crente deve sujeitar os demônios em nome de Jesus, ou seja, por Seu poder. Quando pregamos devemos fazer apelos em Seu nome, também. O apóstolo implorou: “Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.” 2Co 5.20 (ARA). Paulo está pedindo aos irmãos em Corinto que aceitem o perdão de Deus oferecido através de Cristo. Quando o apóstolo afirma que ao fim todo o joelho se dobrará perante o nome de Jesus está querendo dizer que reconhecerá o senhorio e a autoridade de Jesus. Portanto, a expressão “em nome de Jesus” é idiomática e deve ser assim entendida.

Podemos confiar em Mateus?

Pelo peso da evidência, Mateus 28.19, 20 é um problema para aqueles que não aceitam a doutrina da Trindade. É natural que os escritores antitrinitarianos tentem colocar em dúvida a sua veracidade e autenticidade. Contudo, a autenticidade dessa passagem está acima de qualquer suspeita:

“Consultando-se os mais de 1.400 manuscritos que trazem o texto do evangelho de Mateus, vê-se que em todos eles constam os dizeres do verso 19 do capítulo 28 de Mateus. Esse verso foi tão bem preservado que, ao se olhar o aparato crítico (notas de rodapé) do Novo Testamento Grego, editado por Kurt Aland, não se vê nenhuma menção a acréscimos, supressões ou variantes textuais (outra maneira de dizer) referentes o texto de Mateus 28.19”¹²

Outra questão levantada pelos que contestam o batismo trinitariano é o fato da fórmula batismal trinitariana ser cita apenas uma vez na Bíblia. . O argumento da quantidade sobre a qualidade é usada por Ricardo Nicotra. Ele explica que há 36 referências ao batismo em nome de Jesus e apenas uma ao batismo em nome da Trindade e que por isso deveríamos praticar o batismo em nome de Jesus.¹³ A questão não é tanto a quantidade de testemunhas e sim a sua qualidade. Quem ensinou o batismo trinitariano foi o Senhor Jesus, e esse fato deveria por si só encerrar a questão. Há apenas uma referência bíblica ao ritual do lava-pés (Jo 13) e nem por isso se questiona a sua validade.

Nicotra tenta desmerecer o valor de Mt 28.19 citando¹⁴ uma nota de roda-pé da *Bíblia de Jerusalém*:

“É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso **litúrgico posteriormente fixado** na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar ‘no nome de Jesus’ (cf. At 1.5+; 2.38+). **Mais tarde** deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade.”

As notas da BJ foram escritas por teólogos católicos e protestantes que adotam o método histórico-crítico de interpretação. Segundo essa visão liberal, a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas a contém. Sendo assim, ela estaria repleta de lendas, mitos, acréscimos e revisões que foram feitas ao longo do tempo. Para eles antes dos textos bíblicos aparecerem na forma escrita, eles circulavam através de tradições orais, passada de geração a geração. Com isso ela foi incorporando influências culturais diversas. Eles acreditam que o texto bíblico não foi escrito pelo autor a quem se atribui tradicionalmente a autoria, mas pelas comunidades que receberam a sua mensagem ou por um pseudo-epígrafo. Por fim, os teólogos liberais ensinam que devemos aceitar as afirmações bíblicas apenas se estiverem em conformidade com a ciência ou a história. Como cristãos comprometidos com a verdade, não podemos aceitar esse método de interpretação (2Pd 1.16).¹⁵

Conforme os seguidores desse método, Mateus não seria o autor do seu evangelho, mas alguma comunidade fundada por ele teria produzido o texto que lhe é atribuído. Portanto, não foi o texto bíblico que definiu a prática da igreja, mas foi a igreja que determinou o que Jesus ensinou. A comunidade que deu origem ao evangelho estaria tentando legitimar uma prática atribuindo enganosamente esse ensino a Jesus.

Baseado na compreensão das implicações da adoção do método histórico-crítico de interpretação, Borges explica como devemos entender a referida nota de rodapé:

“À luz desses fatos, a nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém a respeito de Mateus 28:19 pode ser facilmente compreendida. Citamos novamente o texto em discussão e acrescentamos comentários entre colchetes: “É possível [no método histórico-crítico há poucas certezas e muitas suposições] que em sua forma precisa, essa fórmula [que está no evangelho de Mateus; em momento algum a nota nega esse fato] reflita influência do uso litúrgico [da cerimônia do batismo] posteriormente fixado [a expressão surgiu não quando Jesus a proferiu, mas muito tempo depois] na comunidade primitiva [a igreja local de Mateus]. Sabe-se que o livro dos Atos [escrito antes da destruição do templo, em 70 d.C.] fala em batizar ‘no nome de Jesus’ (At 1,5+, 2,38+). Mais tarde [na igreja de Mateus, no fim do primeiro século] deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade.”¹⁶

Nos escritos do Espírito de Profecia

Para quem aceita a autoridade profética de Ellen G. White a questão do batismo em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo é um ponto resolvido. Se por um lado ela nunca mencionou

1Jo 5.7 (um texto sabidamente questionável), para tentar provar a doutrina da tri-idade de Deus, por outro, a profetisa citou em seus escritos 168 vezes a passagem de Mt 28.19. Além de defender o batismo trinitariano, ela enfatizou a responsabilidade e a promessa para o crente que recebe o batismo em nome dos três membros da Divindade:

“O Pai, o Filho e o Espírito Santo, os três santos dignitários do céu, declaram que darão poder ao homem para que vença as potestades das trevas. Eles prometem todos os recursos do céu aos que, mediante seus votos batismais, tenham feito um pacto com Deus.” 5CB 1085.

“O homem é posto em sua tumba líquida em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sepultado com Cristo no batismo e erguido da água para viver a vida nova de lealdade a Deus. As três grandes potestades do céu são testemunhas; são invisíveis, mas estão presentes. 6CB 1074.

“Os que são batizados no tríplice nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no começo de sua vida cristã declaram publicamente que aceitaram o convite: ‘Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor, e não toque o imundo; e Eu os receberei, e serei para vós Pai, e vós me sereis por filhos e filhas, diz o Senhor Todo Poderoso’.” *Idem* 1075.

“O fato de terdes sido batizado no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é uma segurança de que podeis reclamar seu auxílio e este poder auxiliar-vos-á em toda emergência.” Ev 316 (citado também em 59MM 145).

“Os compromissos que assumimos no ato do batismo são assaz compreensivos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo fomos sepultados com Cristo na semelhança de Sua morte e com Ele ressuscitamos na de Sua ressurreição, a fim de andarmos em novidade de vida.” 2TS 396.

Vivemos nos últimos dias, e um dos sinais dos tempos seria o surgimento de ventos de doutrinas. Em nossos dias parece que há uma agitação espiritual por novidades doutrinárias. Quanto mais exclusivista e exótica a posição que alguns assumem maior será o número de seguidores que angariará. A nossa única salvaguarda é estarmos firmados na Rocha Eterna e nos basearmos no “está escrito”.

Referências:

¹ Um exemplo desse tipo de raciocínio torto encontramos em Josué B. Paulino, no livreto *Um desafio ao cristianismo*. Ele questiona a autenticidade e autoridade do evangelho de Mateus afirmando que o livro é de “autoria duvidosa inserido no cânone de livros sagrados por conveniência teológica. É terrível e escandaloso. [...] Diante disso tudo, como vimos, o livro de Mateus é indubitavelmente apócrifo. Foi aceito por cânones sagrados apenas para dar ‘autenticidade’ a alguns dogmas e doutrinas espúrias, como por exemplo o batismo em nome da Trindade [...] as heresias, mais terríveis do cristianismo encontram ‘apoio’ num Evangelho de origem duvidosa como é Mateus.” (p.18).

² A geração de líderes da igreja cristã que se seguiram a era apostólica foram chamados carinhosamente de Pais. Por isso, eles são chamados Pais da Igreja e o estudo de seus escritos e desse período, que vai até o sexto século, é denominado de Patrística.

³ GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos Santos Padres*, p.26.

⁴ Citado por Cirilo Gomes em *Antologia dos Santos Padres*, p. 27.

⁵ Citado por Chistian A. Zaldúa, em *Batismo em nome da Trindade*, na revista Ministério Adventista, jul/ago de 2007, p. 19.

⁶ *Idem*.

⁷ KELLY, J. N. *Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento*, p. 66

⁸ Tetragrama é como chamamos o conjunto de vogais que em hebraico forma o nome de Deus: YHVV.

⁹ Verbete “nome”.

¹⁰ Essa lista é baseada em Chistian A.Zaldúa, *Op. Cit.*

¹¹ *Diccionario Bíblico Adventista Del Séptimo Día*, verb. “nombre”.

¹² MOURA, Ozeas Caldas. *Batismo em nome de quem?* Revista Adventista, julho de 2007, p. 17.

¹³ *Eu e o Pai somos um*, p. 48.

¹⁴ *Idem*, p. 50 (ênfase do autor).

¹⁵ BORGES, Michelson. *Mateus 28.19: falso ou verdadeiro?*. www.criacionismo.com.br. Acesso em 3 de agosto de 2011.

¹⁶ *Ibidem*.

Capítulo 8

Explicações de algumas questões sobre a Divindade

I. Questões relacionadas com o Espírito Santo

O Espírito Santo é o poder de Deus?

As Testemunhas de Jeová entendem que o Espírito Santo é a “força ativa de Deus” (é assim que eles traduzem várias referências a Ele na sua versão da Bíblia: veja Gn 1.2, TNM). Nesse caso, cometesse o erro de confundir o doador com a dádiva. Wayne Grudem explica por que não devemos cometer esse erro:

“Se o Espírito Santo é entendido simplesmente como o poder de Deus, e não como pessoa distinta, então várias passagens simplesmente não fazem sentido, porque nelas o Espírito Santo e seu poder, ou o poder de Deus, são ambos mencionados. Por exemplo, Lucas 4.14 diz: ‘Jesus voltou pra a Galiléia no poder do Espírito’. Nesse caso o versículo significaria que ‘Jesus voltou para a Galiléia no poder do poder de Deus’. Em Atos 10.38, a expressão ‘... Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder...’ significaria que ‘Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o poder de Deus e poder’ (v. tb. Rm 15.13; 1Co 2.4).”¹

O Espírito Santo é a glória de Deus?

Outras pessoas tentam identificar o Espírito Santo com a glória de Deus, com a Sua essência. Em uma visão contra a idolatria, o profeta Ezequiel descreve a manifestação de um ser semelhante a um homem. Da cintura para baixo ele era como fogo e a parte de cima do seu corpo era como o metal reluzente (cap. 8.2). O profeta conta que foi pego pelos cabelos por esse ser e logo em seguida ele identifica-o com “o Espírito” (vers. 3). Essa é a forma como o escritor refere-se costumeiramente ao Espírito do Senhor. Em visão, ele é conduzido a Jerusalém pelo Espírito e diante dele se manifesta a “glória do Deus de Israel” (vers. 4). Nesta visão o Espírito Santo aparece de forma clara e distinta da glória de Deus.

O Espírito Santo é um anjo querendo roubar a adoração devida somente a Deus?

O autor do livro *A Divindade ou a Trindade?* Chega uma conclusão que para nós soa como blasfêmia: “Adorar a ‘terceira pessoa da Trindade’ é adorar a terceira pessoa na hierarquia do céu – Lúcifer, antes da queda.”² Para que esse raciocínio esteja certo é necessário que o Espírito Santo seja identificado como sendo um anjo. Será que era assim que Ellen G. White cria? Leia com atenção a seguinte passagem:

“[Os servos de Deus] têm de contender contra forças sobrenaturais, mas é-lhes assegurado sobrenatural auxílio. Todos os espíritos celestes se acham nesse exército. E *mais que anjos* estão nas fileiras. *O Espírito Santo*, o representante do Capitão do exército do Senhor, desce para dirigir a batalha.” DTN 352.

Segundo a pena inspirada, o Espírito Santo não é um anjo frustrado tentando ser adorado como Deus. Essa conclusão não pode ser apoiada pelos seus escritos e muito menos pela Bíblia.

O Espírito Santo é “um raio de luz do Pai”?

O seguinte texto do Espírito Santo tem sido usado para dizer que a pomba que apareceu no batismo de Jesus era apenas um raio de luz do Pai:

“Os anjos nunca tinham ouvido uma oração como essa. Eles estavam ansiosos para levar ao suplicante Redentor mensagens de certeza e amor. Mas não; o próprio Pai atenderá ao Filho. *Diretamente do trono é enviada a luz da glória de Deus*. Abrem-se os céus, e *raios de luz e glória procedentes de lá assumem a forma de uma pomba*, como o aspecto de ouro polido. A forma semelhante a uma pomba era um emblema da mansidão e suavidade de Cristo.” 92MM 79.

Para entender essa passagem precisamos consultar o seu contexto em que ela foi escrito. Essa compilação é uma citação publicada primeiramente na revista *Youth's Instructor*, de março de 1874. Mais adiante, no mesmo artigo, a autora continua a descrição da cena:

“João ficou profundamente comovido ao testemunhar o Salvador do mundo, curvado na mais profunda humilhação, pleiteando fervorosamente, com lágrimas, a aprovação de Seu Pai. No momento em que a luz e glória do Céu envolveram o Salvador, e uma voz foi ouvida, asseverando ser Jesus o Filho do Infinito, João viu o sinal que Deus tinha prometido a Ele, e soube, com certeza, que o Redentor do mundo havia recebido o batismo por suas mãos. Pleno de alegria e sentida emoção, ele estendeu a mão e apontou para Jesus, dizendo: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! Este é aquele do qual eu disse: após Mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de Mim.’ Eu não o conhecia: Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: ‘Aqueles sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo’. *Vi o Espírito descer como pomba e pousar sobre Ele*; e eu ouvi a voz de Deus testificar que Ele é o Filho de Deus.”

Ellen White ensinava que o Espírito Santo é o próprio Cristo e não uma pessoa distinta da divindade?

Manuscript Release, 14, p. 23 e 24 tem sido usado para provar que Ellen White ensinava que o Espírito Santo e Cristo são as mesmas pessoas. O referido texto diz:

“Impedido por Sua humanidade, Cristo não poderia estar em todos os lugares pessoalmente; então foi para benefício deles (os discípulos) que Ele deveria deixá-la, ir para o Pai, e enviar o Espírito Santo para ser seu sucessor na terra. *O Espírito Santo é Ele mesmo, despojado da personalidade humana e independente dela*. Ele se representaria como estando presente em todos os lugares por Seu Espírito, como Onipresente. ‘Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, ele vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito’ (João 14.26). ‘Mas digo-vos uma verdade: Convém que Eu vá, porque se não fosse, o Consolador não viria a vós; mas se eu for, vo-lo enviarei [João 16.7].’”³

Para entender o sentido desse texto deve-se lê-lo junto com uma passagem paralela encontrada no livro *O Desejado de todas as nações*: “O Espírito Santo é o representante de Cristo, mas despojado da personalidade humana, e dela independente.” (p. 669). Portanto ela estava dizendo que o Espírito era como se Cristo estivesse presente com os discípulos, mesmo depois de Sua partida. Ellen White entendia que o Espírito Santo era distinto de Cristo. No mesmo capítulo do livro *Desejado* ela refere-se ao Ele como sendo a “terceira pessoa da Trindade.” (p. 671). Essa distinção pode ser percebida nos dois textos que ela cita logo em seguida na referida passagem. Enquanto em Jo 14.26 é dito que o Pai enviaria o Espírito Santo, no cap. 16.7 está escrito que o próprio Cristo é quem o envia. Assim, a autora está fazendo uma clara distinção de cada um dos membros da Divindade.

A. R. Timm comenta ainda:

“Ao sugerir que o Espírito Santo é Cristo, Ellen White empregou uma força de expressão semelhante a que Cristo usou ao dizer ‘Eu e o Pai somos um’ (João 10.30). Essas expressões enfatizam a unidade essencial entre o Espírito Santo e Cristo, e entre Cristo e o Pai, respectivamente, sem com isso negar a distinção de personalidade entre cada um deles.”⁴

O Espírito Santo não deve receber adoração?

Apesar de não existir nenhuma ordem explícita para se adorar ao Espírito Santo convém destacar que a Bíblia afirma que Ele é digno de receber honra. Na introdução a Epístola aos Efésios (cap. 1.3-14) Paulo faz uma bela doxologia exaltando as três pessoas da divindade. Podemos dividir essa seção em três partes bem distintas onde cada uma delas descreve o motivo pelo qual cada membro da Trindade deve ser exaltado.

Os versículos 2 a 6, Paulo exalta o Pai. Ele começa dizendo “bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” para concluir com as palavras “para o louvor da Sua gloriosa graça”. Nessa primeira parte Paulo exalta ao Pai referindo-se a todas as bênçãos espirituais que recebemos por causa da sua vontade: nossa eleição, predestinação e adoção.

Na segunda seção, o apóstolo passa a falar da obra de salvação feita pelo Filho em nosso favor para concluir com a frase “para o louvor da Sua glória” (versículo 11).

Por fim, na terceira seção, Paulo centraliza a Sua atenção à obra do Espírito Santo em nosso favor, para terminar com a mesma frase “para o louvor da Sua glória” (versículo 14).

Para o apóstolo iguala cada um dos membros da divindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) para concluir que por conta da Sua obra em salvar a humanidade Eles merecem receber louvor, ou seja, devem ser adorados e reverenciados.

Por que o Espírito Santo não é citado como tendo um trono no céu?

Os opositores da doutrina da Trindade alegam que Ele não pode ser Deus ou mesmo uma pessoa por que a Bíblia não diz que Ele tem um trono no céu. As referências que existem na Bíblia que relacionam o Espírito Santo com o trono da divindade encontram-se no Apocalipse. Em Ap 1.4 está escrito: “dos sete espíritos que estão diante do Seu trono”, e em 4.2 e 5: “Imediatamente me vi tomado pelo Espírito, e diante de mim estava um trono no céu e nele estava assentado alguém. Do trono saiam relâmpagos, vozes e trovões. Diante dele estavam acessas sete lâmpadas de fogo, que são os sete espíritos de Deus.” Nas duas passagens o Espírito Santo é chamado de Sete espíritos de Deus. Sete é usado no Apocalipse para representar plenitude, assim essa é uma expressão que refere-se a plenitude da divindade revelada na terceira pessoa da divindade, pois há apenas um Espírito (Ef 4.4).

Como o grande conflito tem a ver com o questionamento da autoridade de Jesus, nada mais natural que o Apocalipse apresente o Filho como assentado no trono. O Espírito Santo foi enviado a Terra (Ap 5.6), centro da sua atuação na presente era. O fato da Bíblia falar em certas passagens apenas do trono do Filho (Mt 19.28; 25.31 e He 4.14 e 16) não quer dizer com isso que o Pai também não tenha um trono e que Ele não exista.

Por último, o Sl 47.8 refere-se ao trono de Deus: “Deus está assentado em seu santo trono.” Uma vez que Ele é Deus (At 5.3, 4) então Ele está assentado no trono da divindade também.⁵

II. Objeções à doutrina da Trindade

A doutrina da Trindade é um dogma de Constantino e foi estabelecida no Concílio de Nicéia?

Esse tipo de acusação aparece em toda literatura anti-trinitariana para tentar provar que a doutrina tem origem pagã. Como associamos o nome de Constantino com um cristianismo apóstata é fácil perceber a intenção de ligá-lo a doutrina da Trindade. Contudo, para que essa

acusação seja verdadeira seria necessário que nos dois séculos anteriores a realização do Concílio de Nicéia os autores cristãos não ensinassem essa doutrina e sim o que Ário, que negava essa doutrina, ensinava. Um rápido exame da literatura patrística vai revelar qual era o ensino ortodoxo da igreja.

Clemente de Roma foi líder da igreja da capital do Império no tempo em que João escreveu o livro do Apocalipse e o seu Evangelho. Portanto ele conviveu com vários apóstolos. Cerca do ano 96, Clemente escreveu uma carta para a igreja de Corinto que continuava agitada por grave divisão interna. Nesta longa carta, ele aconselha a igreja:

“Aceitando nosso conselho não tereis de que vos arrepender, pois, vive Deus, vivem o Senhor Jesus cristo e o Espírito Santo, vivem e fé e a esperança dos eleitos.”⁶

Inácio de Antioquia foi bispo da igreja em Antioquia. Em seus escritos há indicações de que ele conheceu pessoalmente o apóstolo João e Paulo. Em sua carta aos Efésios ele escreveu:

“Lembrando-vos de que sois pedras do templo do Pai, elevados para o alto pelo guindaste de Jesus Cristo, que é sua cruz, com o Espírito Santo como corda.”⁷

Justino Mártir nasceu em uma família pagã, converteu-se pela leitura do Novo Testamento. Estudante de filosofia, depois de sua conversão fundou uma escola em Roma. Escreveu duas obras ao imperador Antonino Pio que datam de 150 dC, visando defender o cristianismo de falsas acusações feitas pelos seus opositores. Na obra Da I Apologia ele explica:

“Terminadas as orações, damo-nos mutuamente o ósculo da paz. Apresenta-se então a quem preside aos irmãos pão e um vaso de água e vinho, e ele tomando-os dá louvores e glória ao Pai do universo pelo nome de seu Filho e pelo Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças em razão dos dons que dele nos vêm. [...]

“Por tudo o que comemos bendizemos sempre ao Autor de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus cristo e pelo Espírito Santo.”⁸

Atenágoras, que morreu em 180 dC, era filósofo em Atenas e escreveu a obra “Súplica pelos cristãos”, onde defende o cristianismo em tom respeitoso a Marco Aurélio e seu filho Cômodo. Nessa obra ele faz uma extensa explicação do que os cristãos pensam sobre Deus e nega a acusação deles serem ateus:

“Nós não somos ateus. Reconhecemos a existência de um único Deus, incriado, eterno, invisível, impassível, incompreensível, que não poder ser circunscrito num lugar, que só poder ser atingido pelo espírito e pela razão, que está envolto de luz, de beleza, de espírito e forças inenarráveis, por quem o universo foi criado e ordenado, por quem o mesmo é conservado, mediante o Verbo que está com ele. [...]

“Reconhecemos também, com efeito, um Filho de Deus. [...] O Filho de Deus é Verbo do Pai em ideia e em poder. Tudo foi feito por meio dele, sendo um o Pai e o Filho. O Filho está no Pai e o Pai no Filho, por unidade e poder do espírito e assim o Filho de Deus é espírito e verbo de Deus. [...] O Espírito profético está também de acordo com a razão [...]

“Na verdade, o Espírito Santo, que age através dos que fala em profecias é, dizemos, uma emanção de Deus, de quem brota e em quem reentra como um raio de sol.

“Como, portanto não se admira alguém de ouvir chamar ateus os que admitem um Deus Pai, um Deus Filho e o Espírito Santo, ensinando ser único seu poder e sua distinção ser na ordem?”⁹

Por ultimo podemos mencionar São Teófilo de Antioquia, que viveu na mesma época de Atenágoras. Nasceu na Mesopotâmia e converteu-se ao cristianismo já adulto. Na sua obra *A respeito da cosmogonia bíblica* ele faz um paralelo em os três primeiros dias da criação e a divindade:

“Da mesma forma, os três dias que precedem o aparecimento dos luzeiros, são tipos da Trindade: de Deus, de seu Verbo, e de sua Sabedoria.”¹⁰

O autor da coletânea de onde estamos retirando essas citações faz uma nota explicativa sobre a palavra Trindade: “Aparece aqui, pela primeira vez na literatura cristã, a palavra Trindade (“Trias”) aplicada a Deus. O fato, porem, de Teófilo usá-la como um termo corrente, sem necessidade de explicação, faz pensar que não era seu autor.”¹¹

É claro que não estamos usando os pais da igreja como regra de fé, mas apenas estamos citando-os como testemunhas da crença dos cristãos no tempo anterior ao Concílio de Nicéia. Existem muitos outros escritores cristãos dessa época que defendem a crença na tri-unidade de Deus. A negação dessa doutrina era considerada pela igreja como heresia. Ário não defendia a fé ortodoxa da igreja, mas sim, estava tentando introduzir na igreja o pensamento gnóstico, misturado com a filosofia neoplatônica.

Comentando sobre o teria ocorrido em Nicéia, Rodrigo P. Silva comenta:

“Ao contrário do que muitos pensam, o próprio imperador não tinha interesse algum em ‘promulgar’ uma doutrina trinitária pra a Igreja. Se este fosse o seu intento, ele não precisaria convocar um concílio. Bastava repetir o ato de quatro anos antes, quando promulgou o decreto dominical, e assinar um edito ordenando a todos que adorassem ao Deus triúno.”¹²

É bom lembrar que o centro da discussão em Nicéia não era a Trindade, mas sim a natureza de Cristo em relação ao Pai. O credo Niceno não diz nada sobre o Espírito Santo ser uma pessoa ou não.

As saudações nas cartas paulinas não são trinitarianas.

Ricardo Nicotra comenta que “todas as saudações das cartas de Paulo citam apenas Deus, o Pai, e o seu Filho Jesus Cristo. Nunca citam o Espírito Santo.”¹³ Ele então cita a introdução de todas as cartas de Paulo para confirmar a sua tese. Se Paulo crê na doutrina da Trindade, por que Paulo não faz uso de uma fórmula trinitariana na abertura de suas cartas?

O *Tratado de Teologia Adventista* explica o motivo da preferência paulina pela saudação binitariana:

“É importante ter em conta que nosso conhecimento de Deus surgiu do fato de que Deus habitou na forma imanente com seu povo. A presença histórica do Filho entre nós tornou-se possível e necessária a revelação de Deus o Pai como uma pessoa que deve ser distinta de Deus o Filho como pessoa. Através de todo o NT esta verdade se expressa na íntegra de diferentes formas; uma delas é a fórmula binitária comum: ‘Deus o Pai e o Senhor Jesus Cristo’. [...]

“Podemos perguntar-nos por que se usa a fórmula binitária em vez de trinitariana, pois os escritores do NT eram conscientes da existência da terceira pessoa da Trindade. Para começar, entre a fórmula binitária a trinitariana há uma diferença quantitativa antes que qualitativa. Em outras palavras, a novidade da concepção bíblica de Deus ocorre quando se diz que a pluralidade e a unidade coexistem no ser divino. Uma vez que se descobriu essa coexistência, a diferença entre um conceito binitário e um trinitário se reduz simplesmente a exclusão ou inclusão de uma terceira pessoa divina como constitutiva da pluralidade pessoal do Deus único. Além disso, a fórmula binitária não nega seja a existência ou a atividade da terceira pessoa divina, senão enfatiza o marco específico que se necessita para captar o significado da encarnação. Em outras palavras, o NT trata primeiro de todo com a compreensão da auto-revelação de Deus em Jesus de Nazaré.

“A fórmula binitária é a pressuposição necessária para a encarnação. Posto que a principal tarefa que compreende os escritores do NT é a clarificação da encarnação de Deus em Cristo e suas implicações para a totalidade da teologia, não surpreenda encontrar que em todo o NT se use a fórmula binitariana. Por outro lado, o conceito e a fórmula trinitariana aparecem com pressuposições necessárias para captar devidamente o significado da atividade de Cristo posterior a ressurreição através de seu representante, o Espírito Santo. A preocupação concreta e prática dos escritores do NT podem explicar por que a fórmula trinitariana se utiliza menos frequentemente. Uma revelação plena do ser de Deus foi acessível somente depois que Jesus Cristo mesmo introduziu a pessoa divina do Espírito Santo.”¹⁴

A ênfase do apóstolo não a pluralidade dentro da divindade, mas da revelação de Deus por Cristo e sua relação com a encarnação e salvação do homem. Isso não quer dizer que não haja saudações epistolares trinitarianas em o NT. Nicotra não cita de propósito a saudação da primeira carta de Pedro, por que ela não se encaixa na sua argumentação: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus, peregrinos dispersos no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia, escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de *Deus Pai*, pela obra santificadora do *Espírito*, para a obediência a *Jesus Cristo* e a aspersão do seu

sangue.” Essa introdução explicita o papel de cada um dos membros dentro da divindade e sua relação com o plano da salvação: Fomos escolhidos por Deus Pai, o Espírito Santo faz a obra de nos santificar e Jesus ofereceu a sua vida na cruz pelos nossos pecados. Não é uma questão apenas de citar nomes juntos (como argumentam os antitrinitarianos) para provar a personalidade de cada um deles, mas entender que cada um deles tem um papel ou função distinta nestas passagens. Paulo ensina a mesma distribuição de funções no plano da salvação quando escreveu a Tito: “Mas quando, da parte de *Deus*, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, *Ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo*, que ele derramou sobre nós generosamente, por meio de *Jesus Cristo*, nosso Salvador.” Tanto para Paulo como para Pedro a obra de transformar o caráter do homem é do Espírito Santo. É a obra divina atribuída a uma pessoa divina.

O livro do Apocalipse também começa com uma saudação trinitariana: “João às sete igrejas da província da Ásia: A vocês graça e paz da parte *daquele que é, que era e que há de vir*, dos *sete espírito* que estão diante do seu trono, e de *Jesus Cristo*, que é a testemunha fiel, o primogênito e dentre os mortos e o soberano dos reis da terra.” (cap. 1.4, 5).

2Co 13.13 (14) não é uma forte evidência à favor da doutrina da trindade?

Ricardo Nicotra tenta desvalorizar o peso da evidência da verdade trinitariana nesta passagem afirmando:

“A doutrina da trindade ensina que Deus é o primeiro, também chamado de primeira pessoa da trindade”, Jesus Cristo é a segunda pessoa, e finalmente, o Espírito Santo é a terceira pessoa da trindade. Este é o ensino clássico trinitariano. Mas parece que esta sequência de primeira, segunda e terceira pessoa não estava muito clara para o apóstolo Paulo. Perceba que Jesus Cristo é o primeiro a ser mencionado em II Coríntios 13.13. Ora, se a doutrina da trindade que hoje é ensinada fosse um consenso entre os apóstolos, Paulo certamente obedeceria a ordem das pessoas, no entanto não o fez.”¹⁵

O raciocínio do autor parece lógico, mas parte de uma premissa falsa, portanto a conclusão vai ser falsa. Não existe tal coisa, como primeiro precisamos nos referir ao Pai, depois ao Filho e por último ao Espírito Santo. Isso faz sentido na fórmula batismal mas em outras ocorrências onde aparecem as três pessoas da divindade não há essa preocupação em citá-los em determinada ordem. Nenhum credo ou confissão de fé afirma isso, também. Portanto, o argumento não é válido.

Em continuação o opositor afirma que Paulo não está dizendo que temos “comunhão *com o* Espírito Santo”, mas sim “*do* Espírito Santo”. O que Paulo estaria querendo dizer com isso? A NBLH traduz essa passagem de forma mais clara: “Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e *a presença do Espírito Santo estejam com todos vocês!*”

Além disso, a comunhão com o Pai e o Filho (1Jo 1.3) não nega a possibilidade de termos comunhão com o Espírito Santo (Fp 2.1).

III. Algumas passagens mal compreendidas sobre o Espírito Santo

Deus tem um espírito?

“Pois, quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus.” 2Co 2.11.

Essa passagem tem sido usada para se tentar negar a personalidade do Espírito Santo. Já comentamos essa passagem, mas observe como o Espírito de profecia usa esse texto para provar que o Espírito Santo é um ser pessoal:

“O Espírito Santo é uma pessoa, pois dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Uma vez dado esse testemunho, traz consigo mesmo sua própria evidência. Em tais ocasiões acreditamos e estamos certos de que somos filhos de Deus. [...]

“O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. ‘Por que qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.’ 1Co 2.11.” Ev 616, 617.

O Espírito Santo é o Espírito de Cristo?

“Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o espírito de Cristo, não pertence a Cristo.” Rm 8.9.

Segundo os que negam a distinção entre Espírito Santo e Cristo Paulo estaria usando os termos “Espírito Santo” e “Espírito de Cristo” de forma intercambiável. Assim, eles concluem que o Espírito Santo é Jesus. Se o raciocínio deles for levado um passo além podemos chegar a outra conclusão equivocada. Se lermos com atenção essa parte do capítulo perceberemos que o autor não cita apenas o Espírito Santo e o Espírito de Cristo de forma intercambiável, mas também o Espírito de Deus. Assim, se o Espírito de Cristo é o Espírito Santo então o

Espírito de Deus (referência ao Pai) é o Espírito de Cristo. Portanto, Paulo estaria ensinando que Pai e Filho são a mesma pessoa, da mesma forma que o Espírito Santo é Cristo.

Na primeira parte do capítulo 8 de Romanos (vers. 1-17) Paulo descreve como o crente pode viver a vida cristã de forma plena na medida que se sujeita ao Espírito Santo. Nessa seção, o apóstolo enumera a obra do Espírito na vida do crente: Ele nos liberta do pecado (vers. 2, 9, 10, 13), nos dá uma nova vida (vers. 4), uma nova mente (vers. 5) que produz vida e paz (vers. 6), além de nos garantir a ressurreição (vers. 11) e o sentimento de adoção (vers. 14 a 16). Esse texto revela não só como o Espírito Santo trabalha em nosso favor na vida cristã, mas também de como as outras pessoas da divindade estão envolvidas também.

Quando Paulo usa o termo Espírito de Cristo e Espírito de Deus está revelando a completa unidade da natureza da Trindade, bem como da Sua obra em favor da salvação da humanidade.

“Quando o título ‘Cristo’ é aplicado a Jesus, confirma que Ele foi o cumprimento desses três cargos do AT [rei, profeta e sacerdote]. Neste contes, o Espírito de Cristo implica que o Espírito Santo possui também este ministério tríplice do ungido. Trata-se de um ministério profético em que Ele revela a mensagem de Deus para a humanidade (veja 2Pd 1.21); um ministério sacerdotal que oferece um sacrifício aceitável pelo pecado (veja Hb 9.14); e um ministério real em que Ele reina no reino mais amplo de Deus (veja Rm 8.2).

“No NT, a expressão ‘em Cristo’ é geralmente utilizada para descrever a relação entre o cristão e Jesus como de união e comunhão. Este aspecto do significado do título Cristo está igualmente presente não título Espírito de Cristo. A união e a comunhão com Deus gozadas pelos cristãos são possíveis devido à habitação interior do Espírito Santo (veja 1Co 6.19). Isto significa que o Espírito Santo é o membro da trindade com quem os cristãos tendem a se relacionar mais diretamente em sua união e comunhão com Deus.”¹⁶

Para Walter T. Conner a relação que existe entre o Espírito Santo e Cristo é tão íntima que vai além de um representar ou outro. Ele não foi enviado ao mundo para tomar o lugar de Jesus.

Ele explica que

“A vinda do Consolador significaria que Jesus estava para vir a eles (Jo 14.18). Com a vinda do Espírito eles deveriam ter a permanente presença do Pai e de Cristo (Jo 14.23). [...] O Espírito vem, portanto, não para deslocar a Cristo, antes para fazê-lo real. A presença do Espírito significa a presença espiritual de Cristo.

“Paulo, portanto, fala do Espírito de Deus como o Espírito de Cristo, Ele passa do Espírito de Deus ou o Espírito de Cristo permanecendo em nós para a idéia da permanência de Cristo em nós de tal maneira a demonstrar que todas as três expressões sustentam a mesma realidade. Na verdade, o cristão não pode, em sua experiência, separar a permanente presença de Deus, de Cristo e do Espírito uma da outra.”¹⁷

O Espírito Santo é o Espírito de Jesus?

“Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia. Quando chegaram a fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o espírito de Jesus os impediu.” At 16.6, 7.

O contexto dessa passagem é útil para perceber que longe dela negar a doutrina da trindade, ela a confirma. Lucas termina o relato dizendo que “depois que Paulo teve essa visão, preparando-nos, imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que *Deus* nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho.” (vers. 10). Portanto, o contexto da passagem é trinitariano, pois Lucas cita o Espírito Santo (vers. 6), o Espírito de Jesus (vers. 7) e Deus (vers. 10).

O Espírito Santo é o sopro de Jesus?

“E com isso, soprou sobre eles e disse: ‘Recebam o Espírito Santo’.” Jo 20.22.

Nesse momento os discípulos receberam o Espírito Santo, ou isso só aconteceu dez dias depois que foi feita essa promessa? Essa promessa é proléptica, ou seja, promessa de que mais tarde os discípulos receberiam o Espírito Santo, Portanto, Jesus está *ilustrando* a promessa que eles *iriam* receber ainda.

O Espírito Santo é dado através de Jesus, no sentido de que através de Seu sacrifício Ele tornou possível todas as dádivas divinas ao homem crente. Nesta passagem o Senhor não está falando da pessoa do Conselheiro prometido (Jo cap. 14-16), mas do poder de Deus mediante o qual os discípulos seriam capacitados para realizar a obra de pregar o evangelho no mundo. F. F. Bruce comenta esse versículo:

“O Espírito é cedido pelo sopro de Jesus. O verbo usado (*emphysao*) é o mesmo que a LXX usa em Gênesis 2.7, quando Deus, depois de formar o ser humano do pó da terra, ‘lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente’, e também na ordem dada ao Espírito (*pneuma*), em Ezequiel 37.9: ‘Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam’. Porém, na presente situação a dádiva da vida não está em vista, mas sim a capacitação para o ministério.”¹⁸

O Espírito Santo pode ser derramado?

“E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias.” Jl 2.28, 29.

O argumento de que o Espírito Santo não pode ser uma pessoa por que Deus prometeu “derramá-lo” e isso não pode ser feito com uma pessoa não precede. Se o derramamento do Espírito Santo fosse evidência contra a sua personalidade, então Paulo não poderia ser uma pessoa: “Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida” (Fp 2.17). “Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida.” (2Tm 4.6). Se o apóstolo é uma pessoa e poderia ser “derramado”, dizer que o Espírito Santo não é por que a Bíblia fala o mesmo dEle dificilmente pode ser usado como argumento contra a sua personalidade. O mesmo pode-se dizer da expressão “encher” quando se refere ao Espírito Santo (Ef 5.18). Satanás também pode encher alguém e nem por isso deixa de ser um ser pessoal. A Bíblia ensina que Satanás, um ser sabidamente pessoal, entrou em Judas (Lc 22.3). Personalidade não é o mesmo que corporalidade.

IV. Algumas passagens mal compreendidas sobre Jesus

Cristo é a sabedoria de Deus?

“O Senhor me criou como o princípio de seu caminho, antes das suas obras mais antigas.” Pv 8.22

Essa passagem é aplicada a Cristo pelo Espírito de Profecia (PP 34; 1ME 248). A dificuldade está na forma como ela é traduzida por algumas versões. Enquanto algumas preferem verter “me possuía” (ARA) outras preferem “me criou” (TNM, NVI, NTLH). Este versículo faz parte de uma alegoria onde a sabedoria é exaltada. Paulo chama a Jesus de “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1. 24, 30 NVI). Entender que Cristo teve princípio é o mesmo que pensar que houve um tempo em que Deus não possuía nem sabedoria e poder. Longe de negar a eternidade do Filho esta passagem a atesta.

Cristo é a primeira criação de Deus?

“E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio criação de Deus.” Ap 3.14 (ARC)

A palavra “origem” (do grego *arché*) desta passagem pode ser entendida na forma ativa ou passiva. Se for entendida como passiva então Cristo é um ser criado. Mas se for compreendida com outro sentido então ele é o agente que criou todas as coisas. Com qual destes sentidos a Palavra de Deus concorda? Veja Jo 1.1-3; Hb 1.2; Cl 1.16. A NTLH verte esta passagem desta maneira: “que é a origem de tudo o que Deus criou”. A NVI fez uma tradição mais ampla: “o soberano da criação de Deus.”

Cristo é o primeiro filho de Deus?

“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação.” Cl 1.15.

Referindo-se a Jesus, a palavra “primogênito” é usada sete vezes no Novo Testamento.¹ Duas vezes é usado para se referir ao seu nascimento através de Maria (Mt 1.25; Lc 2.7) e mais cinco vezes com o sentido figurado: “Primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29), “Primogênito de toda a criação” (Cl 1.15), “Primogênito dentre os mortos” (Cl 1.18), “Deus introduz o primogênito no mundo” (Ap 1.5) e “Primogênito dos mortos” (Ap 1.5).

Destas ocorrências a que merece destaque é a de Cl 1.15. Para os antitrinitarianos o sentido do texto é de que Cristo seria o primeiro ser criado. Será que era isto o que Paulo queria dizer? Pelo contexto entendemos que Paulo estava ensinando que Cristo tinha a primazia sobre tudo (veja o v. 18 ú.p.). Ele é eterno, não tem origem (veja Is 9.6 e Mq 5.2). Nas Escrituras nem sempre primogênito significa o primeiro filho, mas pode ter o sentido de proeminente, destaque, pessoa digna de toda atenção. Veja os exemplos de:

- a) Efraim. Compara Jr 31.9 com Gn 41.50-52.
- b) Davi. Compare Sl 89.20,27 com 1Sm 16.10-12.
- c) Sinri. 1 Cr 26.10.
- d) Israel. Compare Ex 4.22 com Dt 7.6,7.

A palavra grega para primogênito é “protótokos”, formada de protos=primeiro, melhor, mais importante, mais preeminente, e tókos=nascido, criança, de tikato=nascer. Ela tem o sentido de mais importante, mas preeminente. Se Paulo quisesse dizer que Cristo era o primeiro ser criado ele teria usado a palavra grega “protoktistos”.

Cristo veio do “seio do Pai”?

“Disse-lhes Jesus: ‘Se Deus fosse o Pai de vocês, vos me amariam, pois eu vim de Deus e agora estou aqui. Eu não vim por mim mesmo, mas ele me enviou.’ Jo 8.42

“O Eterno Pai, Aquele que é imutável, deu seu único Filho, nascido dEle, retirado do seu seio, aquele que foi feito à expressa imagem de Sua pessoa e enviado a terra para revelar o quanto Ele amou a raça humana.” (RH 7 set. 1895).¹⁹

“O divino Filho de Deus estava desfalecente, moribundo. O Pai mandou um mensageiro de Sua presença para fortalecer o divino sofredor, e fortificá-Lo para trilhar a sangrenta estrada. Pudessem os mortais ter contemplado o espanto e a dor

¹ Ellen White também chama a Cristo de Primogênito: “A dedicação do primogênito teve sua origem nos primitivos tempos. Deus prometera dar o *Primogênito do Céu* para salvar os pecadores. Este dom devia ser reconhecido em todas as famílias pela consagração do primogênito. Devia ser consagrado ao sacerdócio, como representante de Cristo entre os homens.” DTN 51 (ênfase nossa).

*da hoste angélica ao testemunharem eles em silencioso pesar o Pai afastando Seus raios de luz, amor e glória de **Seu Filho dileto**², e poderiam melhor compreender quão ofensivo é o pecado aos Seus olhos.” 1TS 225.*

Sobre essa questão o pr. Alfons Balbach comenta:

“Algumas pessoas entendem por esse verso (Jo 8.42) e a partir dessa declaração (RH 9 jul 1895) que Jesus veio literalmente do corpo do Pai em algum tempo remoto da eternidade [...] Volvamos, pó um momento, a nossa atenção à parábola d’ório e de Lázaro, em Lc 16. Se Lázaro, que foi para o seio de Abraão, pudesse vi a nós e se pudéssemos perguntar-lhe: Lázaro, de onde veio? Ele responderia: Eu procedo do seio de Abraão. Para nós é claro que Cristo procedeu do Pai como o esperado ‘governador’ ‘procedia’ do meio do povo (Jr 30.21). E também entendemos que a irmã White empregou a palavra ‘seio’ como indicativo de ‘intimidade, familiaridade’. Ver os exemplos de Dt 13.6; Is 40.11; Lc 16.22, 23. Nesse sentido, Cristo procedeu do seio do Pai e para lá retornou (Jo 1.18).”²⁰

Deus concedeu a divindade ao Filho?

*“Pois, da mesma forma como o Pai tem vida em si mesmo, **Ele concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.**” Jo 5.26.*

“Pois foi do agrado de Deus que nEle habitasse toda a plenitude.” Cl 1.19.

As duas passagens devem ser entendidas à luz da encarnação do Filho. Como Deus Ele não muda (Hb 13.8), mas como homem, tudo que Ele fazia ou era dependia da divindade. Deus é a fonte de toda a vida e o Filho antes da encarnação já participa dessa vida. João dia na introdução do seu evangelho que “nEle [a Palavra, o Logos divino] estava a vida.” (cap. 1.4).

“Por ocasião da encarnação Ele tomou sobre si mesmo a vida mortal, o que fica provado pelo fato de que Ele morreu como homem. Ora, foi ao Filho, na qualidade de homem, que Deus deu essa vida ‘independente’ ou ‘necessária’. Assim sendo, o Filho de Deus, como homem, se tornou o primeiro realmente imortal, porquanto é como homem que possui a vida necessária [ou seja, a vida de Deus que mantém todas as outras coisas vivas]. Por intermédio do Filho de Deus é que essa vida ‘necessária’ ou ‘independente’ é transmitida aos homens, e é justamente isso que é ensinado nos vers. 21, 24, 25; e, de fato o termo ‘vida eterna’ implica em tudo isso, pois a vida eterna consiste na verdadeira participação da vida divina. Ver 2Pd 1.4.”²¹

O Pai é maior que o Filho?

*“Vocês me ouvirem dizer: Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois **o Pai é maior do que eu.**” Jo 14.28*

² Osório traduz o original em inglês “Son of His bosom” por “Filho do Seu seio” para afirmar que Cristo foi gerado por Deus.

Quando Jesus disse “o Pai é maior do que eu” estava afirmando que não era igual a Deus? Devemos lembrar, mais uma vez, que esta passagem deve ser entendida no contexto da encarnação. Em Hb 2.9 é dito que Ele foi feito menor que os anjos. Significa que Ele é inferior aos anjos? Não, pois Ele os criou (Cl 1.16).

Por ser Filho de Deus Cristo não é eterno?

Os antitrinitarianos dizem que “se Cristo fosse co-eterno com o Pai, ou eterno junto com o Pai, então ele não poderia ser seu Filho, simplesmente porque *não existe nenhum Filho com a mesma idade de seu pai.*”²²

A confusão que se faz aqui com as palavras “Pai” e “Filho” quando se discute a relação que existe entre os membros da divindade é fruto do desconhecimento das peculiaridades da cultura bíblica. Lund e Nelson comentam que “era costume entre os hebreus chamar a uma pessoa filho da coisa que de um modo especial a caracterizava, de modo que ao pacífico e bem disposto se chamava **filho da paz**; aos iluminados e entendido, **filho da luz**; aos desobedientes, **filhos da desobediência**, etc. (veja-se Lc 10.6; Ef 2.2; 5.6 e 5.8).”²³

Portanto, quando a Bíblia afirma que Cristo é Filho de Deus está afirmando que Ele é Deus. Na discussão com os judeus sobre a santificação do sábado, Jesus usa um argumento que para eles soou como blasfêmia: “Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando.” (Jo 5.17) Ao afirmar que Ele fazia algo que o Pai também fazia colocou-se no mesmo nível que o divino, em pé de igualdade com Deus. Por isso a conclusão do vers. 18: “Por essa razão, os judeus mais ainda queriam matá-lo, pois não somente estava violando o sábado, mas também estava dizendo que Deus era seu próprio Pai, *igualando-se a Deus.*” Enquanto os anjos são filhos de Deus por criação (Jó 38.7) e nós somos filhos de Deus por adoção (Jo 1.12; Ef 1.5), Cristo é filho de Deus por natureza (Jo 1.1; 5.18; 20.28). Os judeus não ousavam chamar a Deus de Pai, por que eles entendiam que esse termo o igualava ao homem.

Quando Jesus afirmou que “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30) despertou um sentimento de revolta entre os judeus novamente. Eles resolveram apedrejá-lo alegando que Cristo blasfemava porque sendo “um simples homem e se apresenta como Deus.” (vers. 33). A expressão Filho de Deus não nega a divindade de Cristo, pelo contrário, a confirma.

Referências:

- ¹ GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática*, p. 113.
- ² OSÓRIO, Sérgio. *A divindade ou a trindade?* p. 87.
- ³ Citado por Jairo Carvalho em *A Divindade*, p. 5.
- ⁴ TIMM, A. R. *Em Manuscript Releases*, vol. 14, págs. 23 e 24, estaria Ellen White sugerindo que Cristo e o Espírito Santo são a mesma pessoa? *Revista do Ancião*, jul-set, 2005.
- ⁵ MOURA, Ozeas Caldas. *Trono*. Seção Boa pergunta. *Revista Adventista*, maio de 2007, p. 17.
- ⁶ *Primeira carta de São Clemente aos Coríntios*, citado por Cirilo Folch Gomes em *Antologia dos santos Padres*, p. 21, 22.
- ⁷ Citado em *Antologia dos santos Padres*, p. 32, 33.
- ⁸ *Idem*, p. 66.
- ⁹ *Idem*, p. 95.
- ¹⁰ *Idem*, p. 97.
- ¹¹ *Ibidem*.
- ¹² SILVA, Rodrigo P. *Trindade: dogma de Constantino?* *Revista Adventista*, julho de 2005, p. 15.
- ¹³ NICOTRA, Ricardo. *Eu e o Pai somos um*, p. 30.
- ¹⁴ *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, p. 147.
- ¹⁵ *Eu e o Pai somos um*, p. 56.
- ¹⁶ TOWNS, Elmer. *Os nomes do Espírito Santo*, p.100, 101.
- ¹⁷ CONNOR, Walter T. *Revelação e Deus*, p. 283, 284.
- ¹⁸ BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*, p. 334.
- ¹⁹ Citado por OSÓRIO, Sérgio. *A Divindade ou a trindade?* p. 25).
- ²⁰ BALBACH, Alfons. *Considerações sobre a Divindade*, p. 83.
- ²¹ CHAMPLIN, Russel N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 2, p. 346. (Parêntese nosso)
- ²² OSÓRIO, Sérgio. *A Divindade ou a trindade?* p. 21.
- ²³ LUND, E. e NELSON, P. C. *Hermenêutica*, p. 108.

Apêndice 1 Quadro comparativo da Trindade

Deus único

1. *Deus*. A Bíblia ensina que só existe um Deus (Dt 6.4; Sl 86.10; Is 44.6), mas também que cada um dos membros da Trindade é Deus: O Pai é Deus (Jo 17.3); o Filho é Deus (Jo 1.1; 8.58; 20.28; 2Pd 1.1; 1Jo 5.30); O Espírito Santo é Deus (At 5.3, 4).
2. *Jeová*. As Escrituras Sagradas ensinam que só existe um Jeová (Dt 6.4; Is 45.5, 6, 18), contudo, cada um dos membros da Trindade é chamado de Jeová: o Pai é Jeová (1Cr 17.20); o Filho é Jeová (Mt 4.3 comp. Is 40.3; veja Zc 2.9-11 onde se profetiza que Jeová [Pai] enviaria Jeová [Filho] ao Seu povo); o Espírito Santo é Jeová (compare Jr 31.33 com Hb 10.15; Is 6.1, 8 e 9 com At 28.25, 26 e Jz 15.14 com 16.20).

Obs.: Ellen White identificou Cristo como Jeová: “Jeová é o nome dado a Cristo.” ST 3 maio. 1899.

3. *Senhor*. As Escrituras apregoam que Deus é Senhor (Sl 86.12; Mc 12.29), mas afirma o senhorio do Pai (Mt 1.6; Ap 11.15), Filho (1Co 12.3) e o Espírito Santo (2Co 3.16-18 [ARA]).

Obs.: Apesar da Bíblia ensinar que apenas Jesus é Senhor (Jd 4), como vimos, isso não nega o senhorio do Pai e do Espírito Santo.

4. *Criador*. Está escrito que Deus criou todas as coisas (Hb 3.4; Is 40.28; 45.18). Porém, a Bíblia diz que o Pai é criador (At 14.15; Ap 4.10, 11), o Filho é criador (Jo 1.3; Cl 16-18; Hb 1.2) e o Espírito Santo é criador (Gn 1.2; Jó 26.13; 33.4 e Sl 104.30 [ARA]). Contudo só existe um criador (Is 44.24).

Atributos divinos incomunicáveis

Podemos classificar os atributos de Deus em duas categorias: aqueles que são comunicáveis (como amor, paciência, misericórdia, justiça, etc) e incomunicáveis (aqueles que apenas Ele possui). Tanto o Espírito Santo quanto Jesus tem atributos que só pertencem a Deus.

Vamos dar uma olhada nos atributos incomunicáveis de Deus. Podemos defini-los como as qualidades divinas que são exclusivas dEle e não são compartilhadas com nenhum outro ser no Universo. São atributos interdependentes, pois se faltar um deles na divindade, Ele deixaria de ser Deus:

1. *Onipotente*. Somente Deus pode todas as coisas (Jó 42.2; Lc 1.37; Dt 3.24; Is 40.26). O Pai tem esse atributo (Ef 1.19; Is 43.13), bem como o Filho (Mt 28.18 comparado com Fp 2.5-8; 3.21; compare Mt 8.27 com Sl 89.8 e 9) e o Espírito Santo (Rm 15.13; Sl 139).

2. *Onisciente*. Somente Deus sabe todas as coisas (Dn 2.20-22). Contudo o Pai sabe todas as coisas (Sl 33.13) e tanto o Filho (leia Jo 2.25 e compare com 1Re 8.39; Cl 3.3; Jo 16.29 e 21.17) quanto o Espírito Santo também (Is 40.13, 14; 1Co 2.10, 11).
3. *Presciência*. Esse atributo está relacionado com a onisciência divina. Contudo está mais ligada a nossa eleição e ao plano da redenção. Presciência é a capacidade divina de dizer o que vai acontecer antes que se torne fato (Is 42.9; Is 46.10). Esse atributo tanto o Pai (At 2.23; 1Pd 1.2), quanto o Filho (Mt 24) ou Espírito Santo possui (At 1.16; 1Pd 1.10-12; 2Pd 1.21).
4. *Onipresente*. Somente Deus pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo (Jr 23.34; 2Cr 6.18). Esse atributo é compartilhado pelo Pai (Am 9.2, 3; Hb 4.13), o Filho (Ef 4.10; Mt 18.20 e 28.20) e o Espírito Santo é onipresente (Sl 139.7-10).
5. *Eternidade*. Ao contrário do homem que conhece a finitude, pois ele nasce e morre, Deus não tem início e nem fim (Sl 90.1, 2 [NBLH]; 93.2). O Pai é eterno (Gn 21.33); o Filho é eterno (Is 9.6; Mq 5.2; Jo 1.1) e o Espírito Santo é eterno (Hb 9.14).

Atributos divinos comunicáveis

Atributos comunicáveis são aqueles que a humanidade compartilha com Deus, por sermos feitos a Sua imagem e semelhança (Gn 1.26, 27). Eles são plenos em Deus, mas relativos em nós.

1. *Amor*. Deus é amor (1Jo 4.8): por isso, o Pai nos ama (Sl 103.8, 11; Ef 1.5; 2.4; Jd 21), o Filho nos ama (Gl 2.20; Ap 1.5) e o Espírito Santo nos ama também (Rm 15.30).
2. *Bondade*. Pai é bom (Ne 9.17; Sl 86.5), bem como o Filho (2Co 10.1) e o Espírito Santo (Nm 9.20; Slç 143.10).
3. *Santidade*. É um atributo compartilhado pelo Pai (1Pd 1.15, 16), pelo Filho (Dn 9.24; Lc 1.35; At 3.14) e pelo Espírito Santo (1Jo 2.20).
4. *Salvação*. Todos os membros da divindade salvam: o Pai (), o Filho () e o Espírito Santo ()).

Obs: A divindade está envolvida na obra de salvação:

“A Divindade moveu-se de compaixão pela raça, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo deram-*Se* a Si mesmos ao estabelecerem o plano da redenção.” CSS 222.

5. *Sabedoria*. O Pai é sábio (Rm 16.27), o Filho (Cl 2.3) e o Espírito Santo também (Is 11.2).
6. *Verdade*. O Pai é a verdade (Jr 10.10), assim como o Filho (Jo 14.6) e o Espírito Santo (Jo 14.17; 15.26; 1Jo 5.6).

A Trindade e o plano da salvação

Walter T. Connor afirma que o trabalho do Pai, Filho e Espírito é cada qual o trabalho de Deus. Ele explica:

“O trabalho de Cristo é o trabalho de Deus. Cristo não é um ‘delegado’ a quem Deus mandou, nem é o Espírito Santo um agente externo enviado pelo Pai e pelo Filho. A obra de Cristo e do Espírito Santo é tanto o trabalho de Deus como é o trabalho do Pai. “O trabalho de cada qual é, portanto, inclusive no trabalho de outros e não exclusivo. Às vezes se fala do trabalho ‘oficial’ das três pessoas da Trindade como se cada qual concordasse em fazer uma certa parte na obra de salvar o homem; como se cada qual fizesse seu trabalho num modo mutuamente cooperativo e externo; como se o Pai fizesse sua parte e cessasse; então o Filho fizesse a sua parte e cessasse; então o Espírito Santo tomou a si sua parte da tarefa e está trabalhando para completar o programa. Isto é mais uma vez triteístico em sua tendência. O conceito neo-testamentário não é que o Pai, o Filho e o Espírito Santo mutuamente ou sucessivamente cooperam em desenvolver um plano previamente acordado, mas antes, que todos trabalham em cada um e mediante cada um. O trabalho do Filho é o trabalho do Pai, e o Pai opera no Filho e pelo Filho. O trabalho do Espírito é o trabalho de Cristo, e Cristo opera no Espírito e pelo Espírito. O trabalho de cada qual é o trabalho de todos, e o trabalho de todos é o trabalho de cada um. Existe, não obstante, uma distinção de ‘ofício’ ou função. O Pai é a fonte e origem de todas as coisas; o Filho é o meio da energia irradiadora e do poder de Deus; o Espírito Santo trabalha para completar todas as coisas. Mas nenhum trabalho com exclusão dos outros, mas de modo que a operação de cada qual o seja de todos – não de todos separadamente, mas da Deidade como uma unidade.”¹

Vamos alguns exemplos de atuação e cooperação mútua da divindade:

1. *Ressuscitaram a Jesus.* O Pai ressuscitou a Jesus (At 2.24, 32; 13.30), o Espírito Santo ressuscitou a Jesus (Rm 8.11; 1Pd 3.18) e Cristo ressuscitou pela vida que havia em si mesmo (Jo 2.19; 10.19).

Obs.: Comentando sobre a ressurreição de Cristo, Ellen White esclarece:

“Quando foi ouvida no túmulo de Cristo a voz do poderoso anjo, dizendo: ‘Teu Pai Te chama’, o Salvador saiu do sepulcro pela vida que havia em Si mesmo.” DTN 753.

2. *Morar nos crentes.* O Pai (Jo 14.23), o Filho (Ef 3.17) e o Espírito Santo (Jo 14.17) residem no coração do crente.

Obs.: “A união entre Cristo e Seu povo deve ser viva, verdadeira, infalível, assemelhando-se à união que existe entre o Pai e o Filho. Essa união é o fruto da permanência interior do Espírito Santo.” 56MM 293.

3. *Dar vida eterna.* O Pai dá a vida eterna ao crente (1Jo 5.11), com como o Filho (Jo 10.28) e o Espírito Santo (Gl 6.8)

4. *Autor do novo nascimento.* O Pai (Jo 1.12, 13), o Filho (1Jo 5.4, 5) e o Espírito Santo (Jo 3.3-8; Tt 3.5) geram uma nova vida no convertido.
5. *Santifica.* O Pai santifica (1Jo 2.5; 4.12), o Filho Santifica (1Jo 3.23, 24) e o Espírito Santo santifica (Rm 15.16; 1Pd 1.2). É a vontade de Deus a nossa santificação (1Ts 4.3).
6. *Inspirar os profetas.* O Pai (2Tm 3.16; Hb 1.1), o Filho (1Pd 1.11; Ap 11.3) e o Espírito Santo (Zc 7.12; 2Pd 1.21) inspiraram os profetas.
7. *Intercede.* O Pai (Jo 16.26, 27), o Filho (Rm 8.34; Hb 7.25; 1Jo 2.1) e o Espírito Santo (Rm 8.26, 27) intercedem por nós.

Obs.: Em geral associamos a obra de intercessão ao Filho, mas a divindade está comprometida na salvação da humanidade. Todos os membros da divindade intercedem por nós. Por isso Paulo ensinou que “agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

8. *Distribui dons espirituais.* Os dons espirituais são distribuídos conforme a vontade do Espírito Santo (1Co 12.4, 11), o seu campo de atuação é definido pelo Filho (1Co 12.5) e o Pai determina o resultado (1Co 12.6; 3.7).
9. *Revela:* O Pai (Am 3.7), o Filho (Mt 11.27) e o Espírito Santo (Ef 3.5) fazem revelações à humanidade.

Referências:

¹ CONNER, Walter T. *Revelação e Deus*, p. 314.

Apêndice 2

Nomes e títulos do Espírito Santo

Na Bíblia, o Espírito Santo tem vários títulos e nomes. Enquanto os nomes revelam a Sua natureza e caráter, os títulos demonstram sua reputação. Severino Pedro da Silva pergunta: “Se o Espírito Santo não fosse de fato uma pessoa, como se dariam tantos nomes a Ele?” e então responde: “A razão natural e as luzes da fé afirma que Ele existe”¹ Vamos apurar uma lista com alguns nomes e títulos para provar essa afirmação.²

Pronomes

Para descrever Sua existência são usados pronomes:

EU: “Enquanto Pedro ainda estava pensando na visão, o Espírito lhe disse: ‘Simão, três homens estão procurando por você. Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois *eu* os envie.’” At 10.19, 20.

ME: “Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: ‘Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que [*eu*] os tenho chamado’.” At 13.2.

QUEM: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a *quem* o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.” Jo 14.26 (ARA).

OUTRO: “E eu pedirei ao Pai, e Ele lhes dará *outro* Conselheiro para estar com vocês para sempre.” Jo 14.16.

Nomes

Enquanto alguns dos títulos ou nomes do Espírito Santo descrevem sua natureza, outros falam da Sua obra ou ainda de Sua manifestação:

O ESPÍRITO: “E *o Espírito* disse a Filipe: ‘Aproxime-se dessa carruagem e acompanhe-a.’” At 8.29.

O SANTO: “Mas vocês têm uma unção, que procede do *Santo*, e todos vocês têm conhecimento.” 1Jo 2.20.

O ESPÍRITO SANTO ENVIADO DO CÉU: “A eles foi revelado que estavam ministrando, não para si próprios, mas para vocês, quando falaram das coisas que agora lhes foram anunciadas por meio daqueles que lhes pregaram o evangelho pelo *Espírito Santo enviado dos céus*, coisas que até os anjos anseiam observar.” 1Pd 1.12.

O ESPÍRITO DE DEUS: “Era a terra sem forma e vazia, trevas cobriam a face do abismo e *o Espírito de Deus* se movia sobre a face das águas.” Gn 1.2.

O ESPÍRITO DO DEUS VIVO: “Vocês demonstraram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com *o Espírito do Deus vivo*, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos.” 1Co 3.3.

O ESPÍRITO DO SOBERANO: “*O Espírito do Soberano*, o Senhor, está sobre mim.” Is 61.1.

O ESPÍRITO DO SENHOR: “Quando saíram da água, *o Espírito do Senhor* arrebatou Filipe repentinamente.” At 8.39.

O ESPÍRITO DO PAI: “Pois não serão vocês que estarão falando, mas *o Espírito do Pai* de vocês falará por intermédio de vocês.” Mt 10.20.

O ESPÍRITO DE CRISTO: “Procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava *o Espírito de Cristo* que neles estava, quando lhes pedisse os sofrimentos de Cristo e as flórias que se seguiriam àqueles sofrimentos.” 1Pd 1.11.

O ESPÍRITO DE JESUS CRISTO: “De fato, continuarei a alegrar-me, pois sei que o que me aconteceu resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do *Espírito de Jesus Cristo*.” Fp 18, 19.

O ESPÍRITO DE JESUS: “Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu.” At 16.7.

O ESPÍRITO DE SEU FILHO: “E, porque vocês são filhos, Deus enviou *o Espírito de Seu Filho* ao coração de vocês, e ele clama: ‘Aba, Pai’.” Gl 4.6.

O ESPÍRITO DE JUSTIÇA e ESPÍRITO PURIFICADOR: “Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o *Espírito de Justiça* e com o *Espírito Purificador*.” Is 4.4, ARA.

O ESPÍRITO DE AÇÕES DE GRAÇAS E DE SÚPLICA: “E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um *Espírito de ação de graças e de súplicas*.” Zc 12.10.

O ESPÍRITO DE ADOÇÃO: Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez atemorizados, mas recebestes o *Espírito de adoção*, baseados no qual clamamos: ‘Aba, Pai’.” Rm 8.15 (ARA).

O ESPÍRITO SANTO DA PROMESSA: “Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o *Espírito Santo da promessa*.” Ef 1.13.

O ESPÍRITO DE VIDA: “Porque por meio de Cristo Jesus a lei do *Espírito de vida*, me libertou da lei do pecado e da morte.” Rm 8.2.

O ESPÍRITO DE VERDADE: “Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o *Espírito da verdade* que provém do Pai, Ele testemunhará a Meu respeito.” Jo 15.26.

O ESPÍRITO DE GRAÇA: “Quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o *Espírito da graça?*” Hb 10.29.

O ESPÍRITO DA GLÓRIA: “Se vocês são insultados por causa do nome de Cristo, felizes são vocês, pois o *Espírito da glória*, o Espírito de Deus, repousa sobre vocês.” Tg 4.14.

O ESPÍRITO ETERNO: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo *Espírito eterno* se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos aos Deus vivo!” Hb 9.14.

O ESPÍRITO DE SABEDORIA E REVELAÇÃO: “Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê *Espírito de sabedoria e de revelação*, no pleno conhecimento dEle.” Ef 1.17.

O ESPÍRITO DE SANTIFICAÇÃO: “E que mediante o *Espírito de santidade* foi declarado Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor.” Rm 1.4.

O TEU BOM ESPÍRITO: “Deste o *teu bom Espírito* para instruí-los.” Ne 9.20.

OS SETE ESPÍRITOS: “João às sete igrejas da província da Ásia: A vocês, graça e paz da parte daquele que é, que era e que há de vir, dos *sete espíritos* que estão diante do seu trono.” Ap 1.4.

Ele é apresentado em Sua plenitude, septiforme, em Is 11.2, 3:

O ESPÍRITO DO SENHOR

ESPÍRITO QUE DÁ SABEDORIA

O ESPÍRITO ENTENDIMENTO

O ESPÍRITO QUE TRAZ CONSELHO

O ESPÍRITO DE PODER

O ESPÍRITO QUE DÁ CONHECIMENTO

O ESPÍRITO DE TEMOR DO SENHOR

Títulos

O CONSELHEIRO: “E eu pedirei ao Pai, e Ele lhes dará outro *Conselheiro* para estar com vocês para sempre.” Jo 14.16.

O DEDO DE DEUS: Jesus ensinou aos judeus incrédulos que a fonte de Seu poder era “o dedo de Deus” (Lc 11.20). Na passagem paralela de Mt 12.28 Ele diz que é o “Espírito de Deus”.

A SEMENTE DE DEUS: “Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a *semente de Deus* permanece nele; ele não pode estar no peado, porque é nascido de Deus.”

1Jo 3.9.

O DOM DE DEUS: “Jesus lhe respondeu: ‘Se você conhecesse *o dom de Deus* e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido e ele lhe teria dado água viva.’” Jo 4.10.

RIOS DE ÁGUA DA VIVA: “‘Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão *rios de água viva*’. Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem.” Jo 7.38, 39.

MÃO DE DEUS: “Já em Judá *a mão de Deus* esteve sobre o povo dando-lhes unidade de pensamento para executarem o que o rei e seus oficiais haviam ordenado, conforme a palavra do Senhor.” 2Cr 3-.12.

ORVALHO PARA ISRAEL: “Serei como *orvalho para Israel*; ele florescerá como o lírio.” Os 14.5.

Referências:

¹ SILVA, Severino Pedro da. *A existência e a pessoa do Espírito Santo*, p. 29.

² Baseado em: SILVA, Severino Pedro da. *A existência e a pessoa do Espírito Santo*, p. 26-29 e TOWNS Elmer. *Os nomes do Espírito Santo*, p. 187-190.

Bibliografia

- ANDERS, Max. *O Espírito Santo em 12 lições*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- APOLINÁRIO, Pedro. *As Testemunhas de Jeová e sua interpretação da Bíblia*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1968.
- BALBACH, Alfons. *Considerações sobre a Divindade*. Almirante Tamandaré, PR: Edições Ebenezer, 2008.
- BANCROFT, E. H. *Teologia elementar: doutrinária e conservadora*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2001.
- BENEDICTO, Marcos. *O Deus da Bíblia*. Revista Adventista, julho de 2007, p. 8 a 12.
- BERKHOF, Henrikus. *La doctrina de Espiritu Santo*. Buenos Aires, Argentina: Editorial La Aurora, 1969.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas, SP: Luz para o Caminho Publicações, 1990.
- BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967.
- CARDOSO, Matheus. *Os pioneiros adventistas e a Trindade*, Revista Adventista, agosto de 2011, p. 8-11.
- CARVALHO, Jairo Pablo Alves de. *A Divindade*. Contenda, PR: Ministério 4 anjos, s. d.
- _____. *“Todavia, para nós há um só Deus, o Pai”*. Contenda, PR: Ministério 4 anjos, s. d.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, 6 volumes. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1982.
- CHRISTIANINI, Arnaldo B. *Radiografia do Jeovismo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975.
- CONNER, Walter Thomas. *Revelação e Deus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1973.
- D'ARAÚJO Filho, Caio Fábio. *Espírito Santo: O Deus que vive em nós*. Curitiba, PR: Editora Luz e Vida, 1996.
- DUCAN, Homer. *As Testemunhas de Jeová e a divindade de Cristo*. Edições Núcleo, 1977
- DUTTON, Garner Allen. *O Espírito Santo de Deus no eterno propósito*. São Paulo: Editora Vida cristã, 1980.
- FROMM, LeRoy Edwin. *A vinda do Consolador*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- GONZALES, Lourenço. *Contenda: o caminho do ômega*. Niterói, RJ: Editora Ados, 2005.
- GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- JÄKEL, Silas. *O Alfa e o Ômega da apostasia*. Adventistas-históricos, 2009.
- KELLY, J. N. D. *Doutrinas centrais da fé crista: origem e desenvolvimento*. São Paulo: coesões Vida Nova, 1994.
- KNIGHT, George. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.
- LIVINGSTON, Neil C. *A grande conspiração*. Adventistas históricos, 2011.
- LUND, E. e NELSON, P. C. *Hermenêutica*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- MACDOWELL, Josh e LARSON, Bart. *Jesus: uma defesa bíblica da sua divindade*. São Paulo: Editora e distribuidora Candeia, 1994.
- MENEZES, Aldo. *Por que abandonei as Testemunhas de Jeová*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- MOON, Jerry. *O debate adventista sobre a Trindade*. Parousia, ano 4, nº 2 (2º semestre de 2005), p. 19-30.
- NICOTRA, Ricardo. *“Eu e o Pai somos um”*. São Paulo: Ministério Bíblico Cristão, 2004.

- NISTO cremos: 27 ensinios bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- OSÓRIO, Sérgio. *A Divindade ou a Trindade?* Gráfica Kimpress, 2010.
- PRATNEY, Winkie A. *A natureza e o caráter de Deus*. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- RAMOS, José Carlos (entrevista). *A personalidade e a divindade do Espírito Santo*. Revista Adventista, julho de 2004.
- REID, George (ed). *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*. Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009.
- RODOR, Amin A. *O Espírito-paráketos no quarto evangelho*. Parousia, ano 4, nº 2 (2º semestre de 2005), p. 53-67.
- SANTOS, Ênio dos. *O Espírito Santo no passado, presente e futuro*. Ijuí, RS: Colméia Gráfica e Editora, 2003.
- SILVA, Rodrigo P. *Trindade: dogma de Constantino?* Revista Adventista, julho de 2005.
- SPROUL, R. C. *O mistério do Espírito Santo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997.
- TOWNS, Elmer. *Os nomes do Espírito Santo*. São Paulo: Editora e Publicadora Quadrangular, 1995.
- SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.
- SMITH, Uriah. *As profecias do Apocalipse*. Lisboa, Portugal: Publicadora Atlântico, 1945.
- _____. *As profecias do Apocalipse*. Itaquaquecetuba, SP: Edições Vida Plena, s.d.
- SILVA, Severino Pedro. *A existência e a pessoa do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2010.
- SOARES, Esequias. *Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.
- VAN DUSEN, Henry P. *Espiritu, Hijo y Padre*. Buenos Aires, Argentina: Editorial y Librería La Aurora e Casa Unida de Publicaciones, 1958.
- WAGGONER, E. J. *Cristo e Sua justiça*. Contenda, PR: Ministério 4 anjos, s.d.
- WALVOORD, John F. *The Holy Spirit*. Grand Rapids, Michigan, USA: Zondervan Publishing House, 1970.
- WOODROW Whidden, MOON, Jerry e REEVE, John W. *A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do Cristianismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- ZALDÚA, Christian A. *Batismo em nome da trindade*. Revista Ministério Adventista, julho/agosto de 2007, p. 17-20.
- ZURCHER, Jean R. *Tocado por nossos sentimentos*. Sem editora, 2002.

Revistas

Revista Adventista, diversos números.

Revista Ministério Adventista, diversos números.

Revista Parousia. A Trindade nos escritos de Ellen G. White. Ano 5, nº 1, 1º semestre de 2006.

Abreviações

ARA Almeida Revista e Atualizada

ARC Almeida Revista e Corrigida

AT Antigo Testamento

BJ Bíblia de Jerusalém

BP Bíblia do Peregrino

Cap. Capítulo

D.C. Depois de Cristo

EC Edição Contemporânea de Almeida

Gr. Grego
Hb. Hebraico
Lit. Literalmente
LXX Septuaginta
NBLH Nova Bíblia na Linguagem de Hoje
NT Novo Testamento
TB Tradução Brasileira
TEB Tradução Ecumênica Brasileira
TNM Tradução Novo Mundo
Vers. Versículo

Abreviações dos escritos de Ellen G. White

CB Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia, vol. 1 a 7.
CRA Conselhos sobre o regime alimentar
CSS Conselho sobre saúde
DTN Desejado de todas as nações, O
EF Eventos finais
Ev Evangelismo
GC Grande conflito, O
ME Mensagens escolhidas, volumes 1 a 3
MM Meditações matinais
TM Testemunhos para ministros
OE Obreiros evangélicos
OP Outro poder, O
RH Review and Herald
ST Signs of the times
T Testemunhos para a igreja, volumes 1 a 9
TS Testemunhos seletos, volumes 1 a 3.